2.ª EDIÇÃO

Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 485
Junho 1984
Segunda-feira

18 30$00

Fundador Joaquim Manso | Director A. Ruella Ramos | Director-adjunto Fernando Piteira Santos

Às 12.30 na Av. das Forças Armadas

Prédio ruiu com moradores lá dentro

Uma senhora em estado grave, duas outras com ferimentos ligeiros e duas crianças desaparecidas é o balanço do desabamento parcial de um prédio da Avenida das Forças Armadas, ocorrido cerca das 12.30 de hoje.

O prédio que ruiu, no n.º 8 daquela avenida, estava habitado, tinha cinco andares e dez inquilinos. Ao lado, tinha sido demolido recentemente um outro edifício, em cuja área decorriam agora obras de fundações para uma futura construção.

Os operários da firma encarregada das fundações, tal como o engenheiro que chefia as obras, aperceberam-se ao fim da manhã de que o edifício «estalava». Por isso, foram avisar os inquilinos mas já no momento em que se verificava o desabamento.

A possibilidade de se encontrarem duas crianças soterradas nos escombros era admitida à hora do fecho desta edição. Tal não estava, porém, confirmado, por também ser admitido que se tivessem ausentado de casa sem que os adultos se apercebessem.

Foram as traseiras, do lado esquerdo, a parte mais perto do local onde decorriam as obras das fundações, que desabaram. «Nada fazia prever isto» – disse ao «DL» o eng.º Pereira da Silva, da empresa Teixeira Duarte, que fazia as obras.

As três senhoras feridas foram transportadas para o Hospital de Santa Maria, onde ficaram internadas. A possibilidade de se encontrarem nos escombros alguns dos feridos fez acorrer ao local cerca de meio milhar de bombeiros de três corporações (BSB, Cruz de Malta e Voluntários de Cabo Ruivo).

O presidente da Câmara e vereadores das forças políticas representadas compareceram também no local. Essa presença motivaria, como já vem sendo habitual nestes casos, manifestações de desagrado por parte das pessoas atingidas.

«Já tínhamos feito exposições completas sobre a nossa situação à Câmara, à Polícia, à Assembleia da República, ao Governo, a todos» – disse-nos uma das moradoras. «Ninguém fez caso e agora foi isto...»

O presidente Abecasis afirmou no local ao «DL» que nada fazia prever o acidente, uma vez que a «Teixeira Duarte» é a melhor empresa portuguesa em fundações. De qualquer modo, as obras foram hoje mesmo embargadas – foi o próprio presidente da CML que o comunicou ao nosso jornal –, até que seja tomada uma decisão final sobre a sua continuação. À sua espera, Abecasis tinha a inquilina do 2.º andar direito, Maria Alica Alcobia, que queria à viva força entrar na área das fundações, onde o presidente da CML trocava impressões com o chefe operacional dos bombeiros, e perguntar-lhe por que não providenciara pela proibição das obras quando há mais de um ano dez chefes de família (o correspondente a mais de cinquenta pessoas) denunciaram o perigo das obras à Câmara.

Contra a Espanha e sem ambição

Chalana olha p'ra Anabela e dedica-lhe a faena

Reportagem do nosso enviado Neves de Sousa, na página 14

EUROPEU DE FUTEBOL com o patrocínio da

CENTREL

AUTOMÁTICA ELECTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L. AEP

o maior grupo português
de Telecomunicações e Electrónica Profissional

comunicação social

Porta-voz de Soares e Belém foram "cumplices" da emissão-piratada TSF

Uma nota da Presidência da República de apoio ao pluralismo inerente à liberalização das Rádios Livres e um depoimento do porta-voz do Primeiro-Ministro, Carneiro Jacinto, defendendo a rápida concessão de alvarás para novas estações emissoras foram – a par de idênticas intervenções de dezenas de personalidades dos mais variados sectores da vida nacional – momentos significativos da primeira emissão da Cooperativa de Rádio TSF, feita ontem para a Grande Lisboa.

Foram quatro horas de boa Rádio. Os depoimentos ou intervenções, intercalados por música de qualidade e pela leitura de poemas, sucederam-se entre as nove e as treze horas de domingo. De início houve interferências e, num ou noutro ponto da cidade, os ouvintes das duas frequências da TSF ficaram, nos primeiros momentos de emisão, baralhados pela «entrada» no ar de uma missa.

Mota Amaral, Leonardo Ribeiro de Almeida, Fernando Condesso, Igrejas Caeiro, Natália Correia, Jorge Lacão, Nuno Rocha, Narrana, Coissoró, Nogueira de Brito, Jorge Lemos, Helena Cidade Moura, José Saramago e Joaquim Letria, e até os «craques» Bento, Eurico e Jordão, foram alguns dos muitos «cúmplices» da emissão da TSF.

«Não é mais possível...»

«A única leitura possível desta reunião – disse no final, um dos membros da direcção da cooperativa – é a de que existe na sociedade portuguesa um vasto consenso sobre a necessidade de surgirem novas emissoras em Portugal, e de que pouco vale a pena continuar a contrariar uma vontade tão largamente partilhada».

«Esta emissão – disse ainda Emídio Rangel, um dos 14 cooperantes da TSF – é, assim, não um desafio ao Governo, mas um apelo para que entenda este movimento que fez desabrochar em todo o território dezenas de pequeninos postos emissores. Não é mais possível evitar que princípios como o da liberdade de expressão e de criação de empresas jornalísticas sejam aplicados à Rádio.»

Referindo-se à ameaça dos CTT, de desmantelar e penalizar as entidades que emitissem clandestinamente, disse aquele responsável que essa «repressão que se anuncia agora não vai, como é óbvio, resolver coisa nenhuma».

«O Governo deve antes – frisou – gastar as suas energias no enquadramento desta vontade colectiva e deixar-se, de vez, de manobras dilatórias para atrasar ainda mais a utilização ordenada das ondas hertzianas».

O problema das «Rádios Locais», que tem vindo a ser objecto de debate nos últimos tempos, encontra-se já enquadrado na Lei da Rádio, recentemente aprovada em Conselho de Ministros e que deve ser ratificada brevemente no Parlamento.

Todavia, as dezenas de entidades que já requereram licenças para as respectivas emissões temem que o processo burocrático para a concessão apenas se concretize em 1986.

Trabalhar a informação regional para bem do País

O desenvolvimento de um trabalho informativo da ANOP junto dos órgãos de Informação Regional foi defendido nas conclusões do Encontro de Cultura e Comunicação Social, que, após três dias, terminou ontem na Covilhã.

O Encontro, iniciativa do Núcleo Cultural da Covilhã em colaboração com a ANOP, salientou a necessidade de se promover o apoio técnico e financeiro à Imprensa Regional.

O documento refere o facto de «a Comunicação Social ter um papel fundamental na defesa e incremento da cultura da região em que se insere, na formação e informação das populações do interior».

Na área dos órgãos de Informação Regional, as conclusões salientam as dificuldades existentes e a falta de profissionais especializados e preconiza a realização de estágios e reciclagem dos trabalhadores desta Imprensa.

O incremento do apoio estatal à Informação Regional nos domínios económico e técnico foi também salientado pelos participantes do Encontro.

De interesse: a intensificação da cooperação dos órgãos de Comunicação Social regional e a criação de uma entidade ou associação de Imprensa Regional da Beira Interior foi defendida no Encontro.

Concluiu-se também pela necessidade de se realizarem acções de formação e sensibilização do poder local e central para os problemas que afectam a Imprensa Regional.

Salientou-se a importância de uma colaboração a ANOP e que esta realize «e estudo em conjunto com os órgãos de Informação Regional de um projecto de informação destinada às regiões».

Este projecto, referem as conclusões, deve obedecer «à captação da Informação regional para posterior divulgação aos grandes meios de Informação nas regiões e das comunidades portuguesas».

O retorno de informação recolhida nestas zonas do País e do estrangeiro e das comunidades portuguesas através de meios de Informação regionais foi também preconizada na área de actuação da Anop.

O Encontro de Cultura e Comunicação Social defendeu a reactivação dos emissores da Radiodifusão Portuguesa existentes na Beira Interior como forma de contribuir para o desenvolvimento regional.

"Mensageiro de Bragança"

O semanário informativo e regionalista «Mensageiro de Bragança» acaba de comemorar o seu 54.º aniversário.

Tendo saído para a rua com o número 2000, o «Mensageiro de Bragança» surgiu em 1 de Janeiro de 1930 e foi fundado pelo então bispo, D. Alvim Vaz das Neves.

De então para cá, aquele semanário regionalista teve na sua orientação diversos sacerdotes.

O funil do vinho do Porto

A pilhagem da portaria de Basílio Horta é inocente, culposa ou dolosa?

Luís de Carvalho e Oliveira

É IS uma pergunta que tem sido feita milhentas vezes, sendo-lhe dada resposta conforme a interpretação que cada um faz da letra da Portaria, da sua lógica ou ilógica e dos factos que conhece.

Escusado será dizer que a Portaria em causa é a N.º 685/82 que proíbe o plantio de vinha para produção de vinho do Porto em terras com menos de 3 ha contínuos e acima de 450 metros de altitude, o que conduz inevitavelmente à entrega da produção de vinho do Porto a um pequenissimo grupo para o qual se transfere tal direito, mediante a expropriação dos pequenos e médios proprietários do Alto Douro.

Será que haverá qualquer outra resposta ou ainda que alguma pergunta possa ser formulada noutros termos? Por exemplo: Basílio Horta estava no uso das suas faculdades mentais ao assinar a Portaria? Basílio Horta tinha bagagem de conhecimentos suficientes para saber o que estava a fazer?

Todas estas perguntas me assaltam cada vez que leio alguma coisa sobre desenvolvimento rural integrado. Desta vez veio-me à mão em releitura, um trabalho de Carlos Lencastre da Costa «Desenvolvimento Rural Integrado – Uma estratégia para a Pequena Agricultura» publicado na «Revista Crítica de Ciências Sociais», n.º 7/8, de Dezembro de 1981, no qual se diz a propósito do tema, o seguinte: «grosso modo o que parece hoje ser posto em causa é a própria filosofia desenvolvimentista inspirada no princípio do arrastamento económico do sector agrícola pelo sector industrial e dentro do primeiro o aliciamento e adesão automática da pequena agricultura às regras do processo de desenvolvimento. Por outro lado, a grande exploração capitalista não correspondeu, de um modo geral, aos aumentos da produção que dela se aguardavam e que tinham originado a canalização prioritária de investimentos e financiamentos determinados pelos cálculos de rentabilidade em vigor. Por outro lado, a pequena agricultura foi submetida a um processo de pilhagem e extorção que a remeteu em muitos casos para gehtos ou processos de dependentização que a impediram de se articular com os mecanismos de mercado e de integração nas respectivas formações sociais».

Esta **pilhagem** a que se refere o articulista, a propósito de projectos de desenvolvimento rural integrado, veio, naturalmente, através do próprio processo de desenvolvimento capitalista. A pilhagem da Portaria de Basílio Horta nem sequer se localiza, naturalmente, num processo de desenvolvimento capitalista, no qual, como é sabido, há uma permanente tendência de absorção da pequena propriedade por parte da grande propriedade. É a própria Portaria que ordena a pilhagem. É a própria Portaria o instrumento da pilhagem. É o próprio Basílio Horta que dá cobertura das pilhas, isto sem que se diga, para já, que alguma coisa tenha pilhado para si próprio, mas legalizou a pilhagem prevista para o Alto Douro. Efectivamente a proibição de plantio em terrenos com menos de 3 ha contínuos e acima de 450 metros, não sendo uma pilhagem dos próprios terrenos, é a pilhagem da sua utilização. É a pilhagem do único meio de os tornar rentáveis para os pequenos e médios agricultores que deles vivem.

Certamente, Basílio Horta (admitindo a melhor das hipóteses a seu respeito) não conhecia este trecho e nem tão-pouco o conselho do Banco Mundial que «fazia notar a necessidade de aumentar os rendimentos dos camponeses pobres (pequenos chefes de exploração, operários sem terra, desempregados e suas famílias) como uma das mais importantes questões de política que se coloca aos países em vias de desenvolvimento». (Isto pode ler-se em «Operações do Banco Mundial: Estudos e Políticas Sectoriais»; Dunot, Paris – 1972 – pág. 30).

O nosso ex-ministro da Agricultura, de má memória, não verificou a necessidade de aumentar os rendimentos dos pequenos chefes de exploração do Alto Douro. Preferiu matá-los. E, no entanto, note-se que o pequeno agricultor do Alto Douro, com menos de 3 ha., ao preço que ultimamente teve o vinho do Porto, pode viver desafogado, não constituindo encargo social, antes sendo um elemento produtor de riqueza, para a sua família e para o País. Vejamos um exemplo: num ha., a um compasso já para mecanização, podem plantar-se 4000 pés de vinha. Em 2,5 ha. plantar-se-ão 10.000 pés. Cada milhar de pés produz, desde que devidamente tratado, duas pipas de mosto. No ano último, a pipa chegou a vender-se a 50 contos. As 20 pipas produzidas em 2,5 ha. poderiam dar um rendimento bruto de 1000 contos. Se o proprietário fizer o trabalho por sua mão não gasta metade. Mas, façamos contas largas e admitamos que gasta metade. Fica ainda com 500 contos para fazer face às suas despesas e da sua família, podendo pôr o filho a estudar.

Ora, a luminária Basílio Horta, com a sua Portaria 685/82, proíbe a plantação em menos de 3 ha e portanto exclui este agricultor de 2,5 ha. da produção de vinho do Porto a que possivelmente sempre se dedicou e de que sempre viveu.

Isto é ou não é andar mesmo ao arrepio do mais aconselhável e daquilo que está estudado e mais que dito?

É ou não é legalizar, aliás, legislar a pilhagem numa região onde mais se justifica a pequena e média propriedade, dado o seu elevado rendimento?

E ainda poderíamos perguntar porque não fez o sr. Basílio Horta o mesmo em relação às pequenas e médias propriedades de Trás-os-Montes? Aí justificava-se intensamente uma medida que não seria exactamente esta – porque é estúpida – mas uma outra que conduzisse à conglobação dos pequenos proprietários, para formar unidades rentáveis.

Mas não. A luminária atirou-se à fatia gorda. Foi ao Alto Douro e sem mais nem menos, faz este extraordinário disparate: elimina para futuro, melhor dizendo, para muito breve, esses pequenos e médios proprietários, em favor e abono, é claro, daqueles que não precisariam de protecção e ajuda do senhor ministro mas que a tiveram para a formação de maiores fortunas.

Depois, dir-se-á, ainda, que no Alentejo foi necessário dividir a propriedade e essa parece ter sido, também, uma das linhas da Reforma Agrária por si preconizadas. No Alto Douro, onde existem, como fica demonstrado unidades com rentabilidade notável, eliminam-se, para formar grandes propriedades, ou melhor, para entregar às grandes propriedades direitos a rendimentos que estavam distribuídos por muitos (calculam-se 25.000).

Ao fim e ao cabo, o que acontece é que no Alentejo era necessário dividir as terras atribuídas às UCP's, sob fundamentos vários e ainda chegou a fazer-se a divisão, lembramo-nos bem, por Sá Carneiro e, salvo erro, como seu acólito, a luminária em causa. O fundamento dessa divisão era o interesse de criação de unidades familiares. No Alto Douro, as unidades familiares estão formadas, de boa saúde e com boa economia, como se demonstrou, e toca de submetê-las à degola.

Qual é, afinal de contas, a linha da lógica da luminária?

E se a luminária tivesse continuado a ler alguma coisa sobre o desenvolvimento regional integrado, havia de encontrar no artigo que mencionei inicialmente e estou a seguir, o seguinte: «O objectivo central é o da integração económica e social das populações destas áreas nas respectivas formações sociais.». A luminária não teve objectivo central de integração económica e social das populações do Alto Douro. Embora a Portaria faça parte do projecto de Desenvolvimento Integrado de Trás-os-Montes, a luminária não encontrou melhor caminho do que desintegrar económica e socialmente os pequenos e médios produtores de vinho do Porto, isto a despeito mesmo de o Projecto de Desenvolvimento dizer respeito a Trás-os-Montes e tais pequenos e médios agricultores se localizarem no Alto Douro que nada tem a ver com Trás-os-Montes a não ser por vizinhança. (Vê-se claramente como o Alto Douro foi metido no Projecto de Desenvolvimento Integrado de Trás-os-Montes, à cunha e à força para este mesmo efeito de favorecer uns tantos).

E não se pense, nem venha a luminária, como é costume em situações como esta, dizer que são os comunistas que estão contra ele, que é o comunismo internacional a manifestar-se, que é encomenda do Álvaro Cunhal, que conheço de nome, que é obra da alma de Karl Marx a penar por este mundo, cumprindo uma das penas que lhe foi imposta, incomodar Basílio Horta. Não.

Bem ao contrário, se Basílio Horta lesse um pouco daquilo que lhe conviria ler, exactamente dentro de uma campanha inteligente anticomunista, teria encontrado o seguinte trecho de Moncayo: «Uma interrogação, porém, que de imediato se coloca é a de saber se esta opção (refere-se à opção de recuperar e integrar as pequenas estruturas produtivas) vai ou não acelerar o processo de diferenciação através da promoção destas unidades em empresas de tipo capitalista. A verificar-se a aceleração deste movimento tendencial, ele contribuiria para agravar a situação das camadas mais debilitadas da pequena agricultura, o que, a verificar-se, para além de comprometer as fases seguintes do programa desencadearia, possivelmente, o avolumar de tensões sociais e do êxodo rural e revelar-se-ia, em suma, contraditório com os princípios e objectivos do DRI (Desenvolvimento Regional Integrado). (Estudo citado de Lencastre da Costa, pág. 263)».

Como se vê uma das grandes preocupações mundiais é, efectivamente, evitar tensões sociais com o avolumar das contradições entre ricos e pobres e, tratando-se de Projectos de Desenvolvimento Rural, do êxodo rural.

E se a luminária continuasse a ler mais um pouco, encontraria, ainda: (egundo Moncayo e Rojas) **«a dar-se a decomposição da pequena produção poder-se-ia afirmar que os objectivos do desenvolvimento rural integrado teriam fracassado estrondosamente»**. A sua finalidade é, segundo estes autores, justamente a de travar a expansão da produção capitalista em virtude desta provocar uma explicitação da renda e, consequentemente um aumento dos preços dos bens da dieta alimentar nacional. E isto tudo dito a propósito do Projecto de Desenvolvimento Rural Integrado Columbiano, experiência que a muitos tem servido mas que, pelos vistos, não serviu à nossa luminária que tão «sinceramente» assinou a Portaria 685/82.

Se lesse mais ainda, por exemplo, de Servolin «A absorção da agricultura no mundo da produção capitalista no universo político dos camponeses, (edição de A. Colin, Paris, 1972, pág. 41-77) citado pelo mesmo excelente autor do artigo que seguimos, poderia encontrar isto: «A permanência da pequena produção mercantil, contribui não só para garantir a produção de determinados bens agrícolas em condições sociais mais vantajosas, como pode, ao mesmo tempo, contribuir para travar o próprio crescimento da renda capitalista da terra.». Mutatis Mutandis, o mesmo acontece em relação à produção agrícola. E mais adiante, no mesmo artigo, também encontraria: «A importância deste fenómeno tem contribuído, de certo modo, para travar a substituição da pequena exploração agrícola de base familiar pela grande exploração capitalista, mesmo no âmbito de formações sociais em que se verificam excedentes de produção alimentar ou possibilidades de uma exploração mais efectiva da força de trabalho fora do sector agrícola.

É claro que o fenómeno que aqui se refere é exactamente o da defesa da pequena e média propriedade e da ajuda que lhe é devida para evitar o seu extermínio, com as consequências sociais volumosíssimas da proletarização, do desemprego, de tudo quanto pode ser mau em qualquer ambiente social.

Não é por acaso que tudo isto surge numa ocasião em que o Banco Mundial aparece preocupado com a defesa das camadas, chamadas até agora, menos protegidas. É que visto o problema inteligentemente e do seu ângulo, o Banco Mundial o que pretende é travar a marcha para o comunismo. A luminária não viu isto. Anticomunista ferrenho e cego como toda a gente sabe, preferiu dar de mão beijada uma região inteira aos comunistas para ali irem recrutar material humano em quantidade assombrosa. Ao fim e ao cabo a luminária o que fez foi arranjar um processo de alentejenização do Alto Douro.

Que lhe agredeça quem deve. Eu apenas quis pôr em saliência a estupidez de um procedimento sem precedentes na agricultura portuguesa, e, pelos vistos e pelo noticiário lido, na agricultura mundial.

É claro que não posso deixar, antes de findar o artigo, de pedir desculpa à luminária por tê-lo evidenciado tanto, mas a verdade é que chegámos ao tempo da denúncia. Isto de referir apenas a Portaria n.º X é o mesmo que admitir que ela foi assinada com pseudónimo. Tornou-se indispensável que viessem à tona os próprios nomes dos responsáveis por diplomas deste jaez e de outros que havemos de analisar. Que se defenda S. Ex.ª se tiver por onde. Findo com os meus respeitos, na proporção do que fica dito.

I Simpósio de Escritores Ibéricos

1 - Portugueses e espanhois conhecem-se mal

Luís de Miranda Rocha

CERCA de uma centena de escritores portugueses e espanhóis (e convém desde já destrinçar: do castelhano, do galego e do catalão, faltando qualquer basco) esteve reunida em Tróia nos passados 11, 12 e 13 de Maio. Foi o I Simpósio de Escritores Ibéricos, iniciativa da Rádio Nacional de Espanha, com bom apoio da parte de Madrid e também da parte de Lisboa – com relevo para a Associação Portuguesa de Escritores e a Torralta. A organização não terá sido modelar, mas também, diga-se, ninguém se preocupou excessivamente com isso. De resto, como alguém disse logo no início dos trabalhos, e para justificar o atraso de duas horas com que estes começaram, as reuniões de escritores não são propriamente modelos de organização. A organização, aliás, privilegiava objectivos significativamente muito vagos: convívio, relacionamento. Não certamente por acaso, a primeira das conclusões fala da necessidade de institucionalizar estas formas de contacto. Impôs-se a noção de que, nestas coisas, ainda não se está muito longe do grau zero.

Também por certo significativamente, o primeiro dos temas propostos para debate era a inexistência de uma ponte cultural entre Portugal e Espanha – raízes históricas e estado actual da situação. O **cultural** é aqui muito amplo e um tanto vago. Tratando-se de escritores, tratava-se principalmente da literatura, mais concretamente, de livros. No seu estado actual, a situação caracteriza-se pela prevalência das relações pessoais. O editor F. Lyon de Castro disse-o logo na primeira sessão, e confirmaram-no praticamente todos os oradores que abordaram este tema – principalmente quando falaram da experiência própria. Ora, as relações pessoais não são nem muito numerosas nem, geralmente, têm um alcance muito vasto. Depois, relações pessoais, sempre as houve. Para não recuarmos muito no tempo, a resistência dos escritores às ditaduras de um lado e doutro da fronteira criou muitos laços de solidária amizade. No exílio, essa amizade também existiu. Curiosamente, exprimia-se por vezes com mais facilidade em francês do que em espanhol ou português. Isto foi dito no simpósio de Tróia, parece mentira mas é verdade. Explica-se pelo desconhecimento linguístico mútuo.

Línguas

Os portugueses deveriam aprender a lição com os seus políticos – que às vezes aparecem na televisão a falar o idioma de Cervantes, como qualquer outro, aliás, fazendo aquela figura mais ou menos triste que os mais atentos têm visto. Pilar Vasquez Cuesta – falando em galego, o único idioma peninsular perceptível em comum para portugueses e espanhóis – surpreendeu muitos presentes afirmando convictamente que nem os espanhóis sabem português nem os portugueses sabem espanhol. Egito Gonçalves desafiaria qualquer incredulidade sugerindo um relance por essa trivialidade que é um «menu» de restaurante. Assinale-se que no simpósio estava instalado um sistema de tradução simultânea. A título de curiosidade – e que se tenha visto –, só alguns espanhóis lhe deram uso. Mas é perfeitamente aceitável a ideia de que os portugueses sabem mais de Espanha e do espanhol do que os espanhóis de Portugal e do português. O mercado livreiro espanhol é muito maior e abundante do que o português – e não haverá português medianamente culto que nunca tenha lido um livro espanhol. Duvidoso já é que seja grande o número de espanhóis cultos com experiência de leitura em português.

Por isso se compreende que uma das conclusões do encontro de Tróia aponte para o incremento das relações luso-espanholas neste domínio.

Saindo deste domínio (para lá voltarmos, mais adiante) –, nos últimos anos, parece estarem criadas condições (desde logo, políticas) para que as relações luso-espanholas, no campo cultural, mereçam mesmo apoio oficial. Parece. Na realidade, em dez anos, tais relações não conheceram nenhum progresso sensível. Vão conhecê-lo agora, a partir de Tróia? A generalidade dos participantes – pelo menos da parte portuguesa – não deu mostras de grande optimismo. O futuro dos portugueses – nas letras, como no mais – parece hoje muito ensombrado de perspectivas. Tróia foi uma iniciativa da parte espanhola. Ficou a pairar a promessa de outros encontros, para o ano, algures em Espanha. Mas, então, quem vai tomar a iniciativa? Quem vai apoiá-la? Antes de mais, é necessário que um segundo encontro, daqui a um ano, se justifique pelo que a seguir a este primeiro e nos próximos dois meses se fizer.

Desinteresse

Ocorre, não raro, a ideia de um desinteresse de parte a parte. Também no simpósio essa ideia pairou. Foi, no entanto, debatida, e, pelo menos, alguma coisa esclarecida. Augusto Abelaira e Luís António de Vilhena contribuíram bastante para isso.

Segundo Abelaira, não é que os portugueses não gostem de Espanha, que gostam – da sua arquitectura, da sua pintura, por exemplo. Mas isso tem a ver mais com o passado, ou, tratando-se de coisas mais recentes, só é praticável desde que Paris avalize. Picasso e Miró são exemplos. Disse Abelaira que os portugueses deixaram de **acreditar em Espanha**, despromoveram Madrid do topo das suas referências principais além-fronteiras desde que se aperceberam de que a Espanha tinha perdido o comboio da civilização. Portugal prendeu-se então mais a França e a Inglaterra (numa «estratégia anticastelhana» – diria Natália Correia). Aqui remontamos aos princípios do século XIX. Ou talvez antes: os «iluminados» já vinham de Paris.

A ideia de Abelaira tem outra inflexão, esta agora apontando para uma autognose crítica da inteligência cultural portuguesa: **Portugal não apenas deixou de acreditar em Espanha; deixou também de acreditar nele próprio**.

Ouve-se falar disto sem grande surpresa, mas com a noção de que é preciso reflectir sobre isto para superar liminarmente algumas contradições e perplexidades.

Luís António de Villena não negou que haja, da parte espanhola, o que possa chamar-se desinteresse em relação a Portugal e portugueses. Há, na história, na tradição, e também na actualidade. De parte o histórico,

Continua na pág. 17

A BARCA SEM OS CORVOS

Ar condicionado (III)

NESTA conversa sobre o ar condicionado que estamos a ter enquanto os seus especialistas estão distraídos com as suas fórmulas e tabelas, e portanto podemo falar à vontade sem os irritar, aparece depois o problema da economia. Aqui, é bom falar baixo, porque eles, que são competentíssimos e tecnicíssimos, não gostam geralmente que se divague sobre estes aspectos. (Quando digo «Eles», é modo de dizer, porque evidentemente há um número importante de técnicos sensibilizados correctamente para estes problemas...)

Nos muito vastos sistemas centralizados que têm que fornecer condições diferenciadas a zonas diversas de grandes edifícios, a moda técnica é a de proceder por mistura de ar quente e frio. O leitor, talvez ingenuamente, pensará: se eu quero aqui ar um pouco mais quante do que agora está, basta aquecê-lo um bocadinho! ou se quero ar um pouco mais frio do que está agora, basta arrefecê-lo levemente! Como está atrazado, caro leitor! O que um macro condicionador fará, hoje, é dispor de um reservatório de ar sobre-aquecido e de outro de ar sobre arrefecido, e fornecer-lhe-á mistura na conta que lhe agrada. Mais ainda! até se não desejar nenhuma variação, se se sentir confortável tal como está – recebe ar que é uma mistura de ar aquecido e arrefecido, até estar como já estava... Inteligente, não é?

Imagine o leitor que sempre que quisesse um pouco de água morna para fazer a barba, fosse buscar gêlo ao frigorífico e o temperasse com água a ferver até estar na conta!...

Depois estes rapazes vêm, e dizem-nos que há crise energética.

Há certamente uma grande crise de tino e de bom-senso, lá isso há! à pala do álibi das tecnologias.

Não é possível ter no vigéssimo oitavo piso de uma torre de escritórios, o nível de conforto que se tm nos baixos de uma casa alentejana durante o tórrido Verão, em semiobscuridade, com o chão de pedra lousinha juncado de fresco com junco cortado de manhã nas charcas, e a companhia facultativa de um jarro de sangria (melhor é experimentá-lo que julgá-lo, mas já agora quem não puder experimentá-lo que o julgue...). O ar condicionado é **sempre** uma coisa artificial; como tal tem os seus defeitos e os seus méritos. É algumas vezes totalmente indispensável, é frequentemente vantajoso, e é outras vezes tolerável, apenas. Deve ser usado com inteligência, com senso, e não como um facto de moda ou afirmação de «standing» social.

Deve ser algo que vem em socorro da resolução de certos problemas, e não uma rotina adquirida tolamente. E não pode esconder-se que grande parte da responsabilidade pelo uso inadequado e abusivo dos sistemas mecânicos de tratamento do ar ambiente se deve a insuficiências e erros na concepção arquitectónica dos edifícios: à incúria ou ignorância de muitos arquitectos se ficam a dever os erros praticados pela engenharia do ar canalizado.

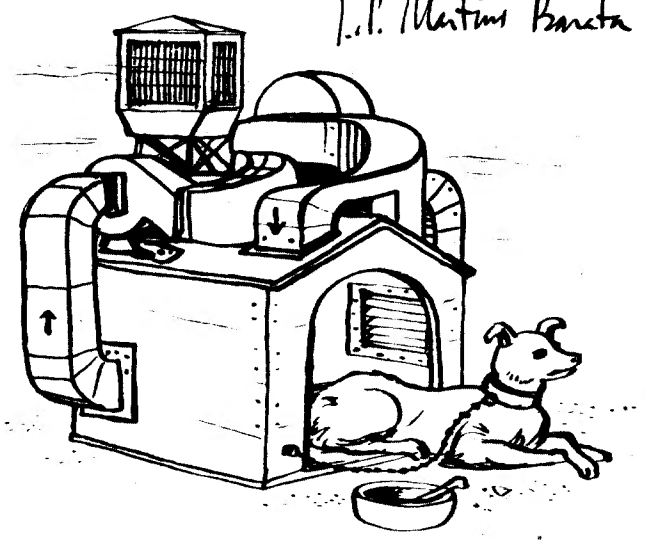
Mas já que estamos a conversar sobre aspectos da economia, toquemos em alguns aspectos bem pouco nobres disto tudo: a técnica e o comércio já se aperceberam da falta que faz um certo grau de ionização negativa nos ambientes quotidianos – o espírito mercantil não iria deixar passar esta oportunidade de ganhar dinheiro! No estrangeiro (entre nós julgo que ainda não!...) anunciam-se e vendem-se uns aparelhinhos ridículos em forma de pirâmide, para ligar à corrente. São **ionizadores** domésticos, apresentados como grande descoberta da técnica sanitária.

É giro. É como o pão que comemos, ao qual a moagem excessiva e o branqueamento químico tiraram todos os princípios vitamínicos e activos, que lhe são depois adcionados, sintéticos, com grande cópia de inertes e outros aditivos para encher. Ao ar encanado que nos fabricam parece que acontece o mesmo: tiram-lhe primeiro tudo o que é bom, natural e saudável – e, mediante pagamento adicional, juntam-lhe depois, artificialmente, o que lhe foi retirado.

Bem. É a civilização. Dizem-nos que é.

Pelo menos, é um aspecto das suas consequências, e não o mais atraente.

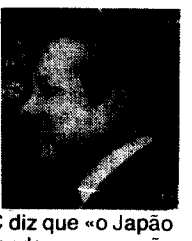
J. C. Martins Barata



ponto a ponto

O primeiro-ministro marroquino, Mohamed Karim Lamrani, «deverá visitar oficialmente Portugal no final de Agosto» – revelou à ANOP uma fonte oficial marroquina. Mohamed Karim Lamrani, que foi convidado pelo seu homólogo português Mário Soares, segundo a fonte marroquina «ainda não fixou a data da sua próxima visita a Portugal», mas «os meios políticos de Rabat dão-na como certa no final de Agosto», antes das eleições legislativas em Marrocos. Entretanto, a Imprensa marroquina noticiou que o Presidente da República portuguesa, **Ramalho Eanes,** que foi convidado oficialmente pelo rei Hassan II, «deverá visitar ainda este ano Marrocos».

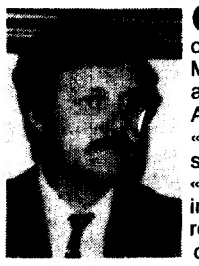
OS presidentes dos Governos Regionais dos Açores e Madeira vão integrar o conselho superior do Serviço Nacional de Informação, cuja criação está em preparação na Assembleia da República – informou uma fonte parlamentar. Um informador da Assembleia da República, citado pelo «Correio dos Açores» de Ponta Delgada, disse que a inclusão dos chefes dos executivos das Regiões Autónomas naquele órgão vai ser prevista na lei, apesar da renitência do PS. O projecto de lei sobre o Serviço Nacional de Informações esteve sexta-feira em análise numa comissão do Parlamento. A participação dos Açores no órgão de cúpula dos Serviços de Informações, que inicialmente não era prevista, foi requerida publicamente pelo presidente do Governo Regional, **Mota Amaral.**



A Associação de Jovens Cristãos do Japão enviou uma carta a **Mário Soares,** encorajando-o a pedir ajuda ao Governo nipónico no caso de Timor, revelou o CIDAC. O Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral refere que a Associação dos Jovens Cristãos enviou uma carta ao Primeiro-Ministro português, antes deste partir para o Japão, lembrando a «obrigação imposta ao Governo pela Constituição Portuguesa de promover a autodeterminação de Timor Leste». O CIDAC diz que «o Japão tem uma dívida histórica em relação a Timor, onde a ocupação nipónica provocou a morte de 40 mil timorenses durante a Segunda Guerra Mundial».

O vice-presidente boliviano, Jaime Paz Zamora, visitará este mês a Espanha e Portugal, na primeira viagem ao estrangeiro como titular do seu actual cargo, anunciou o Governo.

Paz Zamora manterá conversações em Madrid com o primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, no próximo dia 25, seguindo mais tarde para Portugal, onde deverá participar na conferência sobre a América Latina promovida pela Fundação de Relações Internacionais, que se inicia no dia 28.



O dirigente da UDP **Mário Tomé** disse no Funchal que os socialistas «não são alternativa na Madeira ao PSD». Falando aos jornalistas, no aeroporto, o ex-deputado democrata popular à Assembleia da República saudou os madeirenses «que tão maus governantes têm» e manifestou a sua preocupação pela situação política regional, «principalmente no que se refere às liberdades individuais e políticas». Mário Tomé criticou as recentes declarações de João Jardim em Câmara de Lobos e confirmou que a UDP moveu processo-crime contra o presidente do Governo: «Alberto João Jardim também disse que os parlamentos não prestam e que só gastam o dinheiro do povo, mas é ele quem gasta esse dinheiro, já que os parlamentos são uma forma de expressão democrática».

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau fez escala, sábado, no aeroporto de Lisboa, a caminho de Bissau, após uma deslocação a Haia e Paris, onde manteve contactos no quadro do Tribunal Internacional de Justiça. Fidelis Cabral de Almada, em declarações à NP durante a curta escala, qualificou de muito positiva a recente visita a Portugal do Presidente guineense «Nino» Vieira.

«Esta visita – disse – constituiu a base para o alargamento da cooperação em todos os domínios entre Portugal e a Guiné-Bissau e o reforço dos laços de amizade mútuos».

O chefe do Estado-Maior do Exército, general Salazar Braga, já deu conhecimento oficial ao ministro da Defesa do requerimento apresentado pelo ex-CEME, **general Garcia dos Santos,** acerca da sua colocação. Recorde-se que o general Garcia dos Santos foi exonerado da chefia do Estado-Maior do Exército há cerca de sete meses e ainda não lhe foi atribuída qualquer colocação.

A Comissão Política Distrital de Évora do PSD assinalou ontem o décimo aniversário do partido, com a realização de cerimónias a que esteve presente o ministro Francisco Sousa Tavares. Da parte da manhã, e na Igreja do Espírito Santo, em Évora, teve lugar uma missa e sufrágio por todos os militantes sociais-democratas falecidos, durante a qual foram recordados Francisco Sá Carneiro e Nuno Rodrigues dos Santos.

O Congresso da Federação Distrital de **Aveiro** do PS terminou com a eleição de José Fragateiro para coordenador daquela Federação, com 105 votos a favor, 17 contra e 15 abstenções. José Fragateiro era indicado para o cargo pela única lista apresentada aos 137 delegados ao Congresso, cuja anterior realização, a 18 de Fevereiro, foi impugnada por terem sido reconhecidas anomalias. O aparecimento de uma lista de consenso resultou de um acordo entre Gilberto Madail, líder da moção «Unidade distrital» e Carlos Candal, do ex-secretariado e subscritor da moção «Unidade na acção».

1.ª Assembleia da ORL do PCP

Álvaro Cunhal propõe renegociação da dívida externa

●*"É possível a mudança no quadro partidário"*

«De momento não defendemos que Portugal recuse o pagamento da dívida externa. Mas cremos que *os interesses nacionais exigem que se coloque na ordem do dia a renegociação da dívida externa, dos seus prazos e dos seus juros*» – disse Álvaro Cunhal, na intervenção final da 1.ª Assembleia da Organização Regional de Lisboa do PCP.

Falando perante os mil delegados e cerca de três mil convidados da maior estrutura regional do PCP (52 215 membros, 3200 organismos, 27 comissões concelhias e 109 comissões de freguesia) o líder comunista referia-se à atitude que o seu partido tomaria, numa política alternativa à do actual Executivo, perante as dificuldades levantadas pela «gigantesca dívida externa» e respectivas obrigações.

Depois de acentuar a importância da dinamização e aproveitamento dos recursos nacionais e a necessidade de diversificação das fontes e tipos de créditos, Cunhal manifestou-se contra a aceitação servil das condições do FMI e lembrou que «os problemas da dívida externa constituem hoje um problema em discussão em todo o Mundo». E sublinhou: «Tanto especialistas como governos vão chegando à conclusão de que *nem as dívidas externas existentes, nem os juros respectivos poderão, alguma vez, ser pagos.*»

Mudança partidária inevitável

Outro ponto destacado da intervenção do secretário-geral do PC respeitou à questão do campo partidário actual e à quase inevitabilidade da sua mudança. Não acreditando numa alteração da actual política oficial do PS e apesar de aceitar uma alternativa de emergência ou conjuntural no quadro institucional presente, o dirigente comunista tem insistido no facto de que «uma tal alternativa não poderá ser estável e duradoura no quadro da Constituição».

Por isso – frisou ontem Cunhal – *das duas uma: ou continua sem alteração o actual quadro partidário e, mais mês menos mês, será o impasse do regime; ou o quadro partidário acabará por modificar-se num sentido favorável à democracia.*

Concluiu, depois, o líder do PCP que a análise da situação conduz à conclusão «de que não só é desejável como é *possível e quase inevitável a mudança positiva do quadro partidário*».

Governo próximo da queda

Sobre *a exigência nacional e democrática* da demissão do Governo Soares/Mota Pinto, combateu Cunhal as opiniões dos que defendem ser cedo ainda para a queda do Executivo. E sobre a ideia do mais completo descrédito do Governo, citou Álvaro Cunhal a nomeação recente de Sousa Tavares («um sujeito que é a encarnação da poluição e da pornografia políticas») para o Ministério da Qualidade de Vida. «Ela mostra – disse – que o Governo está encharcado no descrédito e que se tornou insensível à degradação da sua própria imagem».

Alertando para eventuais «manobras e medidas demagógicas» do Executivo PS/PSD, disse Cunhal que seria *o mais grave dos erros esperar a completa desagregação da coligação e a queda automática do Governo* e concluiu (face à luta popular, e à fraqueza e medo do Executivo) que *se aproxima a hora da verdade, a hora da derrota e da demissão do Governo PS/PSD.*

Visou, ainda, o líder do PCP a política económica, social e externa do Gabinete do «bem alimentado» 1.º Ministro. A lei de segurança interna («com indeléveis marcas pidescas e fascistas»); os acordos e facilidades militares para os EUA; a visita de Botha, a visita de Soares à Coreia do Sul foram exemplos dados de «**uma política externa sem o mínimo assomo de brio e de dignidade nacionais**»

Deficiências

Momento da votação da resolução política

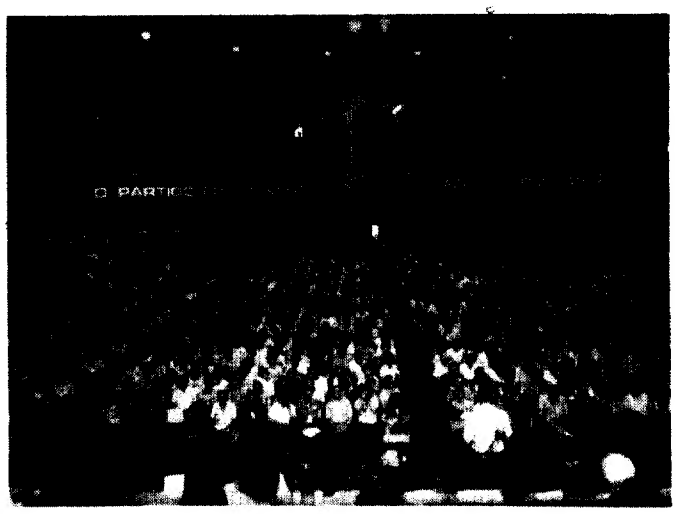


Imagem dos delegados, presentes, sábado e domingo, no Coliseu, nos trabalhos da 1.ª Assembleia da ORL do PCP

Na intervenção de abertura, **José Casanova**, membro da Comissão Política do CC e da Comissão Executiva da ORL do PCP, recordou a importância do distrito de Lisboa – com mais de 2 milhões de habitantes e uma população activa de quase 900 mil pessoas, com uma das maiores concentrações nacionais de operários industriais, a maior concentração de trabalhadores de serviços e quase metade dos intelectuais de todo o País.

Casanova historiou em pormenor o crescimento da organização do PCP (sete mil membros em 1974 para 52 mil em 1984) e o seu papel motor nas importantes lutas de massas para defesa da democracia e das suas conquistas. Assinalou o trabalho autárquico (cinco das 15 câmaras do distrito são dirigidas pela APU), sindical e o crescimento da participação feminina na ORL do PCP.

Octávio Pato referiu-se também, na sua intervenção, à situação da ORL do PCP, salientando que «a influência de massas, designadamente entre os trabalhadores, é superior à capacidade e ao nível da organização».

Auto-suficiência, organizações demasiado fechadas sobre si, falta de quadros ou de renovação em alguns organismos, foram deficiências apontadas por aquele dirigente que apelou, por outro lado, para o reforço do trabalho do partido nas células de empresa e para o apoio à campanha de recrutamento de 10 mil novos membros até final do ano.

Salientou, ainda, ser o PCP o partido que no distrito de Lisboa mais mulheres elegeu para as juntas de freguesia, assembleias municipais e Assembleia da República. Destacou, finalmente, a proposta (aprovada por unanimidade) de alargamento da direcção da ORL que, pela primeira vez, passa a ter «maioria operária».

«Um Governo embalsamado...»

Destaque ainda para as intervenções de **Jerónimo de Sousa**, sobre as comissões de trabalhadores, de **Marília Cabral, Rosa Rabiais, José Bernardino, Aboim Inglês e António Abreu**. Este último falou de «Informação, propaganda e luta ideológica», tendo denunciado o «silenciamento crescente imposto à actividade e posições» do PCP.

«**Os portugueses** – sublinhou António Abreu – **sentem que a acção do Governo é um desastre. Mas o Governo dá à RTP e a outros meios a tarefa de criarem a imagem de um governo que trabalha, que promete, que viaja, que se preocupa. De um lado o país real, os seus problemas, as propostas e a vontade de os resolver, a rejeição da política do governo. Do outro a mentira, a ficção, os maus actores num monólogo governamental sobre a ausência de alternativas. É um governo embalsamado em papel de jornal e conservado por raios catódicos e ondas hertzianas.**»

A ausência da RTP dos trabalhos da 1.ª Assembleia da ORL foi condenada em moção aprovada pela totalidade dos presentes. A sua ausência – diz a moção – «é a ruptura prepotente com quaisquer critérios de interesse jornalístico, com a objectividade e o pluralismo» e revela a concepção do Governo sobre a função da Comunicação Social: «máquina de fretes, serviço de relações públicas de governantes, meio de provocação permanente contra os portugueses, o movimento sindical e as forças democráticas.»

Ribeiro Teles reeleito

PPM é contra-poder

«O PPM continua a reafirmar-se independente de todas as forças políticas nacionais, sendo um contrapoder necessário na vida nacional», assim caracterizou o Partido Popular Monárquico Gonçalo Ribeiro Teles, reeleito pelo IX Congresso do Partido para o seu directório.

Ribeiro Teles, num Congresso em que saiu vencedor, não sem alguma polémica, viu também aprovada a sua proposta de alteração aos estatutos, a qual defende que apenas o Conselho Nacional do Partido seja eleito pelo método de Hondt.

Mas a polémica surgiria com a apresentação de uma proposta apoiadas pelas comissões regionais do Porto, Setúbal, Aveiro e por um grupo de monárquicos de Lisboa. Em causa estava a formação dentro do partido do direito de tendência. Para Reis Torgal, do Porto, tal pretensão queria assegurar a presença efectiva das regionais na direcção do partido, e era resultante da fusão de duas propostas apresentadas ao Congresso de Braga.

No entanto, os números decidiram doutro modo: por apenas 11 votos, esta proposta foi derrotada, embora Reis Torgal tenha saído a terreiro a afirmar que os votos decisivos provinham de 21 procurações de elementos cuja filiação no partido se realizara na véspera do Congresso.

O Rei é a salvação...

Na sua alocução, Gonçalo Ribeiro Teles abordou a situação políticva e o papel que cabe, em seu entender, ao PPM.

Depois de considerar o IX Congresso como clarificador das posições que afligiam a situação interna partidária, Ribeiro Teles considerou que não se vislumbram estratégias coerentes no âmbito das principais forças políticas portuguesas.

Na proposta apresentada pelo Congresso defende-se, por isso, «a manutenção da equidistância em relação a todos os partidos políticos democráticos, sem prejuízo do diálogo possível e desejável» que, no entanto, nunca poderá significar subordinação, subserviência, colagem ou perda de identidade programática e doutrinária.

Uma declaração de princípios da direcção reeleita aponta, a curto prazo, para a apresentação de candidaturas próprias às próximas eleições autárquicas em pelo menos 50 concelhos, incluindo os de Lisboa e do Portro.

O mesmo texto afirma que o PPM não toma qualquer posição no problema das eleições presidenciais antes de um Conselho Nacional a realizar o mais tardar até Fevereiro de 1985. Contudo, como salientaria Ribeiro Teles, «a ideia monárquica, que é supra-partidária, é a única que dá segurança e garantias de independência nacional, pois o Rei não é um chefe partidário».

ARDAL

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

■ AZULEJOS DECORADOS 15x15 DESDE 10$00
■ PAVIMENTOS DESDE 250$00 M²
■ LOUÇAS SANITÁRIAS DESDE 5.000$00, CONJUNTO
■ BANHEIRAS EM CHAPA E FERRO FUNDIDO COR/BRANCA
■ LAVA-LOIÇAS EM AÇO INOX
■ COZINHAS, EXAUSTORES, ARMÁRIOS CASA DE BANHO, TOALHEIROS, TAPETES C/BANHO, ETC.

DESCONTOS ESPECIAIS DURANTE OS MESES DE JUNHO - JULHO - AGOSTO

EXPOSIÇÃO E VENDAS:
AVENIDA DO BRASIL, 190-A
Telefs. 80 65 17/80 76 86
1700 LISBOA

ARMAZÉM:
QUINTA DO FIGO MADURO
(Junto ao Aeroporto Militar)
Telef. 251 42 59
2685 SACAVÉM

Para defender o regime

MDP/CDE defende consenso democrático alargado

Porque o regime democrático está em perigo, o MDP/CDE defende um consenso democrático alargado, disse ontem em conferência de Imprensa, Luís Catarino, vice-Presidente do partido.

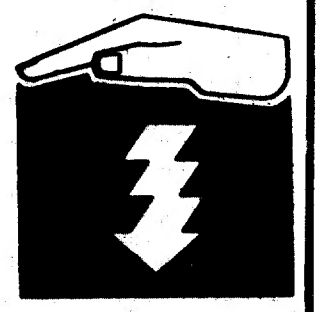
Aquele dirigente do MDP/CDE falava aos jornalistas após uma reunião da Comissão Política do seu partido, que decidiu solicitar audiências ao Presidente da República e da Assembleia da República «para dar conta das grandes preocupações do Partido face à deterioração da vida nacional e do perigo para o próprio regime democrático».

Na mesma linha, Luís Catarino indicou a disponibilidade do seu partido para o contacto com várias organizações partidárias, «passando pelo PCP, PS, ASDI, UEDS e franjas do PSD» que estão sensíveis a uma necessidade de mudança política, para a obtenção da alternativa democrática num contexto democrático alargado. Por outro lado, e seguindo o rumo traçado no V Congresso do MDP/CDE recentemente realizado, Luís Catarino manifestou a disponibilidade para a cooperação com novas forças políticas democráticas que venham a constituir-se.

A curto prazo, o MDP/CDE mantém a sua aliança com o PCP e independentes para as próximas eleições autárquicas. Quanto às presidenciais, a Comissão Política expressou o desejo de apoiar um candidato que permita agrupar forças democráticas, defender o regime democrático vencendo os candidatos da direita.

A este propósito, Luís Catarino notou que o MDP/CDE não apoiará a eventual candidatura de Mário Soares a Belém, considerando-a «uma inviabilidade política, social e intelectual».

POUPE ELECTRICIDADE



Para se instalar em Lisboa

OLP aguarda estatuto diplomático

A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) «continua a aguardar que o Governo português lhe dê o estatuto diplomático para instalar em Lisboa um seu representante», revelou à ANOP um fonte palestiniana.

A OLP decidiu há cerca de um ano enviar para Lisboa Hussein Abdelhalik, que então se encontrava na representação palestiniana em Madrid, que na capital espanhola (e na Europa) tem o estatuto diplomático.

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, disse à ANOP em Maio que «o Governo português está a estudar o estatuto diplomático a conceder a um representante da OLP em Lisboa». O ministro anunciara também a sua «disponibilidade» para uma «entrevista com o líder da OLP, Yasser Arafat, em Tunes» quando visitar ainda este ano oficialmente a Tunísia.

Segundo uma fonte política próxima do Governo «a tendência oficial portuguesa é a de conceder a um representante da OLP em Lisboa o devido estatuto diplomático», à semelhança do que fizeram os governos da Europa Ocidental.

Contudo, a mesma fonte adiantou que o Governo gostaria de contactar com Arafat antes de formalizar a concessão do estatuto diplomático à OLP.

No país do Sol nascente

Mário Soares procura investimentos e equilíbrio nas trocas comerciais

Reforçar os laços comerciais com o Japão e aumentar o investimento japonês na economia portuguesa são os objectivos essenciais da visita que o chefe do Governo português, Mário Soares, efectua desde ontem ao império do Sol Nascente. Pelo menos foi assim que Soares se exprimiu num jantar que lhe foi oferecido pelo homólogo japonês, Yashuiro Nakasone, em Tóquio.

Mário Soares, acompanhado por uma comitiva de setenta pessoas, chegou ontem ao Japão, vindo de uma estada de três dias, na Coreia do Sul, para se demorar até à próxima sexta-feira em contactos com as autoridades nipónicas.

Hoje mesmo, às doze horas locais (quatro da manhã em Lisboa), o Primeiro-Ministro foi recebido pelo imperador Hirohito, o mais antigo chefe do Estado de todo o mundo e almoçou no palácio imperial, no centro de Tóquio. Política e temas sociais estiveram afastados do encontro, por exigência do protocolo imperial.

Logo de seguida realizou-se um encontro com o seu homólogo Nakasone e depois uma reunião entre delegações dos dois países.

O primeiro dia da visita oficial de Mário Soares, que está acompanhado pelos ministros dos Estrangeiros, Jaime Gama e do Comércio, Álvaro Barreto e por sua mulher, Maria Barroso, iniciou-se com uma entrevista na principal cadeia de televisão japonesa, a NHK, seguindo-se depois uma visita à Universidade Católica de Sophia.

Ali existe um importante centro de cultura portuguesa, fundado pelos jesuítas e financiado pela Gulbenkian.

Nos próximos dias, Soares e a sua comitiva, onde se integram muitos empresários, deslocar-se-ão às principais cidades japonesas – Osaka, Kyoto, Nagasaki e Nagoya – ouvindo os japoneses apresentar as esposas com a frase «Eis a minha estúpida mulher», o que fazem por «delicadeza e humilhação voluntárias».

Mas se este folclore é surpreendente para a mentalidade europeia, outros são os interesses do Primeiro-Ministro e da sua comitiva.

Conseguir o equilíbrio da balança comercial entre os dois países, actualmente favorável ao Japão e atrair os investimentos nipónicos para Portugal, em iénes bem cotados nos mercados de câmbios, são objectivos centrais da visita.

O Japão exporta para Portugal automóveis, tractores e material audiovisual, importando mármores, cortiça e produtos derivados e certos tipos de aço.

Por outro lado, o investimento japonês em 1983 cifrava-se em quantia diminuta – 20 milhões de dólares – existindo oito companhias luso-japonesas nos sectores têxtil, químico, metalúrgico e de montagem de veículos.

Durante o seu discurso no jantar oferecido por Nakasone, Mário Saores sublinhou a importância da abertura da banca à iniciativa privada e o empenhamento de Portugal em entrar para a CEE, afirmando que os interesses de Portugal centram-se na Europa. Sem, no entanto, deixar de sublinhar a relação especial com África.

Mário Soares visita a Universidade Sophia de Toquio

Sendo ainda cedo para se obterem dados concretos quanto a resultados globais da viagem, conhece-se já a decisão da Mitsubishi de aumentar os seus investimentos em Portugal.

O presidente desta empresa, que tomou hoje o pequeno-almoço com o Primeiro-Ministro, revelou também que irá financiar a deslocação ao Japão de empresários portugueses que queiram exportar.

História

Recorde-se que foram portugueses os primeiros europeus a entrar em contacto com o império japonês, em 1543, através de um missionário que além dos evangelhos, trouxe também as primeiras armas de fogo, facto aliás salientado num editorial de um dos principais jornais de Tóquio, o «Yomiuri Shimbun».

As trocas comerciais entre os dois países começaram após o estabelecimento da colónia portuguesa em Macau. A própria cidade de Nagasaki chegou a ser doada à Companhia de Jesus que a transformou em «movimentada e rumorosa cidade».

Portugal foi também o destino da primeira embaixada japonesa à Europa.

Esta influência portuguesa, que fez do português a língua dos contactos externos japoneses, acabou em meados do século XVII e nunca se restabeleceu. Dela restam, no entanto, vestígios, nomeadamente em expressões de origem portuguesa, ainda utilizadas pelos japoneses.

O Japão é hoje a segunda potência industrial do mundo capitalista, só ameaçada pela crise no Golfo Pérsico onde se abastece de petróleo.

Coreia

Ontem, Mário Soares e a sua comitiva terminaram também a visita oficial à Coreia do Sul, com um programa social que incluiu um passeio pela cidade, visita aos museus e aos jardins secretos.

O balanço da visita à Coreia, feito por elementos da comitiva do Primeiro-Ministro, indica que brevemente se poderá atingir o equilíbrio de trocas comerciais entre os dois países e aumentar a cooperação entre empresas.

A possibilidade de utilizar Portugal como plataforma para os mercados europeu e africano poderá entusiasmar os empresários sul-coreanos, ainda relativamente isolados do ponto de vista internacional, mas com uma produção crescente.

A delegação portuguesa visitou, antes de seguir para Tóquio, a fábrica da Samsung, empresa que tem uma delegação em ALcoitão cuja produção vai aumentar nos próximos dois anos.

Ali, na Coreia e não em Alcoitão, o salário médio é de 48 contos mensais. Mas os trabalhadores não podem estar sindicalizados e as mulheres, quando casam, são despedidas. O horário de trabalho é de oito horas diárias, seis dias por semana. As férias duram quatro dias e há doze feriados anuais. Torres Couto, líder da UGT, afirmou logo que isso não era possível na Europa.

tarom
ROMANIAN AIR TRANSPORT

LINHAS AÉREAS DA ROMÉNIA

Mar Negro Cárpatos
Bucareste Norte da Moldávia
tratamento geriátrico

informações nas agências
ABREU·HORIZONTE·CLUBE VIP
NOVAPOLO·MAPAMUNDO

ROMANIAN AIR TRANSPORT

PÃO DE AÇÚCAR
É A PRIMEIRA GRANDE LOJA-ÂNCORA
DO AMOREIRAS SHOPPING CENTER DE LISBOA

Assinado o contrato que torna o Pão de Açúcar a primeira grande loja-âncora do Amoreiras Shopping Center de Lisboa. Numa área de 3800 m2 vai funcionar o mais moderno e completo supermercado do País.

Concebido tal como uma cidade, com ruas, largos e praças, com um parque automóvel privativo com capacidade para 1200 veículos, o Amoreiras Shopping Center de Lisboa marca a chegada a Portugal do primeiro autêntico shopping center — o novo conceito comercial que integra num amplo conjunto a mais diversificada oferta em bens e serviços.

Como verdadeiro Shopping Center que é, o Amoreiras desenvolve-se em torno das duas chamadas «Lojas-âncora». Isto é, grandes estabelecimentos de renome, cujo reconhecido nível de oferta assegura uma elevadíssima afluência de consumidores, o que se traduz em consideráveis benefícios para os demais lojistas. Daí, a importância fundamental de que a escolha das lojas-âncora se reveste.

Amoreiras Shopping Center de Lisboa tem, portanto, de contar com os melhores.

Nesta perspectiva, surge o contrato firmado com o Pão de Açúcar.

De facto, esta prestigiosa cadeia de supermercados, sempre presente nos locais de maior impacto e afluência de público, não podia faltar num dos pontos mais estratégicos da capital — uma das mais movimentadas entradas/saídas da cidade, a um passo do Marquês de Pombal, junto ao bairro de Campo de Ourique, na confluência de inúmeras redes de transportes públicos e beneficiando, ainda, quer da localização de inúmeras empresas nas suas imediações, quer da sua integração no grandioso e arrojado Complexo das Amoreiras.

É, assim, dispondo de fortíssimos pólos de atracção de público, que muitos milhares de pessoas vão circular diariamente pelas amplas artérias do Shopping Center de Lisboa, por entre mais de 300 lojas, cuja distribuição contempla todos os ramos de comércio e serviços, criando um novo espaço onde todos podem encontrar tudo.

Na foto acima: assinatura do Contrato.
Presentes, pelo Pão de Açúcar, os administradores Srs. Dr. Teixeira de Abreu, Eng. Abreu Faro e Dr. Figueiredo Vasco, e pela Mundicenter (Amoreiras Shopping Center de Lisboa), os administradores Srs. Dr. Afonso Patrício Gouveia, Eng. Victor Ribeiro, José Pais Ribeiro e José Filipe Gonçalves.

CNARPE cada vez mais activa

Estruturas da Beira Interior apontam necessidade de nova força política

Foi neste restaurante isolado da variante da Covilhã que no sábado se reuniram as estruturas da CNARPE da Beira Interior, num encontro que parece ter sido decisivo para o projecto de uma nova força política

Da Beira interior, uma região marcada pelo forte contraste entre as potencialidades humanas e naturais que possui para se desenvolver e o ostracismo a que tem sido votada pelo poder político centralizador, veio neste fim-de-semana um impulso decisivo para a movimentação que em todo o País se está a verificar à volta das estruturas que em 1980 constituíram o apoio para a reeleição do general Ramalho Eanes. A procura de uma solução democrática com Eanes, a desenvolver-se para além dos horizontes temporais do seu mandato, tem agitado nos últimos tempos a opinião pública e a situação cada vez mais degradada a que chegou a vida portuguesa acabou por mobilizar de novo uma vasta força social à procura de um projecto novo.

Neste último sábado, num restaurante isolado junto à variante da Covilhã, cerca de quatro dezenas de personalidades dos distritos da Guarda e Castelo Branco que pertenceram à CNARPE, reuniram-se durante quase todo o dia para «uma reflexão sobre o momento político actual». Entre os presentes encontravam-se Alípio de Melo e Dias de Carvalho que foram mandatários de Eanes respectivamente nos distritos da Guarda e Castelo Branco. A grande maioria dos participantes eram ex-autarcas e elementos que pertenceram ao Partido Socialista. Esteve lá o eng. Hermínio Martins, mandatário de Eanes em Santarém, mas não se encontrava ninguém da estrutura nacional da CNARPE.

Um novo projecto

Esta reunião surge na sequência de uma outra que já se tinha realizado recentemente em Tomar mas, tanto quanto pudemos averiguar, ela marcou um substancial avanço, tanto no plano da definição de uma linha de rumo, como nas conclusões precisas sobre a necessidade de levar à prática uma iniciativa política de grande alcance que possa suster a corrida para o abismo social e político em que se encontra o País.

Na verdade, como nos foi referido por um dos participantes na reunião, se em Tomar ainda se puderam verificar algumas reticências, que o comunicado então divulgado não deixava de reflectir, desta vez, na Covilhã, as coisas ficaram bem claras e conduziram praticamente à unanimidade, não obstante o facto de aqui se encontrarem pessoas com opções políticas diversificadas. Mas o denominador comum era o reconhecimento da necessidade de pôr fim ao bloqueamento do sistema, de salvar a democracia e encontrar nova esperança para o povo português.

Identificados como «elementos integrantes das comissões distritais da CNARPE da Guarda e Castelo Branco», e dando como referência geográfica genérica a Beira Interior, os participantes na reunião concluíram «ser urgente e necessário a criação de uma alternativa que seja: uma força mobilizadora, determinada e capaz de proporcionar a estabilidade política e o desenvolvimento económico e social; uma força capaz de criar uma nova ética política onde sejam fundamentais a integridade moral, a honestidade e a eficiência; uma força capaz de estabelecer um clima de confiança e que saiba corresponder a essa confiança; uma força que finalmente corrija as assimetrias regionais e sociais da sociedade portuguesa. Em suma: uma força que respeite e valorize a realidade histórica e cultural do Povo Português».

Este era o texto do breve comunicado que no final foi enviado para os órgãos de Comunicação Social.

Em traços gerais parece ser também o «retrato-robot» daquilo que tem vindo a designar-se por partido eanista, partido da CNARPE, partido presidencial, enfim, alvo de uma série de designações, talvez nenhuma verdadeiramente correcta, mas que servem de qualquer modo para caracterizar esta nova força emergente.

Redacção do comunicado final com a participação dos mandatários de Castelo Branco, dr. Dias de Carvalho, e da Guarda, dr. Alípio de Melo. De pé, ao fundo, o eng. Hermínio Martinho, mandatário de Santarém, que também esteve presente

Embora remetido a um silêncio imposto pela função, é já do domínio público que o general Ramalho Eanes, face à situação de degradação social e económica em que o País se encontra ao bloqueamento institucional a que chegou o actual quadro partidário, não assistirá passivo a este desagregar diário da sociedade portuguesa. Anunciou não há muito tempo a sua intenção de continuar politicamente activo. E como só o fará num quadro democrático, ainda que eventualmente muito alterado na sua forma institucional, terá necessidade de uma força política para levar à prática essa intervenção.

O que está a acontecer é que, num movimento que tem a particularidade de partir da província, as antigas estruturas da CNARPE e muitos outros cidadãos que se lhes têm juntado, pretendem levar até ao Presidente da República uma resposta e uma adesão popular que o obrigue a actuar antes que se esgotem as possibilidades de sobrevivência democrática do País.

«Consideramos que o actual quadro partidário não satisfaz os portugueses e pensamos que só à nossa volta è possível criar um projecto novo. Mas também estamos convencidos que isso vai depender da posição que o sr. Presidente da República vier a tomar. Quando a vai tomar, ou se a vai tomar, isso depende dele. Mas se estes homens não conseguirem pôr de pé tal projecto pensamos que o País não está em condições de permitir a desagregação que teve. A situação tem-se vindo a agravar. O bloqueamento está à vista. A degradação social e económica tem vindo a agravar-se e naturalmente o País vai exigir do Presidente da República uma posição diferente daquela que teve com a AD».

Está é uma síntese das posições que recolhemos junto dos participantes na reunião da Covilhã, no sentido de tentarmos ir um pouco além do recorte esquemático do comunicado a que já referimos.

Por que razão só o PCP apoia?

Estas movimentações dos apoiantes de Eanes na campanha de 1980 têm registado a crítica dos grandes partidos, com excepção do PCP. É uma reacção natural de defesa de uma classe política que acredita tanto menos em si própria quanto maior autoritarismo quer imprimir à sua governação.

Até que ponto o facto de só o PCP ser favorável ao aparecimento de uma nova força política constituirá uma situação embaraçosa para os seus promotores?

Sabemos que a questão foi amplamente discutida durante a reunião, terá constituído mesmo um dos temas importantes. Mas não suscitou qualquer preocupação porque, no entender dos homens da CNARPE a explicação dessa posição é mais que evidente e não exige grande esforço de raciocínio para ser explicada.

«O PCP sabe que vai ser tão evidente a falta de identificação de um projecto com o outro que se sente à vontade, sabendo de antemão que ele não terá nenhum reflexo na sua área, não vai interferir com os seus adeptos.» Esta opinião é do eng. Hermínio Martinho que sublinha também o facto de todos os partidos existentes se terem caracterizado porque gastaram as suas energias tendo como objectivo principal atacar o Partido Comunista, numa obsessão que os leva a esquecerem-se dos seus próprios projectos, se é que acreditam neles.

Hermínio Martinho entende que é necessário «trabalhar pela positiva», em lugar do assumir prioritário de posições «anti-isto ou anti-aquilo».

«Achamos que o nosso projecto vai nascer das raízes do País. Irá ter a preocupação e o empenhamento de lutar por restituir a esperança ao povo português. Não teremos como principal objectivo a luta contra outras forças».

Uma das particularidades deste movimento – talvez mesmo a mais importante – é o facto de ele vir do interior do Pais, partir da província, isto é, de regiões prejudicadas pela macrocefalia do País e que foram, durante muitos anos, uma espécie de centros fornecedores de emigração.

Quem tenha percorrido o País nos últimos anos poderá aperceber-se de importantes mutações. Apesar de tudo, muita coisa mudou. À custa da iniciativa local muitas zonas deram efectivos passos de desenvolvimento. Uma força jovem expande-se por toda a parte. É certo que com um futuro incerto. Mas o desejo de partir é muito menor apesar de tudo. Os jovens começam a assumir as suas regiões e a lutar por elas. Os adultos que ocupam já um lugar de responsabilidade nos diversos sectores, tentam recuperar o atraso a que o fascismo e outros factores conduziram a maior parte das regiões do País.

É pois natural que a Província, outrora expressão quase depreciativa para o citadino, comece a exigir cada vez com mais intensidade a fatia de poder a que tem direito, o que não deixará de provocar um certo pânico na classe política instalada.

Augusto Vilela

TURISMO SOCIAL

FAÇA TAMBÉM UMA GRANDE VIAGEM
PELO PREÇO DE UMA VIAGEM PEQUENA

BULGÁRIA	15 dias	74 000$00	URSS	8 dias	88 000$00
CHECOSLOVÁQUIA	12 dias	76 000$00		15 dias	94 500$00
HUNGRIA	11 dias	75 000$00	ÁSIA CENTRAL	14 dias	94 000$00
RDA desde	8 dias	68 000$00	SIBÉRIA	14 dias	98 000$00
desde	15 dias	89 000$00	CÁUCASO	14 dias	91 000$00
REP. BÁLTICAS	17 dias	93 500$00	VOLTA DO BÁLTICO		
ROMÉNIA	14 dias	87 000$00	(7 CAPITAIS)	15 dias	127 000$00

Incl. pensão completa, excursões, visitas especiais e guia
Compare preços... e viaje connosco
Peça programas detalhados.

AGITURISMO
Peça Programas Detalhados
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 LISBOA
Tel. 37 31 10-11
Alv. Op. 414

Economistas
O Ar Condicionado é indispensável à sua vida profissional e ao seu conforto pessoal
Instalamos ar condicionado no seu escritório ou em sua casa com qualidade e rapidez
Fornecemos orçamentos sem encargos
Pagamento após instalação e com desconto de 10% para pagamentos a pronto
Somos Tepclima
R. Arco do Carvalhão, 235-C — 1300 LISBOA
Consulte-nos pelos telefones: 655502 • 654105 • 656728 • 658385 • 658401

MARROCOS
É CONNOSCO!!!
PARTIDAS TODAS AS SEMANAS
VIAGENS DE 4, 6, 7 E 10 DIAS
HOTÉIS DE ★★★★
SERVIÇO SEM PARALELO
AUTOPULLMANS DE LUXO
GUIAS ESPECIALIZADOS
PREÇOS DESDE 18.400$00
LUSANOVA TURISMO
AV. JOÃO XXI, 9-A - M. MONIZ, 6-A - TEL. 894311-894480

Em Outubro: 4 mil alunos da Amadora-Queluz não terão escola

Milhares de pais e encarregados de educação da zona da Amadora-Queluz (área pedagógica 8) reclamam em abaixo-assinado a construção imediata da escola secundária de Massamá.

Sem esta escola a funcionar os 4 mil alunos que este ano lectivo concluem o ciclo preparatório e devem ingressar em 84/85 no ensino secundário não vão ter lugar nas escolas secundárias da área que atingiram já os níveis máximos de superlotação.

Incluída no plano de emergência do Ministério da Educação desde 1982, estando o respectivo terreno já escolhido e aprovado, o facto de não ter sido construída tem obrigado milhares de jovens desta área a frequentar escolas muito distantes da sua zona de residência.

Saturadas que estão essas escolas, prevê-se que não haverá pura e simplesmente vaga nas escolas secundárias para os 4001 jovens que este ano concluem o ensino básico.

Desde Março de 83 que 17 escolas e 13 órgãos autárquicos da AP -8 procuram obter a marcação duma entrevista com entidades responsáveis, nomeadamente com o secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, para expor os problemas que afectam o ensino naquela área, deligências que até agora têm sido infrutíferas.

A falta de espaço tem dado origem a atrasos na abertura das aulas, deslocações forçadas de alunos para zonas distantes daquela onde moram, aumento do insucesso escolar e da taxa de abandono e desistência.

A ruptura que anualmente se vem agravando atingirá no ano lectivo níveis insuportáveis.

Prevê-se que em 84/85, além dos 4001 alunos do preparatório que não terão vaga nas escolas secundárias existentes, 6331 que terminam este ano lectivo o ensino primário farão as escolas preparatórias ultrapassar os níveis máximos aconselháveis de superlotação.

Resta ainda o problema dos 3870 jovens da AP8 que este ano concluem o ensino secundário, muitos dos quais não terão vaga no ensino superior. «Será o interregno forçado, não se sabe por quantos anos, no normal desenvolvimento das carreiras de muitos jovens», afirmam os pais e encarregados de educação num texto informativo enviado à imprensa.

A ruptura das instalações escolares da área pedagógica 8 não se traduz só em falta de espaço, mas noutras carências.

assim, nas nove escolas preparatórias – Alfornelos, Alfragide, Brandoa, Damaia, D. Francisco Manuel de Melo, Massamá, Monte Abraão, Roque Gameiro e Amadora-Mina, – as carências vão desde a inexistência de posto médico.

Subida de Olhão a cidade em discussão

O deputado socialista Luís Saias anunciou que a Assembleia da República começará a discutir, hoje, um diploma em que se prevê a elevação da vila de Olhão à categoria de cidade.

Luís Saias falava nas cerimónias do «Dia de Olhão», feriado municipal do concelho e que assinala a data da revolta de um grupo de olhanenses contra a presença napoleónica em Portugal e que alastraria depois ao resto do País.

As comemorações tiveram a presença do secretário de Estado dos Desportos, governador civil de Faro, presidente da Região de Turismo do Algarve e ainda representantes dos órgãos autárquicos do concelho.

O programa que assinalou a efeméride incluiu a inauguração de um pavilhão gimnodesportivo orçado em cerca de 20 mil contos e as novas instalações do centro de bem estar social Nossa Senhora de Fátima que custaram 50 mil contos.

Aquele centro é um dos poucos existentes no País dedicado ao auxílio de raparigas em situação difícil, nomeadamente por morte dos pais ou por razões de ordem económica, sendo o número de frequências actualmente de 73.

Foi ainda inaugurado um jardim junto à parte baixa da vila, que passou a ter a designação de «Jardim do Pescador Olhanense», em cujos bancos se encontra reproduzida uma colecção de azulejos do mestre Jorge Colaço, destruída na altura da construção do Palácio de Justiça da vila.

Espinho inicia processo para Casa de Cultura

As associações culturais do concelho de Espinho vão desenvolver diligências para a instalação de uma Casa de Cultura – disse o presidente da Cooperativa Nascente.

António Santos acrescentou que uma deliberação nesse sentido foi tomada pelos participantes num encontro entre dirigentes de associações culturais que se efectuou neste fim-de-semana na sede da Cooperativa Cultural Nascente, de Espinho.

Participaram nesta reunião representantes de dez associações locais e do Ministério da Cultura, Comissão de Coordenação da Região Norte, Direcção-Geral da Educação de Adultos e Delegação de Aveiro do Fundo de Apoio a Organismos Juvenis (FAOJ).

«Os órgãos do Poder Local referem-se frequentemente à criação de uma Casa de Cultura no concelho de Espinho sem, contudo, definir os moldes da sua estruturação e do seu funcionamento» – disse António Santos.

Os participantes na reunião avançaram sugestões e propostas – acrescentou – e «vão tomar iniciativas».

2 ANOS E MEIO
DE GARANTIA FORD
Extraordinária oferta.
Extraordinário Escort.

Até 15 de Julho, com as chaves do seu Escort, novinho em folha, você recebe 2 anos de Garantia Extra Ford, para além dos 6 meses de garantia normal, até ao limite de 50 000 km.

Uma vantagem importantíssima que só um carro com as extraordinárias qualidades do Escort lhe pode oferecer.

Tracção dianteira, suspensão totalmente independente às 4 rodas, amplo conforto para 5 adultos, grande economia em combustível e manutenção.

Extraordinário Escort, o carro feito para agradar.

Contacte já o seu Concessionário Ford!

Só até 15 de Julho!

5,4 litros aos 100 quilómetros*

*Escort 1.3 GL. à velocidade constante de 90 kms/hora.

FORD ESCORT Ford

APROVEITE ESTA OCASIÃO ESPECIAL:
COMPRE O SEU FORD ESCORT ATÉ 30 DE JUNHO
E PARTICIPE NO GRANDE SORTEIO «EXTRAORDINÁRIO ESCORT».
20 VIAGENS PARA CASAL À ILHA DA MADEIRA!

de ontem para hoje

Detido um dos assaltantes à agência do BNU em Beja

UM jovem de 18 anos, José Alexandrino, natural do Penedo Gordo, foi surpreendido na madrugada de ontem pela PSP, juntamente com mais três indivíduos que se puseram em fuga, a saltar por uma das janelas das traseiras da agência do Banco Nacional Ultramarino, em Beja. Alexandrino, que tinha em seu poder vinte contos em dinheiro, só foi capturado mediante alguns disparos de intimidação feitos pelos agentes. A PSP procura agora localizar os três outros assaltantes, já identificados por Alexandrino. A agência do BNU já fora assaltada no princípio deste ano.

Tipógrafo assassinado no Bairro Alto

Um impressor tipográfico, João Eduardo da Silva Estrela, de 29 anos, foi morto à facada, na noite de sexta-feira no Bairro Alto pelo responsável do bar do Lisboa Clube Rio de Janeiro, Salvador de Oliveira Araújo. João Estrela, toldado pelo álcool, fizera alguns distúrbios, mas já se preparava para abandonar o bar, acompanhado de alguns amigos, quando foi barbaramente agredido com uma faca de cozinha por Salvador Araújo, já com antecedentes criminais. Refira-se que João Estrela, que era irmão da nossa camarada de trabalho da Secção de Limpeza, Luzete Estrela, a quem apresentamos condolências, ,só foi evacuado pelo «115», cerca de vinte minutos depois de ter sido agredido.

Marinheiro evacuado por helicóptero

Um helicóptero da Força Aérea Portuguesa da Base das Lajes na ilha Terceira evacuou ontem para o Hospital de Angra do Heroísmo um tripulante do navio grego «Akron». Stadermann Wilfried, de 41 anos, natural da RFA, tinha sido atingido na vista esquerda com um pedaço de aço pelo que ficará internado naquele Hospital até que o «Akron» escale os Açores no seu regresso dos EUA.

Suicídio de dirigente da JAE

O vice-presidente da Junta Autónoma das Estradas (JAE), eng. Miguel Rodrigues, suicidou-se na passada sexta-feira, ao atirar-se do tabuleiro da Ponte 25 de Abril. Segundo testemunhas oculares, a vítima tinha saído pouco antes do edifício da JAE, ao chegar ao fim da Ponte, sobre a Avenida da India, mandou parar o carro e atirou-se sem que o motorista tivesse tido tempo de intervir. O óbito foi confirmado cerca das 21 horas no Serviço de Urgência do Hospital de S. José, tendo o corpo transitado para o Instituto de Medicina Legal.

Alcoolismo é «catástrofe em Portugal

No Quarto Encontro de Terapia Comportamental, que este fim-de-semana decorreu no Hospital Magalhães Lemos, no Porto, o psicólogo Marques Guedes afirmou que 35 por cento dos homicídios e suicídios registados em Portugal têm a sua origem na ingestão excessiva de bebidas alcoólicas. Ainda segundo o dr. Marques Guedes, o alcoolismo assume no nosso País o carácter de «uma autêntica catástrofe».

Cabo-verdiano afogado num charco

A GNR de Sintra investiga as circunstâncias em que ocorreu a morte do cidadão cabo-verdiano Januário Lopes, de 34 anos, guarda de obras da construção civil, cujo cadáver apareceu num charco em Campo Raso. O presumível homicida. João Bento. tractorista, natural de Viseu, afirma ter-se envolvido em luta com Januário, de quem era amigo, após este o ter agredido sem explicação. Segundo referiu a dada altura, da refrega (tinham ambos estado a comer e a beber), Januário caiu ao charco, onde terá morrido afogado. O guarda tinha a mulher e dois filhos em Cabo Verde, a quem enviava parte do seu salário.

Tiros no Funchal contra automobilista

A tiros de pistola a PSP obrigou a parar um automobilista que, no centro do Funchal, conduzia ilegalmente e a alta velocidade uma furgoneta, tendo chegado mesmo a galgar alguns dos passeios. O detido, de apelido Martins, ficou ferido ao ser atingido por estilhaços do vidro de uma porta da viatura, provenientes dos disparos de intimidação feitos pelos agentes.

Acordou nas mãos do cangalheiro

Um septuagenário,. que já estava a ser preparado pelo cangalheiro no Lar de São José, na Póvoa de Lanhoso, deu subitamente sinal de que não era cadáver, afirmando estar bem vivo e esperar participar ainda nos funerais de muitos outros. O falso morto, que apenas «desmaiara profundamente é bombeiro reformado pelo que a corporação dos Bombeiros Voluntários de Póvoa de Lanhoso chegou a ter a bandeira a meia haste em preito de homenagem.

Morreu o vice-governador civil de Lisboa

O vice-governador civil de Lisboa, José Máximo da Costa, de 52 anos, faleceu na passada sexta-feira, vítima de doença cardíaca. Máximo da Costa, militante do PS tomara posse do cargo em 12 de Junho de 1983 depois de ter sido durante sete anos presidente da Câmara Municipal da Lourinhã. O funeral seguirá esta tarde da casa mortuária do Hospital de Santa Maria para a Igreja da Lourinhã.

«D. Perlimplim» ou de como o amor e a cultura andam de mãos dadas

Benite e alguns jovens "fizeram" Lorca

Chamusca: à "Borda d'Água" D. Perlimplim faz das suas

Chamusca é um daqueles locais de passagem que a maioria dos viajantes cruza descuidadamente com um qualquer destino em vista. Quem se lembrará de um dia deixar o carro e subir por ali fora, por exemplo até ao Outeiro do Pranto?

Quem o fizesse, ainda há pouco mais de um mês, teria oportunidade de se cruzar com um edifício sem qualquer interesse, até por se tratar pura e simplesmente de uma vacaria. O mesmo espaço, porém, já acolheu no sábado algo do completamente diferente: uma peça de Federico Garcia Lorca, «Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim».

Claro que estas coisas não acontecem por acaso. Como não foi um mero capricho que no referido Outeiro se instalasse uma capela com nome pouco usado para uma «Nossa Senhora»: do Pranto. Esse é, ao que parece, um rasto da passagem dos franceses em invasão... pela margem do lado de lá do Tejo.

«D. Perlimplim» também não desembarcou ali «porque sim», como é quase refrão no texto do poeta espanhol. Ainda lembrando o belo texto, numa tradução de Eugénio de Andrade, diremos que nestas coisas de cultura, onde o amor é a componente essencial, nada é possível «de pernas fechadas».

A transformação, o «milagre», da mudança da vacaria em «sala de teatro» é resultado directo do empenho de uma Câmara Municipal que vê as coisas da cultura como algo de importante, as defende na prática – lhes cria condições. Por isso, talvez estranhamente para o forasteiro, a grata surpresa de haver um pelouro da Cultura, a tempo inteiro, neste município à beira-Tejo plantado.

As coisas são como são e neste País em que um grupo de teatro tira do Tejo o seu nome de «Borda d'Água», os 110 quilómetros até à capital ainda representam uma distância aparentemente inultrapassável.

Um homem do Grupo de Campolide teve um entendimento diferente.

Descentralizar

Um homem do Grupo de Campolide, sediado em Almada, teve um entendimento diferente, mas não é só ele. O interesse, na prática, pela descentralização é um dos pontos de honra de todo os artistas e homens de teatro que desenvolvem actividades na Academia Almadense.

O passo foi, desta vez, dado por Joaquim Benite, que durante duas semanas se dedicou ao grupo de jovens chamusquenses envolvidos na iniciativa. Andava a obra de transformação da vacaria pelas mãos dos pedreiros, caminhava a construção da peça com a insistência dos próprios jovens, ia e vinha o próprio Benite a caminho da vila ribatejana... neste esforço.

O resultado foi mostrado a algumas dezenas de pessoas, no sábado. Muitas se terão surpreendido: como é possível o amadorismo crescer algo como isto? E, no entanto, os frutos estão à vista num movimento que ainda não acabou: a vila vai ter oportunidade de ver e rever a peça na antiga vacaria, as aldeias e lugares do concelho conhecerão uma alternativa à TV, o conceito (abraço) da intermunicipalidade permitirá voos mais largos, pelos concelhos limítrofes, às palavras de Garcia Lorca.

Umas linhas mais, também com o objectivo de lembrar a muitos lisboetas que cento e poucos quilómetros nem sempre de terras como a Chamusca uma monstruosidade de lonjura. Sendo as coisas devidamente planeadas, até dá para ser passeio. Que a terra tem um parque bem agradável; que o olhar terá oportunidade de se espraiar por sobre parte da campina; que as coisas mudaram muito nestes últimos dez anos.

Um exemplo para quem gosta de recordar velhos petiscos: uma «couve a murro», servida a título particular, mas que talvez seja possível se tudo for combinado previamente. O pelouro da Cultura, estamos certos, dará aí uma mãozinha, que isto também está no seu âmbito.

(E sabem quanto custou à Câmara este «D. Perlimplim? A «exorbitância» de cem contos...).

R.V.

Em 1985, "Ano Europeu da Música"

Carrilhão de Mafra vai ser consertado

O carrilhão do Convento de Mafra, com duzentos anos de existência, será reparado em 1985, «Ano Europeu da Música» — anunciou o ministro da Cultura, Coimbra Martins.

«Técnicos flamengos deslocar-se-ão a Portugal para reparar o carrilhão, fortemente deteriorado por tantos anos de exposição, às brisas marítimas» — disse o ministro.

As comemorações do «Ano Europeu da Música» incluirão ainda uma exposição iconográfica e documental sobre Domenico Scarlatti, compositor e músico italiano do século XVIII, que viveu em Portugal, na corte de D. João V.

O «Ano Europeu da Música» será ainda assinalado com a realização de um concurso internacional de peças musicais que incorporem versos de Fernando Pessoa.

O próximo ano assinalará também a descoberta do património musical português, inédito na sua maior parte, estando prevista a criação de um instituto do património musical, disse Coimbra Martins.

O ministro da Cultura adiantou que em 1985 haverá uma temporada de ópera mais longa e mais importante, que incluirá clássicos, como Wagner e obras modernas.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
Serviço de Aquisições

(A N Ú N C I O)

Concurso Público n.º 3-1330/84

Fornecimento de mescla para capas do pessoal

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 9 de Julho próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 8 de Junho de 1984.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

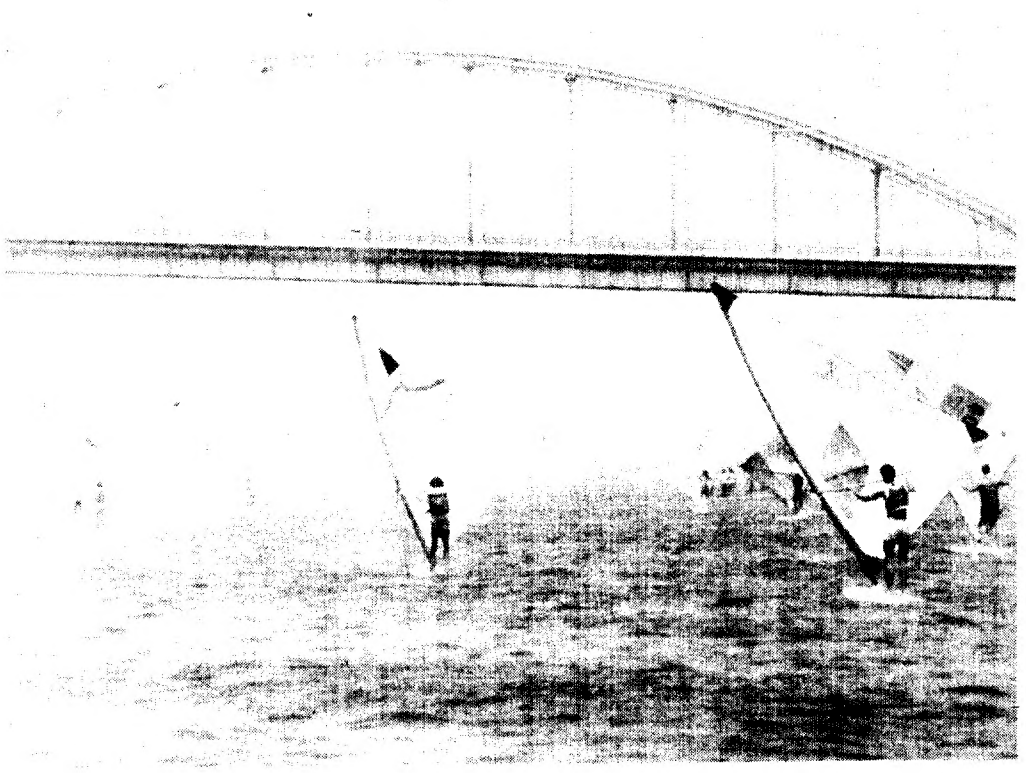
Mais de mil no cruzeiro Alhandra-Salvaterra

Uma festa pelo Tejo arriba

Há anos, dizem que há muitos anos, que um «ferry-boat» da «Transtejo» não subia o Tejo para arriba de Vila Franca de Xira. Para arriba de Vila Franca de Xira ficam o Carregado, a Azambuja e Salvaterra de Magos, para falarmos de algumas das terras da borda do rio onde barcos carregam e descarregam, sobretudo batelões. E também bateiras afectas a transportes não muito pesados, porque para as cargas e descargas de muitas toneladas há os batelões.

Foi preciso a secção de vela do Alhandra Sporting Club encher-se de capricho e lançar publicamente o XV Cruzeiro do Tejo como a «maior prova dos últimos anos», sem o dizer abertamente – mas nisso confiando – para que a inscrição de acompanhantes crescesse, crescesse e justificasse a contratação de um cacilheiro. Sem ser preciso tirar sortes na «Transtejo», foi «O Setubalense» destacado para o Cruzeiro do Tejo na sua décima quinta edição, comandado pelo capitão Álvaro Durão que, com mais cinco homens, transportaram a alegria pelo Tejo acima.

Cacilheiro assim carregado , com sala de baile improvisada, mais filas e filas de barcos e pranchas, às vezes em corropio serpenteado, outras com os especialistas em «Snipes», «Europe», «Maser I», «Vaurien», «Cadet» e «Optimist» e vergarem-se todos, a inclinarem-se como que rezando para que o vento surja e os embale (porque em vela o vento é fundamental), é um espectáculo extraordinário se numa prova participam – como foi o caso deste XV Cruzeiro do Tejo – cerca de duas centenas de velejadores.



Espectáculo desportivo de rara beleza, tendo a Ponte de Vila Franca como fundo

Mas se os participantes foram na ordem das duas centenas, os acompanhantes quintuplicaram. entre os que tomaram lugar no «Setubalense», barco construído em 1936 (na então Sociedade de Construções e Reparações Navais) e com capacidade para seiscentas pessoas, e os que subiram o Tejo nas suas canoas, nas suas traineiras, nas suas bateiras. Uma festa pelo Tejo acima...

(Falta de) vento não ajudou

Não foi a mesma festa, no dia seguinte (domingo), Tejo abaixo. O vento teimou em não contribuir, fez gala em não soprar, por mais leve que fosse a sua força. As bandeiras bem desfraldaram, mas as velas é que não enfunaram. E sem velas «orgulhosas», cheias de vento, não há competição.

De modo que a tradicional regata do Tejo, que normalmente (quando há vento) se desenrola em dois dias e é a maior prova de vela assente no binómio participante-acompanhante, acabou, este ano, por se decidir apenas num dia, pelas razões já apontadas. A ligação de retorno (Salvaterra de Magos-Alhandra) não se efectuou e os velejadores mais optimistas que não se tinham imposto entre Alhandra-Salvaterra, no sábado, viram malogrados os seus intentos.

E claro que numa prova desportiva destas, em que a confraternização «pulveriza» e ofusca a competitividade, não ganhar é menos grave do que parece. Medalhas há-as para todos. Taças, para alguns. Medalhões, para os que não ficam nem com taças nem com medalhas. Quer isto dizer, pois, que cerca de duzentos participantes tiveram direito a uma recordação (havia taças imponentes) deste XV Cruzeiro do Tejo em que apenas 152 velejadores chegaram ao termo da prova. Há sempre quem não resista, mesmo à falta de vento ou à impreparação física.

Os vencedores, esses contornaram todas as dificuldades: o vento (que pouco soprou), o desgaste, a contrariedade psicológica. Os vencedores e não só: também aqueles, todos aqueles que chegaram ao fim, que cortaram o «risco» em Salvaterra. E foram 158.

Não será despiciendo, já agora, referir quem venceu este cruzeiro. E, desde já, assinalar que o triunfador absoluto (em todas as classes) foi o marvilista José Nuno Madeira (do Clube Oriental de Lisboa).

Ficaram nos primeiros lugares das diversas categorias, estes homens (e entre eles uma jovem): João Conde (Vilafranquense) em «Snipe», José Nuno Madeira em «Europe», Luís Santos (C. Náutico do Almada) em «Pacer», Manuel Sequeira-Constantino Padinha (Cimpor) em «Vaurien», José Manuel Bico-Carlos Miguel (Vilafranquense) em «Cadet», Fernando Lopes (Sport Algés e Dafundo) em «Optimist», Luís Abreu Freire (C. Visual) e Teresa Guimarães (SAD) em «wind-surf» pesado e leve, respectivamente, e Fernando Marques e Jaime Polimout em «Dart».

Júlio Rodrigues: texto
Rui Pacheco: fotos

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

A falta de ar vem com a polícia a dar ● Televisão, essa invisual ● Uma atitude define-se sempre pela sua altitude ● Os ministros caixeiros-viajantes levam Portugal na mala? ● Ser culto é não ser curto ● TV cobarde, só bates em homens sentados! ● Quando alguém agarra o dinheiro é porque o dinheiro agarra alguém ● O amor morre quando acaba a descoberta ou a descoberta acaba quando o amor morre? ● Os aparelhos de televisão só deviam ser vendidos com receita médica ● Está provado que a longevidade é maior nos locais onde não chega o telejornal. Por isso, o coronel Odorico solicitou que o telejornal fosse transmitido a partir de Sucupira ● Ele diz que dizem que ele é da CIA. Se dizem o que ele diz que dizem dele e, ao dizê-lo, gosta de o dizer, quem sou eu para desdizer os que dizem aquilo que ele diz que dizem? ● Pensa nas barrigas vazias, quando vires as montras cheias ● Deus foi um tolo. Não lembraria a ninguém fazer milagres de graça ● Quanto mais tu não souberes quem é o tem inimigo, mais o teu inimigo saberá quem tu és ● ... Pois, só que a História não vai em histórias... ● O amante nada sabe das leis do mercado: quanto mais ama, mais barato se vende ● Ah, quanto amor-próprio não depende do suor alheio! ● No trânsito do amor, manda muitas vezes a prudência que se pare no sinal verde e manda a sabedoria outras vezes que se não desista ao sinal encarnado ● A maior ofensa que se faz a uma pessoa consiste muitas vezes em chamar-lhe aquilo que ela diz que é ● Vale mais ser Ninguém na lapela de um cravo do que ser um cravo na lapela de certo Alguém ● Liberdade ou é uma noção de classe ou é uma noção sem classe nenhuma ● Há quem suba de degrau em degrau, há quem suba de cama em cama ● Alguns deixam tudo para ter direito à sua própria alma; outros dão a própria alma para ter direito a tudo ● Quem anda sobre o fio da navalha não pode dar um passo em falso ● Se alguém se julga com direito à impunidade, é porque está projectando grandes crimes ● Conheço-te: antes de seres o que és, já o não eras ● Aquele sujeito tem uma barriga tão grande, que nunca diz «eu penso». Diz «eu panço» ● Quando só vemos e discutimos o futebol, quantos golos estaremos a meter na nossa própria baliza? ● A imbecilização é a doença mortal de uma civilização ● A estupidez provocada pelo **Telejornal** *é morte de que não se ressuscita ●*

Câmara de Loures desmente acusações do PS

«Têm sido desviados milhares de contos neste Município, na realidade, mas através de fraudes e negociatas de grande vulto, cometidas com a protecção dos vereadores do PS, PSD e CDS» – afirma o presidente da Câmara de Loures, Severiano Falcão, em resposta a um comunicado público do PS concelhio, a que o «DL» se referiu na sua edição de sexta-feira.

O único elemento certo das «denúncias» feitas pelos socialistas de Loures, do ponto de vista de Severiano Falcão, é «a administração da Câmara de Loures sempre ter estado ao lado dos trabalhadores do Município, tal como está ao lado de todos os trabalhadores autárquicos que têm vindo a ser alvo da ofensiva do Governo».

O comunicado dos socialistas referia-se a perseguições a trabalhadores da Câmara de Loures. O seu presidente vem agora afirmar que se trata de «processos disciplinares».

A justificação é a de que os visados estarão envolvidos em «escandalosos casos de corrupção, fraude e falsificações, cometidos nomeadamente com o beneplácito dos vereadores socialistas Martins Pereira e Augusto Mordido, depois de terem contribuiído para a queda da Câmara em 1981».

Um outro ponto polémico é o da cedência de equipamentos do Município de Loures a outras Câmaras. «Nada mais é do que o pôr em prática de uma coerência do executivo que, se por um lado em nada prejudica o Município, por outro é ainda pouco para pagar a fraternidade e solidariedade de Câmaras que acorreram em auxílio do concelho de Loures, aquando das cheias de Novembro de 1983» – contrapõe Severiano Falcão.

«Falam depois de apoio aos pioneiros» – recorda o presidente da Câmara de Loures. «Nada mais legítimo – entende – dado ser esta uma organização legal, institucionalizada e a fim de tantas outras que como aquela recebem o auxílio e o apoio da Câmara de Loures». O exemplo fornecido é o dos escoteiros, com muito mais verbas, que «contam e contarão sempre com a solidariedade do executivo».

«Para finalizar – lê-se no comunicado emitido a propósito desta polémica – o executivo desafia os vereadores do PS, bem como os do PSD e CDS para um debate público, na Rádio, na Televisão e perante todos os órgãos de Comunicação Social, para então os poder desmascarar e denunciar todas as acções ilegais e irresponsáveis que têm cometido».

Acusam os socialistas em encontro de quadros

Autarquias madeirenses não têm autonomia

O dirigente do PS/Madeira, Monteiro de Aguiar, disse no Funchal que as autarquias locais madeirenses não têm a «efectiva autonomia» prevista na Lei.

Falando na cerimónia de abertura do Encontro de Quadros Autarcas Socialistas, Monteiro de Aguiar acrescentou que a iniciativa «tem o objectivo e a finalidade única de proporcionar uma reflexão a fim de ser possível pensarmos sobre o que tem sido a gestão autárquica na Madeira».

Considerou que as autarquias locais madeirenses «têm algo de especial e de singular na medida em que não desfrutam da autonomia efectiva consignada na Lei».

Aguiar recordou que a maioria das câmaras municipais da região não dispõe de planos directores municipais – e uma iniciativa legislativa nesse sentido foi rejeitada sexta-feira pelo parlamento regional – «quando se impõe uma planificação de ideias e de acções e a definição de objectivos futuros tendo em vista um mais harmonioso desenvolvimento dos concelhos da região».

Admitiu que idêntica situação se verifique ao nível das Juntas de Freguesia acrescentando:«Por isso é necessário parar um pouco para pensarmos no que se está a fazer, pois o futuro das autarquias locais madeirenses terá de ser diferente».

O dirigente socialista criticou a «dependência dos gestores autárquicos», face à governação regional e defendeu a necessidade do PS afirmar-se «como uma alternativa consciente e construtiva».

«Precisamos de ânimo novo e de uma acção cada vez mais forte e eficaz em prol das comunidades», concluiu.

A secretária de Estado da Administração Autárquica, Helena Torres Marques e o deputado à Assembleia da República António Avelino participam neste encontro de autarcas socialistas madeirenses, no sábado e domingo.

Ordenamento territorial e urbanismo, urbanização e obras públicas, herança, cultura e identidade, património construído e informação, Finanças Locais, gestão autárquica e legislação autárquica (Helena Torres Marques) foram alguns dos temas desenvolvidos.

Porto de Sesimbra: concurso até dia 4

O Governo vai antecipar o lançamento do concurso internacional referente ao porto de pesca de Sesimbra.

Uma resolução nesse sentido, aprovada em Conselho de Ministros em 31 de Maio, foi publicada no «Diário da República», de sábado e prevê a antecipação do lançamento do concurso internacional para o próximo dia 4 de Julho.

A antecipação do lançamento do concurso faz-se de forma a ser possível a adjudicação da obra 1o mais tardar em Outubro de 1984», refere a resolução.

A antecipação do lançamento do concurso internacional tem como motivo a situação de desemprego que se verifica na península de Setúbal, diz ainda a resolução.

CICLO PREPARATÓRIO – PARALELISMO PEDAGÓGICO
EXT. SÉNECA e Sebastião da Gama, Av. Almirante Reis, 73-1.º – Tel. 82 27 76 e 82 35 31
UM ENSINO RESPONSÁVEL ☆ UM ENSINO RESPONSÁVEL ☆ UM ENSINO RESPONSÁVEL

ENSINE O SEU FILHO
Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua

24 horas

Vitória socialista no Luxemburgo

Os socialistas luxemburgueses deverão voltar ao governo, após cinco anos na oposição, graças aos ganhos conseguidos nas eleições gerais de ontem, anunciou a Rádio Luxemburgo. Escrutinados mais de metade dos votos, os socialistas contam com 22 dos 64 lugares no Parlamento, ou seja mais oito que na anterior Câmara, enquanto o partido Social Cristão e o Liberal perderam dois cada, para, respectivamente, 24 e 13 lugares.

Contra a fruta espanhola

Agricultores franceses interceptaram sete camiões espanhóis carregados com frutos destinados a França e destruíram 140 toneladas de alperces, despejando-os numa estrada a norte da fronteira entre os dois países, soube-se hoje em Peripignan.

Atentados na Córsega

Uma mulher-polícia ficou ferida depois da explosão de várias bombas, no domingo à noite, no sul da Córsega, no primeiro aniversário do desaparecimento de um líder nacionalista – revelou hoje a Polícia francesa. Sete bombas deflagraram em Ajaccio e outras em Sartene, Tiucia, Mezzavia e Sagone. A mulher polícia ficou gravemente ferida em Ajaccio. Nas outras localidades, as explosões causaram danos consideráveis em bancos e escritórios.

Irlanda: estrangeiros podem votar

Por esmagadora maioria, os irlandeses pronunciaram-se a favor do direito de voto para os estrangeiros residentes na República, soube-se em Dublin. De acordo com os resultados de um referendo realizado em paralelo com as eleições para o Parlamento Europeu 836 155 irlandeses são partidários da concessão do direito de voto aos cerca de 40 mil estrangeiros radicados no Eire, enquanto 272 988 se pronunciaram contra.

Dirigente sírio visita o Líbano

O vice-presidente sírio Abdel Halim Khadam chegou hoje ao Líbano para servir de mediador a uma crise intergovernamental, depois de mais uma noite de combates entre facções rivais. As frentes da guerra civil em Beirute estão hoje, de uma maneira geral, calmas, depois de duelos de artilharia ao longo da «linha verde» que divide a capital entre os sectores cristão (oriental) e muçulmano (ocidental) – disseram fontes da Polícia.

Piloto americano na guerra do Golfo

Um caça norte-americano «F-15» ajudou caças sauditas a abater dois caças iranianos num combate no Golfo, anunciou hoje o semanário alemão-federal «Der Spiegel». A revista afirma que o avião norte-americano tomou parte activa, a par de um número não determinado de aparelhos sauditas, no derrube de dois caças iranianos, no dia 5 de Junho, próximo da ilha de El-Arábia. A revista afirma que o piloto norte-americano está na Arábia Saudita numa missão de treino de pilotos daquele país.

Remodelação em Moçambique

O presidente Samora Machel nomeou Óscar Monteiro e Sérgio Vieira para os cargos de ministros do Interior e da Segurança, respectivamente – anuncia um comunicado da presidência da República Popular de Moçambique.

A remodelação governamental foi iniciada na sexta-feira passada com a demissão dos titulares dessas mesmas pastas, respectivamente o tenente-general Armando Guebuza e o major-general Mariano Matshinhe.

Este último, segundo o comunicado, passará a exercer as funções de dirigente da província de Niassa, na qualidade de membro do Bureau político.

A pasta da Justiça, até agora a cargo de recém nomeado ministro do Interior, Óscar Monteiro, passará a ser assumida por Ali Dauto, um alto funcionário do ministério.

Entretanto, outras mudanças se registaream no Executivo moçambicano. Assim, passará a ocupar o cargo de ministro dos Recurso Minerais Abdul Magid Osman, que até aqui exercia o cargo desde a remodelação governamental de Maio do ano passado e que passa agora a vice-ministro dos Negócios Estrangeiros.

José Carlos Lobo, chefiou a missão moçambicana junto das Nações Unidas até ao ano passado.

O comunicado informa ainda que Eneias da Conceição Comiche, presidente do Banco Popular de Desenvolvimento, passará a acumular aquelas funções com as de vice-ministro das Finanças.

Para a Educação é indicado também mais um vice-ministro: João Carlos Beirão, que pertencia aos quadros superiores daquele ministério.

Por outro lado, uma nova pasta surge no Executivo moçambicano: a de secretário de Estado para os Antigos Combatentes, que funcionará junto do Ministério da Defesa e para a qual foi nomeado o major-general Oswaldo Tazama, até agora chefe dos serviços prisionais.

Eleições para o Parlamento E caracterizadas por abstenção

— Partidos "clássicos" sem variações de fundo

— Ganhos espectaculares da extrema-direita e de "Os Ve

A abstenção «record» nas eleições para o Parlamento Europeu e a votação em novos partidos radicais para a Assembleia de Estrasburgo aparecem hoje como um voto de censura dos eleitores à Comunidade dos «Dez».

Enquanto os resultados começam a ser conhecidos em maior extensão, a previsão mais sensacional é a obtenção, em França de mais de 10 por cento dos votos pelo partido de extrema-direita da Frente Nacional, ao mesmo tempo que os socialistas de François Mitterrand e os seus aliados comunistas sofrem consideráveis perdas.

Quase tão dramática é a mudança de votos do Partido Conservador da senhora Thatcher para o Partido Trabalhista na oposição, que se tem manifestado muito crítico relativamente à participação da Grã-Bretanha na Comunidade Europeia.

A outra nova força radical representada agora na Assembleia são «Os Verdes», que ganharam mais de oito por cento dos votos na Alemanha Federal e conseguiram também lugares pela Holanda e pela Bélgica.

Referindo-se à elevada abstenção registada, o presidente da Comissão Europeia, Gaston Thorn comentou: «É uma grande perda... uma catástrofe».

Talvez devido a esta fraca afluência às urnas, os partidos no governo em vários países – nomeadamente na Grã-Bretanha, França, Alemanha Federal e Irlanda – sofreram derrotas.

Em França, uma lista conjunta da oposição do centro-direita recebeu cerca de 42 por cento dos votos, mas este bom resultado foi ofuscado pelo surgimento do partido anti-imigrantes da Frente Nacional, liderado pelo antigo pára-quedista Jean-Marie Le Pen.

O partido de Le Pen tem sido comparado pelos críticos aos movimentos fascistas europeus dos anos 30.

«Isto é só o começo», afirmou Le Pen na televisão, comentando os resultados.

Na Alemanha Federal, «Os Verdes» – uma coligação heterógenea de esquerdistas, pacifistas e ecologistas – empurraram os liberais do ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Gencher, para o quarto lugar.

O partido de Genscher está a oscilar na linha dos 5 por cento, a percentagem mínima de votos requerida para que obtenha um lugar em Estrasburgo.

Em Itália, os comunistas estão a par dos democratas-cristãos e podem ainda subir, tornando-se, pela primeira vez, no maior partido italiano.

À excepção da França, os partidos socialistas da maior parte dos países da Comunidade mantiveram ou aumen-

Candidato conservador ganhou

John Turner será o novo primeiro-ministro do Canadá

O antigo ministro da Justiça canadiano John Turner foi ontem eleito líder do Partido Liberal, sucedendo assim ao primeiro-ministro Pierre Trudeau, que abandona o cargo no final do mês.

Turner, de 55 anos, advogado em Toronto, obteve na convenção do Partido Liberal 1862 votos contra 1368, alcançados pelo seu principal rival, o actual ministro da Energia, Jean Chrétien.

A vitória de Turner aconteceu à segunda volta, e depois de retiradas as quatro candidaturas que menos votos haviam conseguido numa primeira votação.

Na campanha que antecedeu esta convenção, John Turner figurava como favorito e os observadores entendem que a convenção deu a vitória à ala conservadora do partido.

John Turner assumirá imediatamente o lugar de líder do partido, mas terá de esperar pelo menos dez dias para substituir no governo o demissionário Pierre Elliot Trudeau.

John Turner nasceu em Inglaterra, mas chegou ao Canadá com os pais quando tinha um ano. Iniciou a carreira política em 1962, entrando para a Câmara dos Comuns, depois do que foi eleito secretário parlamentar do ministro dos Assuntos do Norte e Recursos Naturais.

Em 1967, e depois de passar pelo Ministério do Consumo, foi escolhido para ministro da Justiça e em 1972 foi para ministro das Finanças, cargo que abandonou por divergências com Trudeau.

Na sua primeira declaração pública após a vitória, John Napier Turner, elogiou os Estados Unidos, mostrando-se disposto a melhorar as relações bilaterais e a encontrar-se com o presidente Ronald Reagan.

«Se eu tivesse que escolher bons vizinhos, eu escolheria os Estados Unidos» – afirmou Turner.

John Turner e Pierre Elliot Trudeau (Telefoto UPI/NP/«DL»)

«Eu acredito em melhores e mais amigáveis relações com os Estados Unidos» – acentuou. «Dois bons vizinhos também têm problemas graves, mas é a atmosfera em que esses problemas são discutidos que faz a diferença».

As declarações de Turner foram consideradas uma crítica indirecta à maneira como o seu predecessor, Pierre Trudeau, tratou os laços do Canadá com os Estados Unidos.

Trudeau esteve 16 anos no poder e durante esse tempo ocuparam a presidência dos Estados Unidos Lyndon Johnson, Richard Nixon, Gerald Ford, Jimmy Carter e Ronald Reagan.

O mandato liberal termina, entretanto, em Fevereiro do próximo ano, e Turner deverá convocar eleições no final do ano corrente.

Na convenção que o escolheu, a maioria dos delegados luso-canadianos saiu derrotada: apenas um apoiou o vencedor.

NOTARIADO PORTUGUÊS

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de sete de Junho de mil novecentos e oitenta e quatro, lavrada de folhas trinta, a folhas trinta e três verso, do livro número trinta e cinco — F, para escrituras diversas deste Cartório, Manuel Pedro Semião, Mário Ramalho de Almeida e João da Conceição Rosa, como únicos sócios que ficaram sendo da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «M. Pedro Semião, Limitada», com sede em Lisboa, reforçaram o capital de trezentos mil escudos, com a importância de dois milhões e setecentos mil escudos, elevando-o assim, a três milhões de escudos.

Que, aquele reforço de capital foi integralmente realizado em dinheiro e subscrito por eles sócios, pela forma seguinte:

Sessenta mil escudos, pelo outorgante Manuel Pedro Semião; e, um milhão trezentos e vinte mil escudos, por cada um dos outorgantes Mário Ramalho de Almeida e João da Conceição Rosa.

Que, por virtude deste aumento de capital e de outras modificações que se impõem fazer ao respectivo pacto social, por esta mesma escritura, substituem a redacção dos artigos terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo, e aditam, ao mesmo pacto, sete novos artigos, que passam a ser os oitavo, nono, décimo, décimo primeiro, décimo segundo, décimo terceiro e décimo quarto, com as seguintes redacções, respectivamente:

Terceiro: O capital social é de três milhões de escudos, integralmente realizado e representado por todos os bens e valores do activo social, conforme escrituração, e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma, de trezentos mil escudos, do sócio Manuel Pedro Semião; uma de um milhão trezentos e cinquenta mil escudos do sócio Mário Ramalho de Almeida; e uma de um milhão trezentos e cinquenta mil escudos, do sócio João da Conceição Rosa.

Quarto: É permitida a cessão de cotas desde que integralmente realizadas e desde que seja oferecida à opção dos outros sócios que, portanto, ficarão com o direito de a adquirir tanto por tanto.

Quinto: Para desenvolvimento da sociedade poderá o capital ser aumentado até seis milhões de escudos, por deliberação da assembleia geral.

Sexto: Podem os sócios fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer nas condições a fixar em assembleia geral e que devem ficar a constar da acta respectiva.

Sétimo: Um — Os três sócios exercerão a gerência, com dispensa de caução, pelo que ficam desde já nomeados gerentes.

Dois — Compete aos sócios João da Conceição Rosa e Mário Ramalho de Almeida representar a sociedade, activa e passivamente, tanto em juízo como fora dele.

Três — A sociedade obriga-se pelas assinaturas de dois gerentes, os actos de mero expediente poderão ser assinados por um só gerente.

Quatro — Os gerentes João da Conceição Rosa, Mário Ramalho de Almeida e Manuel Pedro Semião poderão exercer comércio ou indústria iguais ao da sociedade.

Oitavo: Um — Os gerentes ficam investidos de todos os poderes necessários para o bom andamento dos negócios sociais e as respectivas retribuições serão fixadas em assembleia geral.

Dois — Independentemente do disposto no número anterior, os gerentes poderão constituir mandatários forenses e fazerem-se representar por procurador bastante no exercício, em nome da sociedade e por conta dela, de certos e determinados actos incluídos nas suas atribuições e competência, designadamente para os fins e efeitos a que se refere o artigo duzentos e cinquenta e seis, do Código Comercial.

Nono: É proibido aos gerentes concederem avales, fianças e abonações e letras de favor que envolvam responsabilidade à sociedade, sendo nulos os actos praticados contra o estatuído, sem prejuízo da responsabilidade pessoal de quem os praticar.

Décimo: Um — A sociedade poderá amortizar as quotas dos sócios quando se verificar a separação judicial ou divórcio de qualquer sócio, excepto se a quota for adjudicada exclusivamente ao sócio na respectiva partilha.

Dois — A amortização também é possível quando qualquer quota for arrestada, penhorada, arrematada, adjudicada, vendida judicialmente ou por qualquer forma apreendida judicialmente.

Três — A amortização far-se-á ainda quando qualquer dos sócios onerar qualquer quota ou parte dela em garantia ou caução de alguma obrigação, sem prévio consentimento da sociedade, dado em assembleia geral.

Décimo Primeiro: A amortização da quota nas condições previstas será pelo valor que resultar do último balanço aprovado.

Décimo Segundo: Um — As deliberações sobre amortizações de quotas deverão ser tomadas dentro de cento e oitenta dias, a contar do conhecimento do facto que lhes deu origem.

Dois — O preço das amortizações de quotas poderá ser pago até quatro prestações trimestrais.

Décimo Terceiro: Um — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, expedidas com a antecedência mínima de quinze dias, salvo nos casos para que a lei exija outra forma de convocação.

Dois — A expedição das cartas, nos termos do número anterior, pode ser substituída pelas assinaturas dos sócios no aviso da reunião.

Décimo Quarto: para as questões que possam suscitar-se entre os sócios ou entre estes e a sociedade, será competente o foro da comarca de Lisboa, com expressa renúncia a qualquer outro.

É certidão de teor parcial que fiz extrair a qual vai conforme o original.

Lisboa, onze de Junho de mil novecentos e oitenta e quatro

O Ajudante
(Mário Augusto Nunes)

o Europeu ão "record"

Verdes"

taram os seus votos, embora se preveja que os sociais-democratas alemães-federais tenham também perdido alguns votos.

Na Bélgica e Holanda, ambos os países com governos de centro-direita, os democratas-cristãos perderam algum terreno para os seus parceiros liberais na coligação.

Apesar da polarização do espectro político do novo Parlamento Europeu, os chamados partidos clássicos não apresentam grandes variações sobre a anterior composição da Câmara.

O grupo socialista continuará a ser maioritário, dando-lhe as previsões globais 129 lugares dos 434 da Câmara (menos cinco em relação a 1979).

Os democratas-cristãos (Partido Popular Europeu) mantêm a segunda posição, com 110 deputados (menos sete).

O grupo conservador teve uma clara descida (de 63 para 50 lugares) por causa de, sobretudo, a perda de 14 deputados na lista conservadora britânica.

O grupo comunista do Parlamento Europeu será composto por 43 deputados (48 anteriormente), com divergências por países que tiveram desde menos nove deputados (França) a um aumento de três (Itália), o que neste caso é atribuído pelos observadores ao «efeito Berlinguer».

Os liberais podem passar de 38 para 33, em parte por causa da perda dos liberais alemães federais dos seus quatro representantes na Câmara do Mercado Comum.

A inclusão de Berlim Ocidental nas eleições para o Parlamento Europeu foram uma «violação directa» do acordo das quatro potências, de 1971 – considerou hoje a agência noticiosa oficial soviética Tass.

Segundo a Tass, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França e a União Soviética concordaram que Berlim Ocidental não pertence à Alemanha Federal – membro do Parlamento Europeu – nem está sob a sua jurisdição.

Contra os acordos de Lusaca

Pretória continua a dar todo o apoio à UNITA

O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, denunciou ontem que tropas sul-africanas permanecem em Angola e acusou Pretória de treinar e enviar inimigos do regime para o interior do país.

Num discurso divulgado pela agência noticiosa ANGOP, o presidente angolano referiu não ter sido fácil cumprir as condições acordadas para o cessar-fogo entre os dois países, assinado em Fevereiro em Lusaca, devido às «continuadas manobras da parte da África do Sul».

Eduardo dos Santos disse que um batalhão sul-africano, em Angola desde 1981 e que, em princípio, deveria ter retirado no fim de Março, continua instalado 40 quilómetros no interior do país.

A África do Sul, acrescentou «continua a fornecer armas, a treinar e a enviar» elementos da UNITA, «para o interior de Angola, ao longo da fronteira zambiana, pelo que eles penetram nas áreas diamantíferas da Lunda.

O presidente angolano atacou igualmente Pretória por ignorar, sistematicamente, as resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a independência da Namíbia.

Enquanto a Comunidade Internacional insiste na concessão da independência da Namíbia, frisou Eduardo dos Santos, a África do Sul continua a apresentar desculpas, insistindo em ligar aquele processo com a retirada das tropas cubanas de Angola.

A presença das tropas cubanas, reiterou, é uma questão de soberania interna e nada tem a ver com a independência da Namíbia.

Ofensiva das FAPLA

A agência noticiosa angolana (ANGOP) afirma num comentário que as Forças Armadas do país (FAPLA) neutralizaram nos «últimos dias» centenas de inimigos que classifica como bandidos.

O comentarista adianta que estes elementos actuavam em várias províncias e que se dedicavam «ao rapto, assassinato de pacíficos cidadãos e à destruição de objectivos económicos e sociais». Refere que AS FAPLA em «acções de envergadura», nomeadamente nas províncias do Huambo, Benguela, Bié, Moxico e Cuanza Sul, para além de «aniquilarem centenas de bandidos capturaram quantidade enorme de armamento militar» e documentos.

Acrescenta que alguns destes documentos são «testemunhos seguros» da ligação dos grupos armados qu se opõem ao Governo de Luanda a «algumas potências ocidentais, a partir da África do Sul».

«Curioso, mas não surpreendente, é o facto de que sempre que o nosso país intensifica o combate contra bolsas de bandidos, ao mesmo tempo no exterior aumenta a campanha de denegrimento da Revolução angolana, campanha alimentada, fundamentalmente, pela própria África do Sul»ç — escreve o comentarista.

«Com efeito, as acções desesperadas dos grupos de bandidos contra escolas, hospitais e outros centros económicos e sociais não podem ser desligados desse contexto» — diz.

"Regionais" na Polónia

Autoridades satisfeitas com a afluência às urnas

As eleições regionais ontem realizadas na Polónia registaram uma afluência acima do que observadores qualificados esperavam por causa do apelo à abstenção feito pelo sindicato ilegal Solidariedade – foi noticiado em Varsóvia.

Cerca do meio da tarde, mais de 50 por cento dos inscritos tinham votado em Varsóvia e uma sondagem conhecida em meios oficiosos indica que deverão votar entre 72 e 74 por cento dos inscritos na generalidade do país e cerca de 80 por cento na capital.

O governo do general Wojciech Jaruzelski considerou já a afluência como um apoio satisfatório à sua política de renovação socialista e reforma económica praticada após a dissolução do sindicato Solidariedade.

Os eleitores inscritos são 26 milhões, e uma votação da ordem dos 70 por cento indicaria a abstenção de cerca de 8 milhões de pessoas.

Lech Walesa confirmou entretanto à EFE que abandonaria a liderança sindical se as eleições não expressassem, no boicote ao voto, oposição maciça ao governo de Jaruzelsky.

Estas eleições, as primeiras depois da crise aberta pelo confronto entre o Solidariedade e o governo polaco, apresentavam-se como uma medida de avaliação da força de cada uma das partes.

Enquanto as autoridades polacas apelaram ao «patriotismo» dos cidadãos para que estes corressem às urnas, Lech Walesa, embora não se atrevendo a pedir o boicote ao voto, tornou pública a decisão que tomou, juntamente com 40 dirigentes sindicais, de não votar numas eleições que considera «antidemocráticas».

Incidentes

Mais de um milhar de pessoas manifestou-se ontem dia das eleições para os Conselhos Populares – no subúrbio industrial, Nowa Huta, contra o governo polaco, informou um porta-voz do governo.

Jerzy Urban referiu que os manifestantes gritaram «Polónia somos nós» e «Abaixo o regime», mas acrescentou desconhecer se a Polícia interveio para os dispersar.

Excepto os incidentes registados em Nowa Huta, cidade satélite de Cracóvia, onde se encontra uma das mais importantes suderurgias do país, não se verificaram distúrbios, declarou o porta-voz governamental, que classificou a situação como tranquila.

Em Gdansk, afirmam testemunhas oculares, a multidão que se concentrou à saída de uma missa em honra do dirigente da central sindical clandestina Solidariedade, Bogdan Lis, recentemente preso pela Polícia, apupou os poucos votantes que saíam de uma mesa eleitoral próxima.

Cenas idênticas – refere a agência EFE – ocorreram em Varsóvia, onde grupos de pessoas que se encontravam próximo de uma mesa eleitoral aplaudiam, em ar de troça, os votantes.

Papa terminou visita à Suíça

O Papa João Paulo II deixou ontem à tarde a Suíça com destino a Roma, depois de uma visita de seis dias àquele país.

O presidente da Confederação Helvética, Leon Schjumpf, e a Conferência Episcopal Suíça estiveram no aeroporto de Sion a despedir-se do Papa que agradeceu o acolhimento dispensado pelas autoridades políticas e religiosas, assim como pela população suíça.

Por sua vez, o presidente da Confederação expressou o desejo de que a visita papal tenha favorecido o diálogo ecuménico.

A visita do Papa à Suíça, inscrita pela Conferência Episcopal Helvética no lema «Abertos ao espírito de Cristo», despertou alegria e esperança na Igreja Católica suíça e indiferença e protestos noutras igrejas.

Amanhã

Sindicalistas da construção civil concentram-se em Lisboa e Porto

Uma concentração de dirigentes e delegados sindicais do sector da Construção Civil e Obras Pública a realizar amanhã, pelas 18 horas, junto ao Ministério do Equipamento Social, em Lisboa, e à Secretaria de Estado da Habitação, no Porto, evidencia o descontentamento dos trabalhadores face à recusa do ministro da tutela em conceder-lhes uma audiência solicitada há seis meses.

Um comunicado da federação sindical do sector qualifica de inoperante a actividade do Executivo nesta área e apela à «necessária e urgente decisão patriótica» de demitir o Governo apodado de «antinacional, antidemocrático e antipopular».

Os sindicatos fazem questão de salientar a incapacidade demonstrada pelo Governo PS/PDS quanto à execução de uma política de habitação que corresponda às necessidades do povo português, e lembram a existência de 40 mil fogos construídos e sem venda, a urgência na contrução de mais 700 mil para suprirem as carências existentes e o envelhecimento do parque habitacional – mais de 60 por cento dos fogos foram edificados antes de 1945.

Paralelamente, e por contradição, os trabalhadores do sector vivem sob a ameaça do desemprego sendo «a fome companheira de muitos milhares que trabalham e não recebem salários», recorda a federação de sindicatos.

A. M. Almeida e Mercauto

Entretanto, os trabalhadores da AM Almeida e Mercauto concluíram na sexta-feira uma greve de três horas diárias para exigirem a satisfação de reivindicações salariais.

De acordo com uma porta-voz do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, a greve dos cerca de 500 trabalhadores daquelas duas empresas do ramo automóvel pertencentes ao grupo Emin co/C. Santos visou «protestar contra as tentativas de despedimento de trabalhadores e retirada de regalias adquiridas». O mesmo informador adiantou que a adesão à greve foi da ordem dos 90 a 95 por cento.

Um porta-voz da gerência, por seu lado, referiu que o que estava em causa nas paralisações eram aumentos salariais de 24 por cento que a entidade patronal considerou não poder satisfazer devido à crise do sector automóvel.

Nunca esteve em causa o despedimento de trabalhadores ou a diminuição de regalias adquiridas, garantiu. O mesmo membro do CG disse não dispor de dados quanto à adesão à greve, salientando, no entanto, que ela atinge sobretudo o pessoal das oficinas.

Operários dos Serviços Prisionais constituíram associação

Foi constituída no final da semana, em Coimbra, a Associação Profissional de Operários dos Serviços Prisionais (APOSP).

De âmbito nacional, a APOSP tem como objectivo a defesa dos «direitos profissionais e sociais dos operários dos Serviços Prisionais, perante os órgãos hierárquicos a que estão subordinados».

Segundo a comissão instaladora daquela Associação, os operários dos Serviços Prisionais estão «escandalosa e prepotentemente a ser espoliados dos seus reais vencimentos» e «muitos não são renumerados de acordo com as funções que desempenham».

«Os serviços pertencem efectivamente ao Ministério da Justiça, mas o pessoal operário parece pertencer ao ministério da «injustiça», considera, em comunicado, a comissão instaladora da APOSP.

A mesma comissão sublinha que a APOSP só agora, se criou «porque só agora se reuniram as condições necessárias, fruto de uma situação de saturação e repulsa».

Realça, por outro lado, o «descrédito em que caíram os dirigentes perante a maioria dos funcionários», observando que «prometeram promoções e dividiram para reinar».

SATA

Trabalhadores acusam CG de destabilização

Os trabalhadores da transportadora aérea açoriana (SATA) que prestam serviço no aeroporto das Lajes acusaram a administração da empresa de «tentar desestabilizar o ambiente de trabalho naquele aeroporto».

Numa conferência de Imprensa, convocada para justificar uma greve de três horas, realizada este fim-de-semana os trabalhadores da SATA nas Lajes responsabilizaram o conselho de gerência por uma alegada manobra de «denegrir a imagem deste aeroporto internacional».

«Com esta manobra — afirmam — pretende-se justificar a transferência da placa giratória de tráfego aéreo nos Açores, da Terceira para outra ilha do arquipélago».

Afirmando que não querem assumir atitudes bairristas «nem opôr-se a qualquer definição de política aérea legalmente estabelecida», os trabalhadores da SATA dizem, no entanto, «que se recusam a ser o bode espiatório de uma situação que não criaram».

Segundo o SITAVA, sindicato que convocou a paralização, para os trabalhadores o que está em causa «é o facto de a SATA ter adoptado um tratamento diferente para os trabalhadores das Lajes.

A direcção do sindicato acusou a administração «de mudar arbitrariamente de posto de trabalho vários funcionários e de mover processos disciplinares por motivos menores».

Acusa ainda o conselho de gerência daquela empresa pública de ter adoptado para os trabalhadores das Lajes horários «mais rigorosos em relação aos colegas que prestam serviços noutras escalas».

Para os cerca de 90 trabalhadores da SATA nas Lajes, «apesar do aeroporto ter assumido novo volume de tráfego a administração sempre se recusou a dotar a escala com os meios necessários ao seu funcionamento».

Devido à paralisação entretanto realizada a transportadora açoriana antecipou alguns voos.

Igualmente a TAP, a quem a transportadora açoriana presta assitência antecipou as sua escala nas Lajes.

A convite da CGTP

Sindicalistas moçambicanos visitam o nosso país

Uma delegação da Organização dos Trabalhadores de Moçambique (OTM) chegou sábado a Lisboa a convite da CGTP-IN, informou esta central sindical.

Os sindicalistas moçambicanos, que estarão em Lisboa até dia 22, são chefiados pelo secretário-geral adjunto da OTM, José Correia Venâncio, e terão vários encontros com estruturas da CGTP-IN, visitando diversas empresas.

A OTM foi constituída em Outubro de 1983, tendo sido formados, entretanto, 13 sindicatos nacionais por ramo de actividade.

Lanchas do Pico

A empresa das Lanchas do Pico, que assegura as ligações entre esta ilha e o Faial, vai aumentar os salários amanhã, a fim de evitar uma greve dos marinheiros – informou ontem uma fonte sindical.

A mesma fonte disse que os trabalhadores pretendem aumentos na ordem dos trinta e dois por cento, argumentando que os seus salários não são revistos há dois anos.

A administração vai, entretanto, entregar um memorando ao Governo sobre as dificuldades da empresa.

As lanchas «Calheta» e «Espalamaca» realizaram em 1983 um total de 1755 travessias do canal Pico-Faial, movimentando 157 338 passageiros.

2.º CARTÓRIO NOTARIAL DO BARREIRO

Certifico que a presente fotocópia ocupa nove folhas e foi extraída da escritura lavrada de folhas dez verso a folhas catorze verso do livro de escrituras diversas número cento e cinco A deste cartorio.

Barreiro, catorze de Outubro de mil novecentos e oitenta e três

O Ajudante,
(Assinatura ilegível)

CESSÃO DE QUOTAS, AUMENTO DE CAPITAL E ALTERAÇÃO TOTAL DE PACTO

No dia catorze de Outubro de mil novecentos e oitenta e três, no Segundo Cartório Notarial do Barreiro, perante mim, licenciada Maria Cristina Castro de Vilhena Fragoso, notária interina neste Cartório, compareceram como outorgantes.

PRIMEIRO

Natividade Batista Marques Coelho, que em solteira usou o nome de Natividade Batista Marques, como declarou, natural da freguesia de Alhos Vedros, do concelho da Moita, casada no regime da comunhão de adquiridos com Luís Mendes Coelho, residente na rua José Relvas, n.º 68, rés-d-chão, nesta vila do Barreiro.

SEGUNDOS

João Castanheira de Moura e sua mulher Aurora Batista Marques, que também usa o nome de Auraora Batista Marques de Moura, como declarou, naturais da freguesia do Lavradio, do concelho do Barreiro, casados no regime da comunhão geraia de bens, residentes na Rua Miguel Bombarda, n.º 207, 2.º andar, no Barreiro.

TERCEIRO

Carlos Vítor Marques Durão, natural da freguesia e concelho do Barreiro, casado no regime de comunhão de adquiridos com Emília Pereira Rodrigues Durão, residente na Rua José Magro, n.º 4, 1.º-A, no Barreiro.

QUARTO

José Joaquim Passuco Manta, natural da freguesia de S. João Baptista, do concelho de Moura, casado no regime da comunhão de adquiridos com Ahmerinda Marianela Dias Manta, residente na Praceta Alfredo Keil, n.º 7, rés-do-chão-direito, no Barreiro.

Pelos primeira outorgante e segundo outorgante marido foi dito:

— Que são presentemente os únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Carvidur — Sociedade de Construções Civis, Industriais e de Estradas Limitada», com sede provisória em Lisboa, na Rua de Arroios, número cinquenta e dois, primeiro andar-direito, constituída por escritura de doze de Julho de mil novecentos e setenta e quatro, lavrada a folhas dezoito e seguintes do livro de escrituras diversas quarenta e nove-D do Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, tendo comprovado a dita qualidade de únicos e actuais sócios — por uma certidão passada pela Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, que arquivo. Que no capital social de seiscentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro possui a primeira outorgante uma quota no valor nominal de quatrocentos mil escudos e os segundos outorgantes — uma quota no valor nominal de duzentos mil escudos, livres de penhor ou outros encargos. Que, pela presente escritura, a primeira outorgante cede ao terceiro outorgante, Carlos Vítor Marques Durão, a mencionada quota de quatrocentos mil escudos, pelo mesmo preço, já recebido e com os correspondentes direitos e obrigações e que, em consequência a primeira outorgante coloca o cessionário no seu lugar quanto à quota ora cedida, sai da sociedade e renuncia à gerência que nela exercia e os segundos outorgantes cedem ao quarto outorgante, José Joaquim Passuco Manta, a mencionada quota de duzentos mil escudos, pelo mesmo preço, já recebido e com os correspondentes direitos e obrigações e que, em consequência, o segundo outorgante marido coloca o cessionário no seu lugar quanto à quota ora cedida, sai da sociedade e renuncia à gerência que nela exercia.

Pelos terceiro e quarto outorgantes foi dito: que na parte a que cada um diz respeito, aceitam as precedentes cessões e que, sendo agora os únicos sócios da dita sociedade deliberam que ambos fiquem nomeados gerentes e, de comum acordo, resolvem aumentar o capital social para um milhão de escudos, sendo a importância do aumento de quatrocentos mil escudos realizadas e subscrita em dinheiro que já deu entrada na caixa social por eles sócios e esse aumento das respectivas quotas, sendo cento e dez mil escudos do sócio Carlos Vítor Marques Durão e duzentos e noventa mil escudos do sócio José Joaquim Passuco Manta.

Que, substituem totalmente o facto social da mesma sociedade, que passa a reger-se pelos artigos seguintes.

PRIMEIRO:

A sociedade continua a adoptar a denominação «Carvidur — Sociedade de Construção Civis, Industriais e de Estradas, Limitada», tem a sua sede na Avenida Alfredo da Silva, número centro e trinta e dois na vila, freguesia e concelho do Barreiro e durará por tempo indeterminado a contar da data da sua constituição.

Parágrafo primeiro — A sociedade poderá usar as siglas «Carvidur» e «Carvidur-Construções Civis».

Parágrafo segundo — A sociedade pode, por acordo dos sócios tomado em assembleia geral transferir a sua sede social para qualquer outro local e constituir sucursais.

SEGUNDO:

O objecto social é o exercício das actividades de construção civil por conta propria, obras públicas e privadas, projectos, urbanizações, venda de materiais, ou qualquer outra actividade ou ramo de comércio ou indústria que os sócios deliberem explorar e que seja permitido por lei.

TERCEIRO:

O capital social é de um milhão de escudos, está integralmente realizado — em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: Carlos Vítor Marques Durão, quinhentos e dez mil escudos; José Joaquim Passuco Manta, quatrocentos e noventa mil escudos.

QUARTO:

É livre a cessão de quotas entre os sócios — Na cessão a estranhos a sociedade tem o direito de preferência em primeiro lugar e em seguida os sócios.

QUINTO:

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa ou passivamente, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral será exercida por ambos os sócios, que ficam nomeados gerentes, sendo necessário para obrigar a sociedade a assinatura de qualquer um dos gerentes.

SEXTO:

Aos gerentes é expressamente proibido obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes, sob pena de o infractor seu responsável para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar.

SÉTIMO:

No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os sobrevivos e os herdeiros ou representantes daquele, podendo os herdeiros nomear de entre eles um que os represente perante a sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

OITAVO:

Poderão ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, proporcionalmente às suas quotas, mediante deliberação da assembleia geral, tomada por unanimidade de votos dos sócios.

NONO:

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com dez dias de antecedência pelo menos.

DÉCIMO:

A liquidação e a partilha serão efectuadas de harmonia com o que for acordado quanto aos bens sociais, mas se não houver acordo, o activo e o passivo serão adjudicados à maioriaa dos sócios que melhor proposta apresentar.

DÉCIMO PRIMEIRO:

Para todas as questões emergentes entre os sócios e a sociedade serão exclusivamente competentes os foros das comarcas do Barreiro ou de Lisboa, com expressa renúncia a qualquer outro.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pelos seus Bilhetes de Identidade, que a exibiram, com os números, respectivamente, 0196829, emitido em 28/9/1981, 1066370, emitido em 24/3/1975, 0163068, emitido em 5/4/1978, 0331388, emitido em 19/5/1980 e 4696001, emitido em 1/6/1981, todos pelo arquivo de Lisboa.

A dita sociedade é pessoa colectiva com o número de identificação 500057117. Aos outorgantes em voz alta e na presença simultânea de todos fiz a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo, tendo-os advertido da obrigatoriedade de registarem este acto no prazo de três meses a contar de hoje.

Natividade Batista Marques Coelho
João Castanheira de Moura
Aurora Batista Marques
Carlos Vítor Marques Durao
José Joaquim Passuco Manta

A Notaria
Maria Cristina Castro de Vilhena Fragoso

ASSOCIAÇÃO AMIZADE PORTUGAL ALBÂNIA
Apartado 2435, 1111 Lisboa

Viagem à Albânia
— Agosto 1984 —

Estadia de 10 dias, pensão completa.
Visitas a cidades, fábricas, museus, cooperativas agrícolas, etc.

Partida: dia 3 de Agosto
Inscrições: até 28 de Junho

Contacte: tel.: 36 27 15, segundas e sextas, das 21.00 às 22.30 h.

Hoje, no Luxemburgo

"Dossier agrícola" de adesão à CEE entra em discussões finais

Conseguir a confirmação dos pontos já acordados com a Comunidade no domínio da Agricultura, nomeadamente os relativos ao regime transitório da adesão por etapas, é o objectivo da delegação portuguesa que hoje princípia no Luxemburgo a fase final da discussão do «dossier agricultura».

A delegação é presidida por Soares Costa, ministro da Agricultura, dada a impossibilidade de Ernâni Lopes – retido em Lisboa para o acerto da segunda versão da carta de itenções a enviar ao FMI – se deslocar. Dela faz parte, também António Marta, presidente da Comissão para a Integração Europeia.

Os pontos fundamentais já acordados são, segundo informou Soares Costa à partida para o Luxemburgo, a protecção efectiva dos produtos nacionais e a salvaguarda dos mecanismos de aprovisionamento para que não se venham a verificar mudanças bruscas. Além disso a delegação pretende «conseguir a abertura do mercado comunitário aos produtos portugueses, estando já aceite o princípio de abertura assimétrica das fronteiras».

Soares Costa salientou que a consagração do regime transitório por etapas implica a consagração das ajudas socioestruturais à agricultura portuguesa por parte da CEE».

«Estas ajudas – segundo o ministro da Agricultura – constam de apoio financeiro de pré-adesão (cerca de seis milhões e meio de unidades de conta europeia) e de um programa específico, para 10 anos, que envolve um total de ajuda financeira de 700 milhões de unidades de conta.

«Os regimes transitórios por produtos referem-se aos mecanismos de aproximação de preços, aproximação das ajudas, compensação aplicável às trocas comerciais e o estabelecimento da cláusula de salvaguarda específica» – disse.

Soares Costa salientou, ainda, que «o processo de adesão de Portugal conheceu um impulso desde Outubro» registando neste momento «uma nova aceleração».

«Esta aceleração mostra o interesse da França em impulsionar o processo de adesão de Portugal quando se aproxima o fim do período de seis meses em que a França ocupou a Presidência da Comunidade Europeia», prosseguiu.

Por sua vez, António Marta, ao referir-se ao «dossier» das pescas afirmou que «Portugal considera «desequilibrada» a declaração da CEE sobre pescas, apresentada em Maio, nomeadamente em relação ao capítulo das trocas e da exportação de conservas de peixe».

«Portugal vai apresentar propostas no sentido de colmatar as deficiências resultantes desse desequilíbrio» entre as quais, uma relativa à frota de pesca portuguesa.

Kohl e Mitterrand dobram o joelho?

O chanceler alemão-federal e o presidente francês estão dispostos a aceitar as exigências inglesas de redução das contribuições para a Comunidade Económica Europeia — anuncia a revista «Der Spiegel».

O seman ário que cita fontes diplomáticas, afirma que Helmut Kohl e François Mitterrand «dobraram os joelhos frente a Margareth Thatcher» para evitar que ela corte os pagamentos pendentes para os fundos comunitários.

Sem os dinheiros ingleses, escreve a revista, não se poderá travar o défice das contas comunitárias e «os cofresda CEE» estariam vazios em Setembro.

Um diplomata britânica anunciou em contrapartida a revista, que o governo de Londres está disposto a reduzir as suas exigências se a Comunidade lhe devolver 1250 milhões de ECU (cerca de 865 milhões de dólares).

Hoje mesmo, no Luxemburgo, os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE reúnem-se em sessão crucial para prepararem a Cimeira da próxima semana sobre a contribuição britânica para o orçamento, que continua a abalar as finanças da organização.

Diplomatas da Comunidade afirmam que a França, actual presidente, quer evitar a repetição das situações provocadas pela falta de acordo nas anteriores cimeiras de Dezembro e Março.

O presidente francês, François Mitterrand, que presidirá à reunião de Fontainebleau, nos arredores de Paris, no dia 23 de Junho, relegou o problema da contribuição britânica para o fim da agenda por forma a evitar que o assunto domine a reunião, afirmam.

337 mil contos da EFTA para a Tagol e a Cel-Cat

A Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) aprovou recursos da ordem dos 337,5 mil contos (cerca de 2,41 milhões de dólares) para o Fundo de Desenvolvimento Industrial de Portugal.

Esses financiamentos deverão ser destinados a dois grandes empreendimentos industriais, beneficiando as empresas Tagol e Cel-Cat.

Para a Tagol empresa processadora de oleo de Soja, localizada em Almada, doi destinada, a importância de 187,5 milhões de escudos (cerca de 1,34 milhões de dólares).

Com a aplicação desses recursos da EFTA a Tagol deverá reduzir os seus custos, através da instalação de novos equipamentos, e aumentar as oportunidades de incremento de exportação.

Com os 150 milhões de escudos (aproximadamente 1,07 milhão de dólares) que lhe foram, destinados, a Cel-Cat (a maior empresa de produtos eléctricos e cabos telefónicos de Portugal) deverá adquirir novos equipamentos para aumentar a produção e melhorar a qualidade dos seus produtos de modo a satisfazer as mais modernas especificações existentes. Nesse programa a Cel-Cat contará também com recursos financeiros próprios.

Cabo Verde duplicou compras em Portugal

O valor das importações cabo-verdianas de Portugal mais do que duplicou entre 1978 e 1982 – apurou a ANOP na Cidade da Praia, de fontes oficiais.

Cabo Verde importou, em 1978, mercadorias portuguesas no valor de cerca de 650 mil contos cabo-verdianos e em 1982 mais de um milhão e 500 mil contos, que correspondem a perto de três milhões de contos portugueses, a valores actuais.

Aqueles valores geraram saldos positivos a favor de Portugal de cerca de 600 mil contos e cerca de um milhão e quinhentos mil contos respectivamente.

Segundo os números conhecidos neste momento, as importações provenientes de Portugal atingiram no primeiro semestre de 1983 cerca de 900 mil contos cabo-verdianos correspondentes a um saldo favorável a Lisboa de perto de 800 mil contos.

Cabo Verde continua a ser o terceiro cliente de Portugal na África ao sul do Sara, depois de Angola e Moçambique.

Segundo informações recolhidas junto do Banco de Portugal, aquele país liquida, dentro dos prazos estabelecidos, os seus pagamentos a Portugal.

Soube-se, entretanto, que até Fevereiro de 1984, apenas 24 por cento de uma linha de crédito de 30 milhões de dólares aberta por Portugal em 1981, foi utilizada, desde então, por Cabo Verde.

De Fevereiro a fins de Maio deste ano, o comércio de Cabo Verde deverá ter utilizado mais 3 a 4 por cento daquele crédito, sobretudo para a compra de equipamentos e materiais para a construção civil.

Os operadores comerciais apontam como principais razões para a fraca utilização daquela linha de crédito as «grandes exigências burocráticas de desbloqueamento das verbas», e o facto de o tipo de produtos abrangido por aquela linha de crédito não ser «o mais adequado às actuais necessidades do país».

Portugal e FMI acertam pormenores

Já se obteve acordo nos aspectos substanciais da carta de intenções, cuja revisão tem estado a ser discutida em Lisboa, por delegações do FMI e do Ministério das Finanças, esperando-se que o documento final venha a ser assinado dentro de um a dois dias.

Esta informação, veiculada pela ANOP esta manhã e obtida de fonte oficial, é completada pela indicação de que as discussões ainda em curso dizem respeito a questões de pormenor já não impeditivas do acordo entre o Governo português e o Fundo Monetário Internacional.

Desta revisão da carta de intenções depende a libertação da segunda «tranche» do empréstimo concedido quando da assinatura da carta, no ano passado.

O ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes, não se deslocou ao Luxemburgo com a delegação portuguesa que hoje participa numa reunião ministerial de negociações com a CEE, para em Lisboa acompanhar a revisão da carta de intenções.

A delegação do FMI, chefiada por Teresa Terminasean, permanecerá mais um ou dois dias em Lisboa até à conclusão das negociações.

O documento depois de rubricado pelo ministro das Finanças e pelo Governador do Banco de Portugal, Jacinto Nunes, será apresentado à Administração do FMI em Washington, para aprovação.

Argentina: não ao FMI

O ministro argentino do Trabalho, Juan Manuel Casella, considerou que o programa de austeridade financeira proposto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para o seu país «é totalmente inaplicável».

As declaraçoes de Casella, numa conferência de Imprensa em Genebra, seguiram-se à recusa pela Argentina, que tem uma dívida externa de 43 600 milhões de dólares, de um programa de austeridade económica proposto pelo FMI.

O FMI rejeita a política de indexação salarial argentina, que faz os salários acompanharem a taxa de inflação, a qual atingiu nos últimos 12 meses 568 por cento, e não aceita, também, a convicção de Buenos Aires de que os países devedores podem pagar as suas dívidas através de políticas de desenvolvimento.

«Este programa (de austeridade) não tem aplicação na Argentina» – frisou Casella – «porque durante o período 1972-82 os salários reais foram muito reduzidos, ao ponto de os trabalhadores receberem os mais baixos ordenados desde 1955».

«Isto significa que a Argentina já sofreu um processo muito sério de redução económica e a sugestão de repetir essa redução, feita pelo FMI, é do ponto de vista social totalmente inaceitável» – sublinhou, acrescentando: «Os trabalhadores da Argentina são incapazes de suportar outra redução do seu rendimento».

Reagan corta mais créditos

A Administração norte-americana recusou prorrogar uma garantia de crédito à Argentina, de 300 milhões de dólares, na sequência de um acordo feito com quatro governos latino-americanos, para evitar prejuízos a bancos dos EUA.

O Departamento norte-americano do Tesouro afirmou, todavia, que considerará um novo pedido de crédito caso a Argentina venha a alcançar um acordo com o Fundo Monetário Internacional relativo a um programa de austeridade.

A garantia de crédito foi inicialmente prorrogada até 30 de Março num acordo de última hora que evitou alguns prejuízos graves a bancos norte-americanos. Esta garantia foi depois novamente prorrogada em 28 de Abril e 31 de Maio.

Calçado português exportou 25 milhões de pares

As exportações de calçado português elevaram-se em 1983 a [illegible] milhões de contos e 25 milhões de pares de sapatos – revelou Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes Artigos de Pele e seus Sucedâneos (Apiccaps).

Estes números representam uma taxa de crescimento da ordem [illegible] 72 por cento em valor e 44 por cento em quantidade – disse o presidente da Associação, António Clara.

A Apiccaps divulgou estes indicadores económicos numa conferência de Imprensa em que apresentou a décima terceira feira do calçado português (MOCAP/13).

Esta feira internacional, reservada exclusivamente a [illegible] estrangeiros, profissionais e importadores, realizar-se-á no Palácio de Cristal, do Porto, de 23 a 25 de Junho.

Nela estarão representadas 95 empresas do sector que vão apresentar as colecções de calçado português para a Primavera de 1985.

«Mesmo tendo em atenção a desvalorização do escudo, isto descontando os efeitos da inflação – afirma a Apiccaps – o crescimento real das exportações foi no ano findo de cerca de 55 por cento».

De acordo com a mesma fonte, indicadores relativos ao primeiro trimestre deste ano revelam que são ainda maiores as taxas de crescimento das exportações.

António Clara garantiu que «as exportações de calçado português no ano corrente vão exceder os 20 milhões de contos».

O Reino Unido continua a ser o principal mercado para o calçado português, tendo absorvido no ano findo 18,87 por cento das nossas exportações.

Mas o futuro está na aposta aberta nos EUA, «a nossa maior prioridade: dentro de poucos anos podem transformar-se no principal cliente de calçado português».

A indústria nacional do sector exportou em 1981, para os EUA, 52 244 pares de sapatos, número que subiu substancialmente para 329 000 pares no ano findo.

SE VOCÊ PRECISA DE ANDARES, LOJAS, ESCRITÓRIOS OU ARMAZÉNS, ENTÃO NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR, TEMOS TUDO O QUE VOCÊ SONHOU

EM PAIVAS-AMORA — Andares de 3 e 4 assoalhadas, edifícios prontos a habitar
EM PAIVAS-AMORA — Andares de 4 assoalhadas, lojas c/armazéns
EM SETUBAL — Na Urbanização dos FALCÕES Mira-Serra, temos andares de 2-3-4 e 5 assoalhadas c/e sem arrecadação, lojas desde 96 m²a 331 m²
EM BEJA — Temos somente para venda 2 andares de 3 assoalhadas e 2 de 4 assoalhadas, escritórios e um armazém

JURO BONIFICADO
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES

Escr.: R. das Flores, Lote 20
Tel.: 221 17 61 Paivas-Amora 2840 SEIXAL
DELEGAÇÃO: Urbanização Falcões — Tel.: 08 42 59 04 — 7800 BEJA

HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
ESPECIAL FÉRIAS/84

APESAR DE TUDO NÃO DEIXE DE FAZER FÉRIAS ESTE ANO VOCÊ PRECISA MESMO DE UMAS FÉRIAS TRANQUILAS 7 DIAS: 7700$00 P.P., EM QUARTO DUPLO NO MÊS DE JUNHO OU 9100$00, EM JULHO/SETEMBRO, É A POSSIBILIDADE QUE O HOTEL DO PARQUE LHE OFERECE NO SOSSEGO AMBIENTE DAS SUAS 4 ESTRELAS, 2 PISCINAS CLIMATIZADAS NO VERDE NATURAL DO ALTO MINHO, ALÉM DE AGRADÁVEIS SURPRESAS.
(SUPLEMENTO PARA O MÊS DE AGOSTO 2800$00)
PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO «ESPECIAL FÉRIAS/84», POR ESCRITO C.P. 4900 – ATRAVÉS DOS TELEFS 24151/5, TELEX 32511 OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS.
— AGUARDAMOS A SUA RÁPIDA CONSULTA QUE DESDE JÁ AGRADECEMOS —

DESPORTO

Até à última pinguinha

Realmente, estou como diz Fernando Chalana: – Já não vale a pena dizer nada.

É que, meus caros amigos, quando Miguel Muñoz e seus «muchachos» viram que Fernando Gomes ficava sentado no banco e, mostrando pavor em arriscar um centímetro de possibilidades, a turma portuguesa apresentava-se com um único ponta-de-lança perante uma formação que actuava num enquadramento com grande dose de apoio que nos pertencia, suspiraram de alívio, porque raramente se conseguem entregar os melhores trunfos ao parceiro ficando a gente, babada e satisfeita, a guardar os aSes para forrar paredes, lá na adega do nosso quintal.

Tinham vindo de longe emissários credenciados do futebol italiano que queriam levar para Milão uma ideia exacta da actual valia do «Bota de Ouro - 83»: retiraram a penates convictos ou quase certos de que o momento de Gomes não recomenda a sua entrada no «onze» nacional ou, por outras palavras, que alguém não recomanda a sua cotação na alta bolsa de valores que representa a montra do futebol europeu.

Neves de Sousa enviado especial

E, todavia, viu-se como foi, perante a Espanha, num estádio em que dezenas de milheres de amigos queriam vitoriar, louca e apaixonadamente, um êxito dos seus «Patrícios». Sucedeu, porém, que chegou a ser tremenda a monotonia, para cansaço visual e adormecimento mental aquele primeiro período em que Jordão era um mouro sacrificado às galés, sem poder distribuir (em repartição pelo menos equitativa) a dose de trabalho que lhe fora atribuida e, combatendo sempre com um adversário colado à pele, o «ariete» sportinguista nada mais podia fazer que entregar-se à missão, sabendo de antemão que era quase inglória a sua tentativa de chegar com força suficiente para o disparo até junto da rigorosa área contrária.

Dirão os eruditos, a este pobre leigo, que foi melhor recolher a vantagem de um empate do que ter atacado e, num golpe, perder-se tudo quanto estava recolhido da árvore. Não alinho nesse jogo do susto e do medo: não existisse um mínimo de sentido aventureiro e ainda hoje não teria nascido Afonso Henriques. Para bem ou mal da História futura.

Espelho do jogo

Portugal não demonstrou, ao longo de toda a primeira parte do jogo de ontem, o menor sentido de acutilância, o mais pequeno sinal de perigo para as redes contrárias, o mais frágil esboço de capacidade atacante, especialmente pelo flanco direito. Sem sofismas: jogámos sem qualquer toque de ambição, apenas cautelosamente defendendo o nulo que já saíra do balneário.

E foi pena que nos reclinássemos sobre o doce sabor da incerteza. Bento foi obrigado a duas outrês «manchas» de real valor para obstar ao descalabro. Gordillo entrava pela esquerda como faca em manteiga quente. O nosso meio-campo, fazendo das fraquezas uma força, ia conseguindo travar o ímpeto contrário mas raramente conseguiu colocar um homem na vanguarda para a tabelinha que Jordão exigia, antes de partir para a ponte levadiça que encaminhava ao castelo contrário. E, desse modo, estava tudo amarrotado, numa vasta plateia que tinha vindo de longes terras para presenciar (no mínimo) um bom espectáculo de futebol, coisa que não surgiu em três dilatados e insonsos, tristonhos e meditabundos quartos de hora, que pareceram séculos e quase dariam para a malta passar pelas brasas se acaso tivesse o menor pretexto para saborear hipotético festim, onde nem sequer aparecera mais que um golo de água e pouco de promessa.

Jogo feio, lento, próprio de peladinha rústica: somente Chalana era o raio cintilante, a promessa de que alguma coisa teria de surgir pelo calendário fora.

Mas, com os técnicos a ficarem todos satisfeitos em não perderem, como se o futebol fosse um jogo negativo e o golo não existisse como corolário máximo de um espectáculo vibrante, assim se passava o tempo até que, felizmente, chegou aquele rasgo opulento do pequeno genial e eis que Chalana, espicaçado no seu orgulho, virou-se para Anabela e dedicou-lhe a faena. Saiu por aí fora, bolinha colada aos pés, endossou para Álvaro, rasgão magnífico do louraço e toque sublime que Sousa converteu num chapelinho de se tirar o barrete. Portugal passava para o comando e só teria que carregar um pouco mais no acelerador para colher de pronto outro fruto.

Ainda se pensou que seria possível conquistar o «dois-zero», antes do diabo esfregar um olho, mas a tremenda ineficácia voltou a firmar arraiais no nosso exército (reduzido a pequeno esquadrão). Começava a ser notada a carência física para suportar os rudes embates com uma defesa hercúlea, de pedra e betão. Chalana voltava a ser como que um proscrito que só meia dúzia de colegas sabiam que pertencia à sua bandeira e era absolutamente importante servir em condições a funcionar como charneira entre a defesa e o ataque, como lampejo entre um grupo de bons jogadores e a cintilância que apenas é conferida a autênticos predestinados.

E sucedeu o momento quase fatal, se levássemos à ponta de espada o resultado de um simples e corriqueiro desafio de futebol: a defesa, siderada, meninos de mamã aparvoados com o raio, todos a olharem e ninguém a mexer-se. Excepto claro esse poderoso Santillana que não deve gostar de perder nem sequer a feijões. Foi o empate que só poderia estar ultrapassado se o monumental tiraço de Chalana, em lugar de beijar a portaria, tivesse a ousadia de escoar-se para o arquivo de Arconada: mas a sorte estava com os espanhóis. E foi o que se viu.

Tivemos todos os cordelinhos na mão portuguesa: saímos infantilmente de um circo em que éramos dominadores e o papão longe de ser qualquer extraterreste, esteve prestes a sofrer um «ko» de todo o tamanho. Bastava que Diamantino tivesse entrado mais cedo, Nené ou Gomes tivessems tomado o peso de meia tarefa (a de Jordão), que outro galo sorrisse no tal disparo de Chalana. Assim, fica tudo adiado para segundas núpcias.

Canhotinho de ouro

Evidentemente que o leitor já notou: Gordillo (por banda espanhola), Chalana e Álvaro, ainda Bento e Sousa e Carlos Manuel e Eurico foram os portugueses em evidência, com o canhotinho de ouro a valer o peso em diamantes. Mas, ficou no ar uma incerteza diabólica: porque raio viajaram certos jogadores se persiste a ideia de não os colocar no pano verde? Será que a saída de António Morais, do Porto, agravou um contencioso com Fernando Gomes que impede Cabrita de fazer apelo ao brio do «bota de ouro» ontem especialmente aborrecido por não lhe ter sido permitido, perante o espião de Milão, mostrar se está ou não em condições de valer ui milhão de dólares na bolsa do futebol europeu?

Jorge Nuno Pinto da Costa, que esteve connosco em Marselha e a nosso lado viu (pela TV) o bailarico da França à Bélgica e, daí a pouco, o modo siderante como a Jugoslávia meteu pernas ao caminho do adeus perante uma Dinamarca tocada dos demónios, dizia e com inteira razão:

— Futebol são golos. Não fora isso e que aliciante havia neste jogo?

A dúvida aqui fica. Responda quem souber.

Folhetim Gomes continua

O portuense Gomes, «Bota de ouro» em 1983, assinou um contrato para jogar a partir da próxima época no Milão – foi ontem confirmado em Paris. Descontente com o jogador inglês Luther Bissett, o clube italiano chamou o avançado-centro do FC Porto para jogar ao lado de Ray Wilkins, vindo do Manchester, e sob a direcção do novo treinador sueco Liedholm.

Por sua vez o Olympique de Marselha está à procura de novos jogadores, estando «altamente» interessado na aquisição de Sousa.

O Olympique conta já com dois jogadores estrangeiros, número máximo permitido pela Federação Francesa, mas como o jogaor africano Diallo poderia dentro em breve naturalizar-se francês, a vinda de Sousa não encontrará obstáculos.

Esta notícia que nos chega e aqui fica com as naturais reservas.

Registo

Local: Marselha (França), Estádio Velódrome. Lotação: 55 177. Assistência ao jogo: cerca de 40 000.

Sob a arbitragem do francês Vautrot, as equipas alinharam:

PORTUGAL – Bento; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Álvaro; Carlos Manuel, Frasco (Diamantino, 77), Sousa, Jaime Pacheco e Chalana; Jordão.

ESPANHA – Arconada; Urquiaga (Senor, 78), Maceda, Goicochea e Camacho; Gordillo, Victor, Gallego e Júlio Alberto (Sarabia, 69); Santillana e Carrasco.

Cajtão amarelo: Carrasco (24 minutos) e Eurico (45).

Marcadores: Sousa (52 m) e Santillana (72).

Eusébio vota na Dinamarca

Para o antigo internacional Eusébio a selecção da Dinamarca é a que tem mais possibilidades de ganhar o campeonato europeu de futebol.

No rescaldo do encontro Portugal-Espanha, o antigo jogador da Selecção nacional e do Benfica, disse que pensava que a Dinamarca **é superior à França, embora tenha sido batida num momento de azar**, o que não impedia que a Dinamarca fosse a sua **favorita para ganhar este campeonato da Europa.**

Referindo-se ao encontro Portugal-Espanha, Eusébio disse que não achava que a equipa nacional tivesse enfraquecido para o fim. **Mas tenho a impressão** – acrescentou – **de que ela tem 99 por cento de probabilidades de se qualificar para a segunda volta, quando defrontar a Roménia.**

DESPORTO

Como vai o campeonato

França apurada e o "adeus" jugoslavo

Hoje é dia de descanso. Amanhã teremos o França -Jugoslávia, em St. Étiènne e Dinamarca - Bélgica, em Estrasburgo, ambos às 19.30 horas. Do encontro de Estrasburgo sairá o companheiro da França para as meias-finais. Entretanto, recordamos os resultados de todos os encontros já realizados, classificações actuais e lista dos marcadores:

Grupo I

Resultados:
França, 1- Dinamarca, 0
Bélgica, 2-Jugoslávia, 0
Bélgica, 0-França, 5
Dinamarca, 5-Jugoslávia, 0

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
França	2	2	0	0	6-0	4
Dinamarca	2	1	0	1	5-1	2
Bélgica	2	1	0	1	2-5	2
Jugoslávia	2	0	0	2	0-7	0

Marcadores:
Platini (França), com 4, Arnesen (Dinamarca), com dois, e Vandenberg e Grun (Bélgica), Elkjaert, Bergreen e Lauridsen (Dinamarca) e Fernandez e Giresse (França) todos com apenas um remate certeiro.

GRUPO II

Resultados:
Portugal, 0-Alemanha, 0
Espanha, 1-Roménia, 1
Roménia, 1-Alemanha, 2
Espanha, 1-Portugal, 1

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Alemanha	2	1	1	0	2-1	3
Espanha	2	0	2	0	2-2	2
Portugal	2	0	2	0	1-1	2
Roménia	2	0	1	1	2-3	1

Marcadores: Voller (RFA) com 2, e Sousa (Portugal), Boloni e Coras (Roménia), Santillana e Carrasco (Espanha) com 1.

A primeira fase será completada na próxima quarta-feira com a realização dos encontros RFA-Espanha, em Paris e Roménia-Portugal, em Nantes. Curiosamente qualquer dos quatro intervenientes do grupo pode aspirar ao apuramento, pelo que se adivinha a expectativa que irá rodear ambos os encontros.

Segunda jornada

Como notas dominantes dos restantes encontros que completaram a segunda jornada da competição salientam-se as contundentes e significativas goleadas (5-0) com que a França «brindou» a sua vizinha Bélgica, e a Dinamarca «despachou» a Jugoslávia. Eis os nomes e números:

Dinamarca, 5-Jugoslávia, 0

Jogo realizado no Estádio Gerland, em Lyon, e dirigido pelo espanhol Lamo Castillo, assistido pelos seus compatriotas Sanchez Arminio e Pes Perez.

As equipas alinharam:

Dinamarca: Ole Qvist; Rasmussen, Nielsen, Busk e Morten Olsen; Arnesen (Lauridsen 78), Lerby, Bertelsen e Berggreen; Elkjaer e Laudrup. Treinador: Piontek.

Jugoslávia: Ivkovic; Nenad Stojkovic, Zajec; Miljus e Badanovic; Susic, Katanec, Bazdarevic, (Dragan Stojkovic 23) e Gudelj Cvetkovic e Vujovic. Treinador: Veselinovic.

Marcadores: Arnesen (2), Berggreen, Elkggaer e Lavridsen.

França, 5-Bélgica, 0

Jogo em Nantes perante 50 mil espectadores e sob a direcção do escocês Valentine auxiliado pelos seus compatriotas McGginlay e Williamson.

As equipas alinharam:

França: Bats; Battiston, Bossis, Domergue, Fernandez e Genghini (Tusseau (79); Tigana, Platini e Giresse; Lacombe (Rocheteau 65) e Six. Treinador: Hidalgo.

Bélgica: Pfaff; Degreef, Lambrichts, Renquin e de Wolf, Vercauteren, Ceulemans, Scifo (Verheyen 52) e Vandereycken (Coeck 45); Claesen e Vanderbergh. Treinador: Thys.

Cartão amarelo: Claesen, aos 16 minutos.

Os golos: Platini (3), Giresse e Fernandez.

RFA, 2-Roménia, 1

Jogo em Lens, arbitrado pelo holandês Mulder Van Keizer.

As equipas: **RFA:** Schumacher; Bernd Foerster, Karl-Heins Foerster (Buchwald 79), Stielike, Briegel; Meier (Littbarski 64), Matthaeus, Brehmne e Klaus Allofs; Voeller, Brummenigge.

Roménia: Lung; Rednic, Andonie, Stefanescu e Ungureanuu; Dragnea (Ticleanu 61), Boloni, Hagi (Zare 45) e Klein; Coras e Camataru.

Cartão amarelo: Stielike, 26 minutos, Stefanescu, 47.

Assistência: cerca de 35 mil pessoas.

Os golos: Voeller (2) e Coras.

Formas de desempate

Dada a «confusão» posicional dos quatro intervenientes do nosso Grupo e sendo de admitir que duas ou mais equipas (e podem mesmo ser as quatro) cheguem ao final desta fase em igualdade pontual, recordamos o determinado pelo Regulamento da competição:

«Se duas ou mais equipas têm o mesmo número de pontos depois de terem jogado os três jogos do seu Grupo (da fase final), a diferença de golos decidirá. Em caso de igualdade na diferença de golos, a equipa que tiver marcado maior número de golos será qualificada. Se este procedimento não for decisivo, a equipa qualificada será determinada pela diferença de golos resultante do(s) encontro(s) que opunha(m) directamente as equipas em causa. Se este procedimento não for ainda decisivo, a equipa vencedora será encontrada por sorteio efectuado pela Comissão Organizadora.

L'Equipe elogia Chalana

Chalana foi classificado com 17 valores pelo jornal L'Équipe pela sua actuação de ontem em Marselha, no jogo contra a Espanha.

Sousa, é classificado com 16,5 valores.

Na equipa espanhola a classificação mais alta foi para Gordillo, que obteve 15.5 valores.

No fim de contas, ontem à noite – escreve o «L'Équipe» – as vedetas foram, por um lado Sousa, cujas mudanças de ritmo, infiltrações, bolas enviesadas, técnica muita completa, clarividência nos passes curtos e habilidade diante da baliza adversária (e finalmente um golo magnífico), foram muitas vezes uma maravilha.

Chalana, o «esquerdas» de bigodes, cujos toques de bola variados, fintas, pontapé em corrida, inversões no sentido do jogo e do arranque, o pontapé com o pé esquerdo, desorientaram completamente os defensores espanhóis e por pouco não criaram, só por si, uma vitória portuguesa» – salienta o «L'Équipe».

Garrido "passa atestado"

O maior inimigo do árbitro é o árbitro. Temos escutado e confirmado essa enigmática e vergonhosa realidade. Inveja é por certo um dos mais nocivos sentimentos do homem e pelo conhecimento directo que temos do comportamento humano do grande número dos indivíduos que desempenham funções arbitrais no domínio futebolístico, esse sentimento é deveras cultivado. Como exemplos bem conhecidos do público, e que não remontam a tempo muito recuado, recorde-se que Joaquim Campos estava de relações cortadas com Décio de Freitas, César Correia não «ligava» com Manuel Poeira, Garrido e Saldanha Ribeiro não morriam de amores um pelo outro e como se sabe neste momento os bejenses Rosa Santos e Veiga Trigo não têm ligação amistosa. Quatro exemplos de oito árbitros (da mesma localidade) que exemplificam muitos mais. E referimos somente os casos em que são notórios os atributos onde existe preponderância de intriga, inveja e ciúme advindo de certo sebastianismo e ausência do culto da respeitabilidade. O fenómeno não é de hoje, como se vê através dos casos que aqui recordamos, mas teima em persistir dando aos integrantes da causa da arbitragem uma imagem que muito os empobrece. Na passada semana o sr. António Garrido, que atingiu plano de evidência internacional (sempre muito preocupado em valorizar a sua imagem através de constactos constantes com elementos da Comunicação Social e dirigentes de vários «calibres» da hierarquia) foi às instalações da BBC e em «conferência» terá denegrido as qualidades arbitrais do seu colega de ofício Graça Oliva, dizendo isto: **«Graça Oliva não tem condições para ser árbitro internacional. Não tem aceitação a nível internacional».** Uma afirmação a exigir meditação. O sr. António Garrido cometeu atitude pouco consentânea com funções de delegado técnico que ora desempenhada na arbitragem e coloca negra mancha no prestígio conseguido, pois cometeu sério atentado contra o bom relacionamento que deveria existir no sector e entre todos os seus servidores. Ao mesmo tempo, o antigo árbitro da Marinha Grande passou «certificado de incompetência» aos dirigentes que nomearam e mantiveram Graça Oliva no degrau maior da escada da arbitragem. Não está em causa se o «juiz» – que por razões de interesse pessoal solicitou a transferência de Lisboa (e efectivamente reside em Loures) para a «regional» de Leiria (e ele assegura ter casa em Castenheira de Pêra) – reúne, ou não, as condições bastantes para enfileirar entre os mais capazes; o que se deve realçar é a «traição» do seu ex-colega cometida em terra estrangeira. O sr. Garrido, fez abalar a sua dignidade e deu forte safanão no conceito em que a maioria o havia catalogado. Um péssimo serviço prestado pelo mais internacional dos árbitros portugueses. Mais internacional não significará obviamente o melhor.

Os provincianos

«O Estoril não acompanhou o progresso de todos os outros clubes, devido ao facto de parte do provincianismo ainda se encontrar no clube e de nunca ter aparecido uma direcção com força suficiente para anular esse provincianismo». É do sr. Júlio Graça, actual presidente da direcção do Grupo Desportivo Estoril Praia, a afirmação. Cusiosamente proferida na véspera de uma anunciada sessão da assembleia geral convocada por solicitação de vários associados para o demitirem das funções, por discordância dos seus métodos de gestão. Nesse mesmo dia, o contestado presidente estorilista enviava, para o clube, o seu pedido de demissão certamente como «jogada de antecipação» só que o pedido não era aceite e por carência de «quorum» – também nos clubes? – não foi possível efectuar a anunciada assembleia geral.

Nestes termos, o sr. Júlio Graça deverá continuar à frente dos destinos da popular colectividade da Costa do Sol, mas, a avaliar pelo descontentamento da massa associativa, agravada pelas recentes acusações a todos quantos ao longo dos tempos passaram pelas cadeiras directivas do Estoril Praia, é de prever que o mandato tenha os dias contados. Uma experiência anunciada com inúmeras e aliciantes promessas que careceram de materialização. Uma constante nos actos eleitorais. Também nos clubes desportivos.

E porque bulas haveria de ser diferente o comportamento dos homens nas colectividades do desporto?

Os abutres

«Aí vêm os abutres». Ao que lemos algures, esta seria uma das várias afirmações feitas por um ou outro dos vinte artistas da arte futebolística quando a comitiva portuguesa partia de Estrasburgo para Marselha, e dirigida aos camaradas da Informação que ali se encontram ao serviço dos diferentes órgãos da Comunicação Social. Razões: a divulgação pública das muitas e graves ocorrências que têm surgido na permanência dos patrícios em solo gaulês. Ignoram os senhores futebolistas, técnicos e dirigentes que a função dos jornalistas é informar com verdade e escasseia a uns e a outros a coragem bastante para enfrentar as críticas com respeito e dignidade. Esquecem os pontapeadores do couro quanto a sua promoção profissional se deve aos críticos. E lamentavelmente estão-se «nas tintas» para o respeito devido ao público quando alegam (vide Chalana em «A Bola)» que contra a Jugoslávia, pelo lado económico não havia uma grande motivação». Já entendemos. Infelizmente.

Alves Henriques

TOTOBOLA a chave

A «chave» do Totobola do Concurso n.º 24/84 é a seguinte:

1	França-Bélgica	1
2	Dinamarca-Jugoslávia	1
3	RFA-Roménia	1
4	Portugal-Espanha	x
5	Braga-Varzim	2
6	Salgueiros-Espinho	x
7	Boavista-Guimarães	1
8	Portimonense-Farense	x
9	Valonguense-P. Ferreira	x
10	A. Viseu-C. Branco	1
11	Alcobaça-Torriense	1
12	O. Moscavide-C. Piedade	1
13	Sacavenense-Elvas	2

NÚMEROS DO DIA – Apostas: 7 224 569; matrizes: 527 728; valor de cada prémio: 7 910 469$50.

PREVISÕES – Com 13 resultados certos, de 5 a 10; com 12, de 150 a 200.

Prémio: 7 910 649$50.

FUTEBOL

Classifcações

Torneio de Competência

	J	V	E	D	B	P
Belenenses	3	2	1	0	9-2	5
Vizela	4	1	1	2	8-11	3
Académico	3	1	0	2	4-8	2

PRÓXIMA JORNADA: (6.ª e última) – a disputar no dia 21 (quinta-feira, às 18.30 horas): Académico-Belenenses (0-2, na 1.ª volta).

Torneio Complementar (1.ª Divisão)

ZONA NORTE

	J	V	E	D	B	P
Sp. Espinho	6	3	2	1	13-8	8
Boavista	6	4	0	2	11-8	8
Varzim	6	4	0	2	13-7	8
Salgueiros	6	2	1	3	8-14	5
V.Guimarães	6	2	1	3	6-8	5
Sp. Braga	6	0	2	4	6-12	2

ZONA SUL

	J	V	E	D	B	P
Vit. Setúbal	3	3	0	0	7-1	6
Águeda	4	2	1	1	9-4	5
Farense	5	1	1	3	3-11	3
Portimonense	4	0	2	2	4-7	2

ARREMATAÇÃO

— 2.ª PRAÇA

O doutor José Manuel Peixe Pelica, juiz do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa — 2.º Juízo 4.ª Secção.

Faço saber que no dia 27 do mês de Junho de 1984 pelas 10.00 horas, na Secretaria deste Tribunal, sito na Rua Braamcamp, n.º 5 — 4.º Esq.º, em Lisboa, se há-de proceder à arrematação, pelo maior lanço que se oferecer, dos bens abaixo designados, penhorados a VINÍCOLA LUSO ESPANHOLA, Ld.ª, com sede nesta cidade de Lisboa, na Rua da Manutenção, n.º 114 para pagamento de 369 275$00 (trezentos e sessenta e nove mil duzentos e setenta e cinco escudos) à Caixa de Prev. Ab. Fam. Comercio do Distrito de Lisboa.

BENS PENHORADOS
VERBA ÚNICA

– Uma rotuladora de modelo Hipolito, série 6652/76, semiautomática, composta pelos seguintes elementos: rotuladora, rolhadora, capsuladora e enchimento, em bom estado de funcionamento, a que atribuímos o valor presumível de UM MILHAO DE ESCUDOS (1 000 000$00).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

E para constar se passou o presente e mutro de igual teor que se mandou afixar no lugar do estilo. Tribunal de 1.ª Instância das Contribuiçoes e Impostos de Lisboa — 2.º Juízo, em 7 de Junho de 1984.

E eu, (ilegivel) escrivão, que o subscrevi.

O JUIZ DE DIREITO
José Manuel Peixe Pelica

O LIQ. TRIB. PRINCIPAL
Mário Fernando Moreira Leão

D.L. — 18/6/84 — 1.ª PUB.

Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.

Aviso ao Público
CONCURSO

Até às 17 horas do dia 25 de Junho de 1984, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a compra, instalação e subsequente exploração de duas carruagens-bares, na estação de Lagos.

A importância mínima a oferecer pela compra das duas carruagens é de 200 000$00 e a anuidade mínima a oferecer pela sua instalação é de 150 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 25 000$00.

As respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais

— **LAGOS**
— **Serviço Comercial da Região Sul**
BARREIRO
— **Serviço Comercial de Passageiros**
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada e lacrada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses — EP, Apartado 2733, 1118 Lisboa Codex, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a compra, instalação e subsequente exploração de duas carruagens-bares na estação de Lagos.»

RN RODOVIARIA NACIONAL

EXPRESSO «ALGARVE» (BRAGA/FARO)

HORÁRIO

05H50	Braga	21H40
06H45 C	Porto	P 20H45
06H50 P		C 20H40
07H25	S. João Madeira	20H05
07H40	Oliv. Azeméis	19H50
08H00	Alberg.-A-Velha	19H30
08H15	Águeda	19H10
09H10 C	Coimbra	P 18H20
09H15 P		C 17H50
09H55	Pombal	17H10
10H20	Leiria	P 16H45
		C 16H40
10H50	Fátima	16H10
12H00 C	Santarém	P 15H00
12H05 P		C 14H55
12H45	Coruche	14H15
13H30 C	Mont-O-Novo	P 13H30
14H30 P		C 12H30
15H20	Torrão	11H40
15H50 C	Fer. Alentejo	P 11H10
15H55 P		C 11H05
16H20	Aljustrel	10H40
16H45	Castro Verde	10H15
17H00	Ourique	10H00
18H10 C	Ferreiras	P 08H50
18H15 P		C 08H45
a) —	Vilamoura	08H32
a) —	Quarteira	08H25
19H00	Faro	08H00

RN

a) Ligação imediata em Ferreiras

Diariamente de 15/6 a 30/9

DESPORTO

Ciclismo

Começa hoje, em Almeirim o Grande Prémio "JN"

As primeiras pedaladas do 6.º Grande Prémio «JN» serão dadas logo à tarde (18 horas), em Almeirim, onde se disputará o prólogo inaugural desta importante competição, no sistema de contra-relógio por equipas e numa extensão de 7 quilómetros. A concentração terá lugar na Avenida 25 de Abril, onde se encontra instalada a meta. Os ciclistas darão quatro voltas a um circuito que compreende as ruas dos Aliados, Bernardo Gonçalves e Condessa da Junqueira. A partida da primeira equipa está prevista para as 18 horas e a ordem pela qual vão apresentar-se só será conhecida algumas horas antes do início da prova. O prólogo vai permitir, ainda, apurar o portador da camisola amarela para a primeira etapa em estrada, a disputar amanhã, entre Almeirim e Aveiro, na distância de 193 quilómetros.

Iniciado em 1979, o Grande Prémio «JN» já foi ganho individualmente pelos seguintes ciclistas: Francisco Miranda (Bombarralense), Venceslau Fernandes (FC Porto), Alfredo Gouveia (Coelima), Manuel Zeferino (FC Porto) e Adelino Teixeira (Lousa). Entretanto, por equipas, as vitórias foram, respectivamente, para: Coelima, Lousa, FC Porto (1981 e 1982) e Lousa. Este ano e com as equipas do FC Porto e Coelima afasradas da competição, adivinha-se um duelo empolgante, individual e colectivamente, entre o Lousa/Trinaranjus e o Sporting/Raposeira, as duas formações que se encontram melhor apetrechadas.

Julgamos, no entanto, que outros conjuntos com menores possibilidades para a disputa do ceptro colectivo poderão dar um ar da sua graça e até brilhar através dos valores individuais que possuem. É o caso do Coimbrões/Cafés Gama, onde militam Jacinto Paulinho e o «sprinter» António Pinto, da Ovarense/Herculano, onde alinham António Alves, Belmiro Silva e Manuel Cunha, do Tavira/Macal/Minarelli, com Armindo Terebentino, do Olhanense/Algarve, com António Fernandes, José Henriques e Luís

ADELINO TEIXEIRA foi o vencedor do Grande Prémio «JN» da época passada e conta-se entre os candidatos-84

Vargues, da Vigaminho, com Belmiro Ribeiro e Marino Fonseca e da Ajacto/Morphy Richards, com Fernando Carvalho e Venceslau Fernandes. Pode muito bem acontecer que qualquer destes ciclistas venha a recolher dividendos do duelo Lousa-Sporting, como de resto se verificou recentemente, no «Grande Prémio Abimota»: Paulo Fereira, do Sporting, liderava a prova e tudo indicava que seria o vencedor, mas na hora da decisão, o ovarense António Pinto resolveu sair do anonimato e «embolsou» o Grande Prémio de forma categórica, deixando atrás de si nomes sonantes como os de Adelino Teixeira, Eduardo Correia, Marco Chagas e Firmino Bernardino.

O Grande Prémio «JN» que hoje se inicia como será? A prova está recheada de dificuldades, sendo certo que os maiores obstáculos estão reservados, exactamente, para o penúltimo dia. Os prémios em disputa são aliciantes (o vencedor será contemplado com 100 contos, fora o que conseguir amealhar ao longo dos sete dias de prova), por isso espera-se que os ciclistas correspondam e emprestem à competição o brilho e a emoção tão do agrado do público que, de Almeirim ao Porto, vai estar na estrada com os seus incitamentos.

Manuel Neto

Hóquei em Patins
Europa adiada

O FC do Porto conseguiu cinco golos de vantagem sobre o Barcelona ao vencer por 8-3 (nas Antas) a primeira-mão das meias-finais da «Taça dos Campeões Europeus de Hóquei em Patins.

Em Lisboa o Sporting não foi além de um triunfo tangencial (10-9) sobre o Voltregá o que lhe vai dificultar a segunda-mão desta meia-final da Taça Cers. Quanto ao Benfica que se deslocou a Itália para defrontar o Giovinazzo na primeira-mão das meias-finais da Taça dos Vencedores das Taças, perdeu por 3-6.

Nas Antas, o FC Porto vencia por 4-3 ao intervalo, com golos de Cristiano (2), Fana e Alves, contra um de Centel e dois de Torner. Na segunda parte os campeões portugueses que defrontam o titular da Taça dos Campeões Europeus, marcaram quatro golos sem resposta, por intermédio de Cristiano, Fana e Vítor Hugo (2). A deslocação a Barcelona será este ano menos intranquila do que na época passada, em que o FC do Porto venceu nas Antas por 5-3 e perdeu na Catalunha por 5-11.

Em Alvalade, uma má actuação defensiva do Sporting, apesar da boa actuação de Ramalhete, consentiu nove golos aos catalães do Voltregá, o que confere a estes boas hipóteses para a segunda-mão, dentro de uma semana.

Em Itália, a forte equipa do Giovinazzo conseguiu três golos de vantagem para o encontro do próximo fim-de-semana em Lisboa mas a diferença está ao alcance do Benfica, que marcou por intermédio de Garrido e Rocha (2).

Atletismo

Westathletic no Jamor

António Leitão bateu o recorde nacional dos 3000 metros obstáculos fazendo também os mínimos olímoicos com 8.26,19 minutos na última jornada do encontro «Wesathletic» que decorreu no Estádio Nacional.

Portugal obteve a melhor classificação de sempre na competição ao ser sexto em masculinos e sétimo em femininos, cabendo a vitória à Espanha em masculinos com 111.5 pontos e à Holanda em femininos com 95 pontos.

Carlos Lopes deu a segunda vitória à selecção portuguesa (depois do triunfo de sábado de Fernando Mamede nos 5000 metros) ao correr os 10000 m em 28.05,40 m, resultado que é igualmente mínimo olíimpico.

Na selecção feminina, Aurora Cunha deu a únic vitória à selecção portuguesa ao ganhar os 3000 metros com 8.55,60 minutos.

Voleibol

Taça para Espinho

O Sporting de Espinho venceu por 3-0 o Esmoriz na final da Taça de Portugal de Voleibol, em seniores masculinos, em Amarante.

Foi um jgo muito bem disputado, com clara evidência da equipa do Espinho, que em três «sets» resolveu a partida, com os parciais de 15-10, 15-7 e 15-13.

Composição das equipas:

ESPINHO: Bruno Correia, António Castro, Fernando Tomás (capitão), Fernando Castro, CArlos Queirós, Filipe Vitó, Filipe Ereira, Jorge Martins e António Pinho.

ESMORIZ: Augusto Silva, António Sá, Luís César, António Santa, Manuel FErnandes, J.Pacheco, Arménio Fardinha, Daniel Sá, José Moreira, José Adelino (capitão), António Silva e Vítor Oliveira.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE ALMADA

ANÚNCIO

O DR. ANTÓNIO GONÇALVES ROCHA, MERITISSIMO JUIZ DO 1.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE ALMADA.

FAZ SABER, que pela segunda secção deste Tribunal e nos autos de Habilitação de Herdeiros, em que são requerentes os herdeiros de Maria Arménia Domingos, MANUEL DOMINGUES, residente no Largo da Romeira, 6-Porteiro-Cova da Piedade, JOSÉ RIBEIRO DOMINGUES, residente na Rua da Independência-Vivenda Filipe — 1.º-Bairro Santiago-Camarate e ROSALINA RIBEIRO DOMINGUES, residente no Largo da Romeira 6-Porteira-Cova da Piedade e requeridos ANTÓNIO LOPES VELOSO, FATIMA GONÇALVES, e outros cujas últimas residências conhecidas foram respectivamente na Rua Carvalho Araújo 16-1.º-Dt.º e Rua Heliod Salgado, 36-A, ambas em Lisboa, corre o prazo de oito dias, findo o da dilação de trinta dias, contado da data da publicação do ultimo anúncio, notificando os requeridos acima identificados para contestarem aquela acção, sob pena de não o fazendo se considerarem habilitados os herdeiros. O duplicado da petição encontra-se na Secretaria deste Tribunal onde pode ser levantado.

Almada, e Tribunal do Trabalho, aos 25 de Maio de 1984

O JUIZ
a) António Gonçalves Rocha

P'lo Escrivão
a) Maria das Neves Fonseca

D.L. — 18/6/84 — 1.ª Pub.

S. PEDRO DE MOEL

Apartamentos alugam-se
Julho / Agosto / Setembro
Trata: Marinha Grande
Telefone 52652

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

— FAZ-SE SABER QUE, pela 2.ª Secção do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Habilitação de Herdeiros, registados sob o n.º 139-A/80, em que é Habilitanda ALMERINDA LOPES MARTINS ANTUNES, residente na Rua João Ortigão Ramos, n.º 27 (porteira), em Lisboa, e Habilitados ALBERTINA VIEIRA DA LUZ DIMAS e OUTROS, e neles correm éditos de 45 DIAS, citando os interessados para no prazo de OITO DIAS, contando-se estes a partir da segunda e última publicação do anúncio, contestarem querendo, a citada habilitação.

— PARA CONSTAR se passou o presente, que vai ser devidamente assinado.

Lisboa, 25 de Maio de 1984

O Juiz de Direito,
a) Fernando José Leal Loureiro Pipa

O Escriturario-Judicial,
a) Joaquim Mateus Libânio dos Santos

DL – 18/6/84 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de sessenta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando a executada ROLUZ COMÉRCIO E INDÚSTRIA, LDA. com sede na última residência conhecida na Rua Afonso Costa, n.º 15-A, Lote 163, Paivas, no Seixal, para no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, deduzir oposição, pagar à exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido à exequente o direito de nomeação de bens à penhora nos autos de execução ordinária n.º 216/83 — 1.º Juízo, 2.ª Secção — em que é exequente Aida Correia Lopes, Lda. e executada ROLUZ COMÉRCIO E INDÚSTRIA, LDA., cujo extracto é o seguinte: pedido o pagamento da quantia de 779.190$00 e juros vincendos.

Seixal, 16 de Maio de 1984.

O Juiz de Direito,
Manuel Rapazote Fernandes

O Escriturário,
Henrique Palmeiro Ramalho

DL – 18/6/84 – 1.º Pub.

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips
Cetra
PHILIPS
CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.
CONCESSIONÁRIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTÓ-RÁDIOS

R Cidade de Bolama, 1-B - R Cidade de Bissau-Olivais Sul-1800 LISBOA
Telefs. 33 10 22 - 31 72 73 - 33 37 07

Cinema e papel pintado

Catálogos da Cinemateca

As restrições financeiras, que pesam na Cinemateca Portuguesa como no conjunto do país, têm dado origem a que a profusão exuberante de catálogos belíssimos a que aquela instituição nos habituara tenha empalidecido um pouco. Apesar de tudo continuam a merecer atenção e, quase sempre, aplauso.

CINEMA JAPONÊS

Comecemos pelo catálogo do pequeno ciclo de cinema japonês ocorrido em Março, dezena e meia de folhas policopiadas com capa cuidada e contracapa a parecer reproduzir papel de fantasia. Conteúdo parco, como se depreende, mas um interessante depoimento de Paulo Rocha sobre a situação actual do cinema japonês a valer a pena ler.

CINEMA DA RDA

Outro catálogo sumário e policopiado, ocupado quase totalmente por um texto que traça uma panorâmica informativa sobre uma das mais desconhecidas cinematografias da Europa.

PIERRE KAST

Bastante melhor – no estilo «habitual» da Cinemateca cujos catálogos são, com frequência, monografias – é o catálogo dedicado ao ciclo Pierre Kast.

Dados biográficos e filmográficos, a panorâmica sobre a colaboração de Kast nos «Cahiers», textos do realizador sobre alguns dos seus cineastas «de cabeceira» (de quem havia filmes no ciclo), artigos de Truffaut e Daniel-Volcroze sobre Kast, múltiplas ilustrações, este catálogo tem uma particularidade curiosíssima e inédita no que à Cinemateca respeita: nenhum dos textos analíticos sobre a obra fílmica de Pierre Kast é assinado por um português. Quererá isto dizer que à cedência de rigor na programação que foi a iniciativa do ciclo Kast não correspondeu idêntica atitude no que à escrita diz respeito? É que as cedências na programação concernem às instituições e os textos responsabilizam individualmente quem os assina. Além disso os ciclos passam, os textos ficam.

25 DE ABRIL – IMAGENS

A acompanhar o ciclo que, em Abril, comemorou os dez anos da «Revolução dos Cravos» lançou a Cinemateca um dos mais importantes catálogos do ano. Não pelo volume (penso, aliás, que o ciclo merecia a edição de mais detalhada documentação) mas pela substância: com efeito este catálogo intenta a primeira análise globalizante dos «filmes de Abril» o que, concordemos ou não com as ideias nele avançadas, estava por fazer.

Dos textos que ali se incluem cumpre destacar uma mesa-redonda (com Luís Krus, Osório Mateus, Jorge Molder, Rui Simões, Manuel S. Fonseca, José Manuel Costa e João Lopes), «Documentos I e II» de João Manuel Costa (talvez a «peça» que melhor resiste a uma leitura crítica e que constituirá – estou certo – ponto de referência em qualquer futura análise do cinema português dos anos da Revolução), «Nem toda a verdade» de João Lopes e «Broken Blosson» de M. S. Fonseca (revelador título para um texto onde se pretende analisar um cinema desencontrado de um período político explosivo e português), para além de uma cronologia (assinada por Luís de Pina) e de uma filmografia (elaborada por José de Matos Cruz).

Dizia atrás que é possível discordar das propostas deste catálogo e, adianto agora, é mesmo provável tal discordância. Não querendo investigar a profundidade com que aqueles que nele escrevem conhecem o «cinema de Abril» (multimodo, caótico, imediatista, difícil de localizar hoje – e a memória é taõ falível...) parece-me baseado numa ausência de visão próxima e atenta o labéu negativo que os textos lançam sobre a generalidade daquele cinema, poucos filmes salvando da fogueira e, sobretudo, reduzindo a enorme massa filmada nesses anos a um estatuto de mediocridade generalidade, absolutamente injusta para títulos como «Adeus até ao meu regresso» de A. P. Vasconcelos, «Os demónios de Alcacer Kibir» de Fonseca e Costa, «Fátima Story» de A. Macedo, «Nós por cá todos bem» de F. Lopes, «Gente do Norte» de L. Brito, «Terra de pão, terra de luta» de J. Nascimento, isto para só citar os que vêm à memória de uma vez.

Resta dizer que este catálogo tem um dos melhores grafismos de quantos as edições da Cinemateca já produziram (um grafismo onde as imagens são trabalhadas em termos de interpelarem os textos), assinado por João Botelho e Luís Miguel Castro.

JOSEF VON STERNBERG

Não é novidade: os ciclos «co-produzidos' pela Cinemateca e pela Gulbenkian dão sempre origem a catálogos relevantes (eu ia a dizer «os mais relevantes») assinados por João Bénard da Costa. O de Sternberg não fugiu à regra, a única surpresa consistindo no seu pouco volume atendendo, em particular, a que Sternberg é um dos autores «de cabeceira» de Bénard da Costa. Acontece porém que o sub-director da Cinemateca tem em vias de publicação um livro sobre aquele cineasta e compreende-se que se vertesse no catálogo tudo o que tinha a dizer sobre Sterberg, o livro desapareceria...

Para lá da análise da vida e obra de Sternberg o mais cativante desta edição está na tradução de um capítulo da auto-biografia de Sternberg («Fun in a chinese laundry»), descoberta fulgurante de uma lucidez analítica sobre o cinema que não é vulgar em livros do estilo. Editores do meu país: editem este livro de Sternberg que é fabuloso.

O bom gosto do grafismo e a profusão de fotografias (embora de irregular impressão) fazem deste catálogo um objecto que apetece olhar para além de ler.

J.L.R.

I Simpósio de Escritores Ibéricos

Continuação da pág. 3

o tradicional (onde o português aparece, ao entendimento dos espanhóis, com aqueles caracteres de atavismo a que se associam a tristeza, a melancolia, etc. – assim como os espanhóis também aparecem aos portugueses com os seus atavismos a que outros caracteres se associam), o desinteresse actual tem raízes nisto: a consciência (comum a espanhóis e portugueses) de que Espanha e Portugal estavam fora da cultura ocidental. Onde Abelaira falou de civilização, Villena falaria de cultura –, mas falavam ambos da mesma realidade, e da mesma consciência.

Pragmatismo

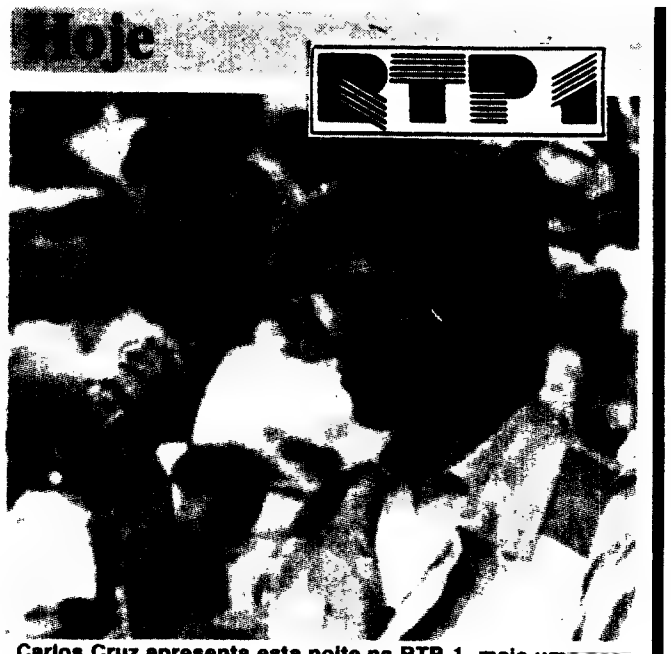
Villena interveio numa altura em que se começava a sentir algum mal-estar pelo facto de os autores espanhóis (os de língua castelhana) ainda não terem tido qualquer participação activa nos debates.

A tópica do desinteresse residia nisto – e voltava-se apelativamente para os espanhóis. Estava então a falar-se talvez demasiado de problemas pontuais como as línguas, o conhecimento recíproco das línguas (e, desde logo, através das línguas). Villena propôs uma desvalorização desta questão (ou aspecto da questão), saltando para a tradução como solução mais prática, mais económica, mais fácil. É difícil aos espanhóis lerem autores portugueses em português? É difícil aos portugueses lerem autores espanhóis em espanhol? «Então, é preciso é traduzir – disse Villena – E comentar». Depois, «é preciso criar um sistema editorial para dar à Espanha autores de Portugal – e vice-versa.

Carlos Barral (escritor e editor) avançou com três propostas: uma apontando para a criação de qualquer coisa como um conselho ibérico para a literatura –, integrando representantes das associações de escritores dos cinco idiomas peninsulares, os quais reuniriam regularmente e teriam, aquém e além do mais, competência para propor obras a serem traduzidas e publicadas; outra, preconizando o estabelecimento de formas de apoio oficial à tradução e à edição; e, enfim, uma terceira falando da supressão de barreiras alfandegárias que se levantam à circulação do livro entre Portugal e Espanha.

Estas três propostas passaram, naturalmente, para as conclusões. E as intervenções de Villena e Barral (bem como a de Luis Pascual) familiarizam alguma coisa os portugueses com as posições espanholas caracterizadas, estas, por um certo – mas dir-se-ia que óbvio – pragmatismo.

Hoje RTP1



Carlos Cruz apresenta esta noite na RTP-1, mais uma sessão do concurso Um, Dois, Três

Das 13.35 às 17.30 – Ciclo Preparatório TV
17.37 Curso de Inglês
18.05 Notícias
18.10 3, 2, 1 – Contacto
18.40 Tele-regiões
19.10 A Balada de Hill Street
20.00 Telejornal
20.35 O Bem Amado (Episódio n.º 64)
21.20 Concurso 1,2, 3 – Apresentação de Carlos Cruz
23.40 Últimas notícias

RTP2

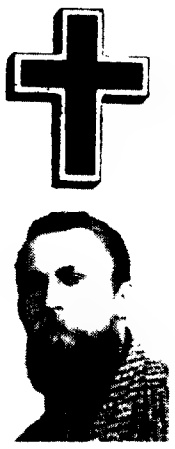
No programa... Da Música, da RTP-2, representa-se o Bailado intitulado «Wendung»

19.32 Notícias
19.45 Folclore – «O Povo e a Música» – Com o Grupo Folclórico de Cidacos
20.15 Documentário – «Nicolai Gogol»
20.50 Animação
21.15 Desenhos animados
21.35 Guerra dos Sexos – (episódio n.º 37)
22.15 Jornal da Noite
22.45 ... da Música – «Wendung» – O bailado Wendung, coreografado por John Neumeier com música de F. Schubert e inspirado em estrofes do poeta alemão Rainer Maria Rilke.

Amanhã RTP1

17.37: Follow me; **18.05:** Notícias; **18.10:** Bulle e Bill; **18.20: Três Tons**; **18.45:** Tele-regiões; **19.15:** Campeonato da Europa de Futebol; **21.20:** Telejornal; **21.55:** O Bem Amado; **22.40:** Grande informação; **23.15:** Campeonato da Europa de Futebol, **23.30:** Últimas Notícias.

19.32: Notícias; **19.40:** Portugal Romano; **20.05:** Adágio; **20.35:** D'Hoje pr'a amanhã; **21.05:** Desenhos Animados; **21.30:** Campeonato da Europa de Futebol; **23.15:** Guerra dos Sexos; **23.50:** Jornal da Noite.



ANTÓNIO JOAQUIM RODRIGUES RIBEIRO
(ANTÓNIO VARIAÇÕES)

MISSA DO 7.º DIA

Sua mãe, irmãos e restante família, participam que amanha dia 19 às 19.15 horas na Basílica da Estrela sera rezada Missa por alma do seu saudoso filho, irmão e parente, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

P.N.A.M.

AGÊNCIA SALGADO – Tel. 560258

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

Plano Geral de Urbanização de Barcarena

Esta Câmara tem em exposição pública o Plano Geral de Urbanização de Barcarena, na sede daquela Junta de Freguesia.

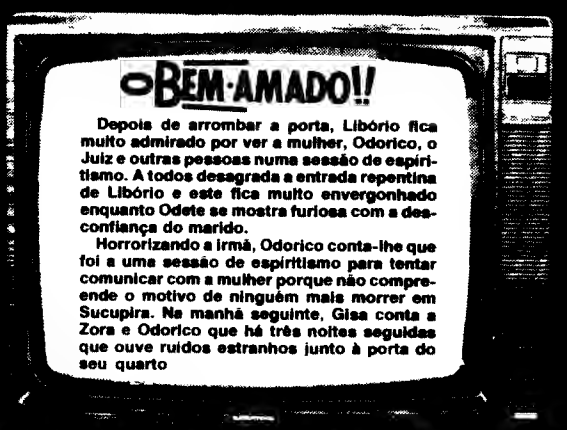
No dia 18 do corrente (2.ª feira) pelas 18,30 horas, naquele local, será feita a discussão pública do mesmo, para a qual se convida a população e possíveis interessados.

O Presidente da Câmara
João António da Silva Ramos

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1
Concurso Um Dois, Três (21.20)

RTP2
BAilado «Wendung (22.45)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Exposições

● Esculturas de **Antão de Almeida Garrett** estão patentes ao público no Centro Europeu de Línguas, à Av. Padre Manuel da Nóbrega, ao Areeiro. Trata-se de uma mostra que o artista dedica, como homenagem, a Maria Abraços.

● Uma mostra colectiva de pintura e desenho, que integra trabalhos de **Fernando Aguiar, Fernando Cruz, H. Mourato, Jaime Silva, João Oom, José de Almada Negreiros, Mello e Castro, Pedro Avelar e Vasilikian** pode ser vista na Galeria «Lugar das Olaias». Na «Parede Jovem» do Restaurante, **Frederica Castel-Branco** faz a sua primeira exposição, mostrando algumas obras realizadas sob a orientação de Mestre José Mouga.

● Nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian, **Marta Teles** expõe um conjunto de 60 quadros de pintura. Para a artista madeirense, naturalizada canadiana, é um regresso à casa, visto que se trata de uma pintora, antiga bolseira da Fundação Gulbenkian em Paris, e com trabalhos expostos no Centro de Arte Moderna da Fundação da Av. de Berna.

● Gravuras, 21, do artista canadiano **Robert Bateman** podem ser vistas nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian.

● Uma colectiva de pintura, com trabalhos de **Pedro Saraiva, Dora Iva Rita, Ilídio Salteiro, António Catrola, Luís França e Luís Ançã** está patente ao público na sala Amadeu Sousa Cardoso do Teatro Ibérico, à Igreja Barroca do Antigo Convento de Xabregas.

● Colagens de **Ivone Belette** estão em exposição até ao próximo dia 1 de Julho na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Trata-se de uma artista multifacetada que tem vindo a participar na maioria dos salões colectivos da Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde há 11 anos, em 1973, expôs pela primeira vez. Belette, licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas, tem-se dedicado também à literatura infantil, tendo sido distinguida, em 1979 e 1982, com dois primeiros prémios da Associação Portuguesa de Escritores.

Um dos trabalhos de Américo Silva, patente ao público na Cooperativa Árvore

● Na sede do AR.CO – Centro de Arte e Comunicação Visual, está patente ao público uma mostra de fotomontagens de **John Heartfield,** constituída por 33 trabalhos realizados entre 1924 e 1960. As fotomontagens foram reproduzidas em colotipia a partir da versão publicada ou, nalguns casos e sempre que possível, a partir da fotomontagem original. A exposição encerra no próximo dia 8 de Julho.

● Até ao próximo dia 6 de Julho está patente na Galeria Altamira, à R. Filipe Folque, 48-A, uma mostra de pintura de **João Vieira.** O artista, antigo bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e estudante de Vieira da Silva, é actualmente professor da Universidade Nova na área da História de Arte, depois de ter ensinado pintura e desenho na Escola António Arroio e no Maidstone College of Art, em Kent, no IADE e na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Para além da pintura, João Vieira assinou cenografia para teatro e televisão, tendo dirigido a área cultural de Belém, na Galeria Nacional de Arte Moderna, até fins de 1980.

● Na Galeria Diferença, à R. S. Filipe Neri, 42, 1.º (ao Rato), está patente ao público até 29 do corrente uma Instalação/respiração de **Sally Witcher.**

● **Ivo e Martinez** expõem na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, ao Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, trabalhos subordinados ao tema «Pintura Multi-Instrumentista».

● Desenhos de **Isabel Seruca,** numa mostra subordinada ao tema «Do Branco e do Negro» estão patentes ao público no João Sebastião Bar,um espaço que se tem vindo a abrir progressivamente para as exposições de artes plásticas.

Aguarela de Carlos Reis

● Até ao próximo dia 25 de Junho está patente na Sociedade Nacional de Belas-Artes uma **exposição de arte infantil sul-africana,** constituída por 50 trabalhos de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos.

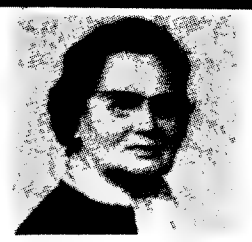
● Escultura e cerâmica de **Eduarda Prudêncio** está presente na delegação n.º 1 do Clube do Sargento da Armada, na Praceta à Rua 15, no Feijó.

● Trabalhos fotográficos de **Isidoro Augusto, Cidália Alves, Paulo Barbas e Vitalino** estão em exposição no salão das Arcadas da Junta de Turismo da Costa do Estoril.

● Na Cooperativa portuense Árvore continua patente ao público uma exposição de **Júlio Saul Dias.** A mostra é constituída por 55 trabalhos do artista, entre 1927 e 1982, e é subordinada ao tema «Júlio – um longo percurso poético». Esta exposição serviu como pano de fundo para o lançamento do livro de Maria João Fernandes «Júlio-Saul Dias – o universo da invenção», recentemente editado com a chancela da Imprensa Nacional.

● Ainda no Porto, no Módulo-Centro Difusor de Arte, à Av. da Boavista, 854, estão patentes ao público aguarelas de **Carlos Reis.** A mostra pode ser vista até ao próximo dia 24.

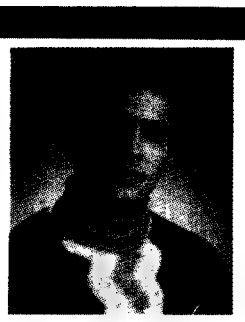
● Na Cooperativa Árvore, também no Porto, foi inaugurada, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, a exposição de **Américo Silva,** constituída por 15 serigrafias, 12 fotos, projectos de Museografia e de Artes Gráficas.



Francisca Duarte da Silva

Faleceu

Seus filhos, Maria Arlete Duarte Silva Oliveira Santos e Agostinho da Silva Leitão, netos, bisnetos, genro e nora, participam o seu falecimento, e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 10,30h, da Igreja de Santos-o-Velho para o cemitério do Alto de S. João



João Eduardo da Silva Estrela

FALECEU

Seus pais, irmã, tios, sobrinhos e filha, participam o seu falecimento e que o funeral se realizará em data a anunciar.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	86$15	92$15
ALEMANHA FED (marco)	51$00	52$10
ÁUSTRIA (xelim)	7$15	7$35
BÉLGICA (franco)	2$336	2$536
BRASIL (cruzeiro)	$050	$060
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	107$00	109$10
(notas de 5 a 1000)	107$80	109$60
DINAMARCA (coroa)	13$90	14$30
ESPANHA (peseta)	$861	$981
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	139$40	141$40
(notas de 5 a 1000)	139$90	141$90
FINLÂNDIA (marka)	23$95	24$55
FRANÇA (franco)	16$55	17$25
HOLANDA (florim)	45$20	46$20
IRLANDA (libra)	156$40	160$40
ITÁLIA (lira)	$075	$085
JAPÃO (iene)	$572	$607
NORUEGA (coroa)	17$85	18$35
REINO UNIDO (libra)	192$80	196$80
SUÉCIA (coroa)	17$15	17$75
SUÍÇA (franco)	61$15	62$25
VENEZUELA (bolívar)	7$35	8$35

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

«ANTENA UM»

16.00: «Musicomania»; **18.00:** Noticiário «A Gaita dos Sete Foles»; **19.00:** SH «Informação e música»; **20.00:** SH Folhetim: A Tragédia da Rua das Flores; **20.25:** «No estúdio e no estádio» (Imf ª desportiva – 2.ª edição); **20.35:** Música portuguesa; **21.00:** «Dinamarca – Pátria dos Vikings»; **21.30:** Noites de luar; **23.00:** Títulos do último jornal; **23.20:** «Diário do Europeu». Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

PROGRAMA 2

15.50: Música de bailado «O Chapeu de Três Bicos» de Manuel de Falla; **16.30:** Quarteto de Câmara «CDE» de Jorge Peixinho; **17.10:** Sinfonia n.º 2 em mi menor de Rachmaninoff; **18.05:** Música Instrumental; **19.00:** Terra-Viva, Planeta Azul; **19.30:** Sonata n.º 3 em si menor para piano, de Chopin; **20.10:** Música sinfónica e concertante; **21.00:** O canto e os seus intérpretes; **22.00:** Tudo isto é música também; **22.40:** Variações sinfónicas sobre um tema alentejano de Joly Braga Santos; **23.00:** Intercâmbio musical – Outono na Estíria 1983. Em gravações cedidas pela ORF, Radiodifusão Austríaca. 1.ª parte: – Tropi, para 6 instrumentos, de Niccoló Castiglioni. – O Paraman sepolta, para soprano, violino e percussão, de Fabio Nieder. – Ambre, para contrabaixo solo, de Fernando Grillo. Intervalo: obras de Pedro de Araújo e Diogo de Alvarado 2. . parte: – Melodias e intermezzi Populares, de Fabio Niedler. – Hô, para voz solo, de Giacinto Scelsi. – Jodeln, de Fabio Nieder. – O King, de Luciano Berio; **00.20:** Música electroacústica de Jorge Peixinho; **01.00:** Fecho; Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée; **17.00:** Rápido das cinco; **19.00:** Programa de «Sport Lisboa e Benfica»; **20.00:** Conta corrente; **21.00:** Quando o telefone toca (2 edições); **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Programas religiosos; **22.30:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-ESTÉREO

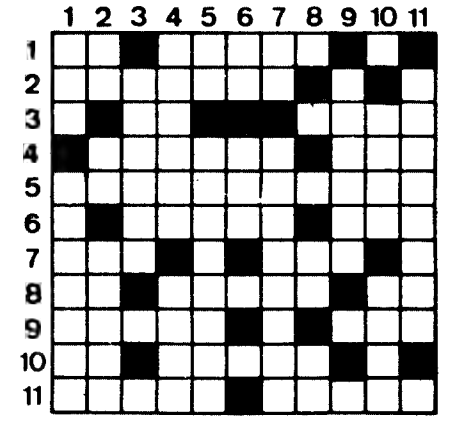
15.00: O Vapor; **16.00:** O Som da frente; **17.00:** Ondas luisianas; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em Órbita; **20.00:** Um programa de José Ramos; **21.00;** Jazzfone; **22.00:** Café concerto. Noticiários de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 063

HORIZONTAIS:
1 Preposição. Escuridao. Nome de letra.
2 Cortes grega esposa de Péricles.
3 Preposiçao latina que designa movimento. Cidade da Arábia.
4 Agradecidas. Pronome pessoal.
5 Lançarias em crédito.
6 Costurem. Irmã da mãe.
7 Bebado. (Gir. Bras). Falda
8 Quinhentos e um em romano. Adeja. Nome de Buda na China.
9 Vaguear Prefixo que designa ar.
10 Flauta chinesa de três buracos. Limpas com água.
11 Tostam. Trabalho à noite.

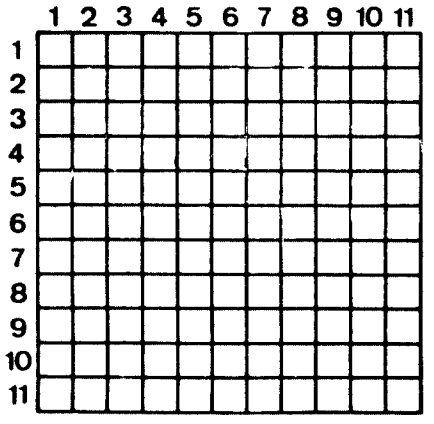


VERTICAIS:
1 Rio de Portugal. Vela.
2 Pertences. Grego. (abrev). Naipe das cartas de jogar.
3 É semelhante.
4 Boiado. Peta.
5 Ósmio (s.q). Tostaram.
6 Segundo. Fruto da ateira.
7 Basta! Vestimenta rústica. (pl).
8 Bário (s.q). Pronome reflexo.
9 Bela. Artigo definido.
10 Filtrai. Mal parecida.
11 Divulgador.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9913

HORIZONTAIS:
1 Filho de Atreu, rei de Micenas e de Argos, chefe dos heróis gregos que assediaram Tróia.
2 Educa. Cento e três em romano.
3 Empregar. Aluminio (s.q).
4 Patrão. Usa.
5 Puniriam.
6 Brisa. Espera Resposta.
7 Empresa. Deixas.
8 Prefixo de privação. Filtra. Elemento de composição de palavras que designa ar.
9 Feliz Consentimento. Preposição e artigo.
10 Gigante
11 Divisão de uma casa. O mesmo que alburno.



VERTICAIS:
1 Antes de Cristo. Ferro temperado. Lavras.
2 Bebe. Pegada.
3 Esbeltas. Óxido de cálcio.
4 Oceano. Doença Infecciosa grave dos olhos.
5 Cantão da Suíça.
6 Mil e novecentos em romano. Desanimasse.
7 Rio da América do Norte que separa o Canadá dos Estados Unidos. Item.
8 Dar oiro a. Apelido.
9 Niquel (s.q). Nota musical. Germânio (s.q). Batráquio.
10 Acometera.
11 Guardam segredo. Ecoo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 062

HORIZONTAIS:
1 O. VINHO. Cia.
2 Rã. Solta.
3 As. Estão.
4 Sama. Aar.
5 Limi to. Aló.
6 Imitasses.
7 Ni. Ac. Em. Ba.
8 Gl. Magras.
9 Uai! Ruela.
10 Arrua. Narre.
11 São. Suarias.

VERTICAIS:
1 Ora. Linguas.
2 Assimilara.
3 Ami. Iró.
4 Imitam.
5 Na. Atacaras.
6 E. Os. Gu.
7 Ossa. Serena.
8 Ota. Emalar.
9 Claras. Sari.
10 Ito. Rã.
11 Aa. Corações.

Proverbio: O VINHO SOLTA AS LINGUAS E OS CORAÇÕES.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9912

HORIZONTAIS:
1 Oras. Amar
2 Amora. Aba.
3 Tal. Samos.
4 Iú. Ada. Saga.
5 Grelas. Ar.
6 Trinaras.
7 Afagas. Ca.
8 Os. Era. Gas.
9 Cós. Erra.
10 Acalmar.
11 Ralo. Casota.

VERTICAIS:
1 Óstia. Tocar.
2 Au. Soca.
3 Aal. Gra. Sal.
4 Sm. Arife. Ló.
5 Ordenaram.
6 Ar. Alaga. Ac.
7 Mas. Ará. Era.
8 Assas.
9 Rama. Grão.
10 Boga. Caá.
11 Casarias. Ga.

cartaz de cinemas e teatros

Uma cena do filme «A Mulher do Aviador» realizado por Eric Rohmer em exibição no ESTÚDIO 444

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 14.00 16.30 19.00 21.30
Para todos
O GENDARME EM SAINT TROPEZ

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 18 a.
MONTY PYTHON, O SENTIDO DA VIDA
Realização de Terry Jons
Comédia

AVIS 547153
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30 18.30 21.30
M. 6 anos
SUPERMAN III

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M 16 anos
LAÇOS DE TERNURA
11.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
UM DIA NAS CORRIDAS

CASTIL 530194
R Castilho

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Não acons. men.13 anos
A CAÇADA DE DUROS

CINE BLOCO 556824
R Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
Não acon. men. 18 anos
3 HOMENS A ABATER
Às 24 h
Não acon. men. 18 anos
RAÇA SELVAGEM

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30
O NOVO AMANHECER
Não ac. men. 18 anos

CINE 222 579460
Av P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.00 16.30 19.00 21.30
M. acon. men. 10 anos
AVENTURA DO POSEIDON
Às 24 h
AMOR E BALAS

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30, 21.30 h
M. 12 anos
JOÃO BRONCAS E OS MALUCOS DA BOLA

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30, 21.30 h
O REGRESSO DO CAVALO NEGRO
Para todos

CONDES 322573
Av da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
VIOLÊNCIA E SEDUÇÃO

2000 2100055
Av B Voluntários, lts 113/4

Às 15.00, 18.00, 21.30
M. 12 anos
OS SÓCIOS

EDEN 320768
P Restauradores 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M 16 anos
OS COMANDOS DA NOITE

ESTÚDIO 555134
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
100.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Mai. 12 anos
A MULHER DO AVIADOR
6.ª Semana

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 15, 18.15, 21.30 e 24 h
Não ac. m/13 anos
PAPILLON
com Steve McQueen
e Dustin Hoffman

SALA 2

Às 14.30, 16.30, 19, 21.30 e 24.00
Não acon. men. 18 anos
O VINGADOR DA ESTRADA
C/Peter Fonda

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques, 35

Às 15, 18.15 e 21.30
Maiores de 10 anos
Uma produção de Darryl F Zanuck
O DIA MAIS LONGO
(70m/m) 42 grandes artistas
O filme começa no início das sessões

LIDO 936593
P. D. João I. Amadora

Às 21.30 h
OCTOPUSSY-007 OPERAÇÃO TENTÁCULO
M 12 anos

MONTECARLO 681117
Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14 15 16.30 21.30

Não ac. men 13 anos
ELVIS
24 h
O FANTASMA

NIMAS 57[illegible]
Av 5 de Outubro 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– M 16 a
STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4
R dos Condes 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
Não acon. men. 18 anos
INTERNATO DE RAPARIGAS

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30 h
Int. men. 12 anos
ESQUADRÃO SALAMANDRA
Com Anthony Quinn, Claudia Cardinale e Franco Nero

POLITEAMA 326716
R Portas S Antão, 109

Às 14 15, 16.30, 19 e 21.30 h
Não acon. men 13 anos
Não basta chegares primeiro.. tens de chegar vivo!
GUERREIROS DE AÇO
Com Fabio Testi e Senta Berger

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16

SALA 1
Às 14 30, 16.45, 19 00, 21.15, 23.15 h
OUTRA FORMA DE AMAR
de Karoly Makk
M 16 anos
Às 23 30 h
VIAJANTES DA NOITE
SALA 2
Às 14 30 16 45 19 00 21 15 23 15 h
M. 16 an.
PAIXÃO
Às 23 30 h
A SAUDADE DE VERÓNICA VOSS
SALA 3
Às 14.30, 19, 21 15 e 23.15 horas
(M. 18 anos)
A MULHER EM CHAMAS
Às 23.30 h
S. FRANCISCO, CIDADE NUA
SALA 4
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.00, 23.15
(M. 12 anos)
O CONTRATO
Às 23.30 h
O 3.º HOMEM

QUINTETO 573407
R Actor Taborda 27-B

As 14 30 16 45, 19.00 21.30
(M 6 anos)
O REI DA COMÉDIA
c/Robert De Niro e Jerry Lewis
Às 24 h
O ÚLTIMO ABRAÇO

ROMA TEL. 727778
Av de Roma 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Maiores de 16 anos
Nunca um objectivo foi tão importante e perigoso!
OS COMANDOS DA NOITE
Com Gene Hackman

ROXY 548560
Av Almirante Reis, 20

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Não acon. men. 13 anos
CAVALGADA FANTÁSTICA
Com Lee Van Cleef e Catherine Spaak

SÃO JORGE 579114 579344
Av da Liberdade 175

SALA 1

Sessões às 15, 18 15 e 21 15 h
Mai de 12 anos
No ciclo Meryl Streep
A ESCOLHA DE SOFIA

SALA 2

As 14 00, 16.30, 19.00 e 21 45
– M. 12 A.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 3

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15
Maiores de 12 anos
O COMPANHEIRO
Com: Albert Finey e Tom Courtenay

7.ª ARTE 730715
Av República, à E. Entre Campos junto ao n.º 63
Às 14.45, 17, 19.10, 21 45 e 23.45 horas
(Maiores 18 anos)
MONTYPYTHON'S – O SENTIDO DA VIDA
Domingo, às 11 15 horas
FESTIVAL TOM E JERRY N.º 1

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30 h
M. 12 anos
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666
P de Bonfica 723 A

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Mai. de 16 anos
BAD BOYS
Com Sean Penn

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras lote 879
Às 15, 18,15 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
Nunca ninguém foi tão longe e no suspense!
BÓLIDES DA MORTE
Com John Travolta e Vitorio Mezzogiorno

XENON 368480
Av da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
NOVA YORK-1977
2.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Romeu e Julieta», às 21 30 (14 anos)
ALFA -2 – «Laços de ternura» 21.45 (16 anos)
ALFA-3 – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «Cocktail sexual» sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL – «Christiane F», às 21.30 (18 anos)
TERMINAL – Star 80 a tragédia 21.30 (16 anos)
CINE ESTÚDIO – ACS – «Guerra do Mirandum», às 21.30 (12 anos)
ALFA-CLUB – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Infielmente Tua», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
ZODÍACO – «Regresso do mal» 21.30 (18 anos)
APOLO 70 – «Aconteceu. . no Oeste» às 21.15 (13 anos)
CAPITÓLIO – Loucuras Porno às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «Os Supergénios» às 21.30 (12 anos)
PROMOTORA – «A luta de gigantes» 21.30 (16 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «A vida privada de Henrique VIII» 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «Jogos de guerra» 21.30 (12 anos)
ESTORIL – Casino – «Jogos de Guerra» às 21.15 (12 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Febre louca dos anos 60» às 21.15 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine Estúdio – «Reeds» 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Slicine – «O Bailarino das nuvens» 21.30 (12 anos)
ALMADA – Incrível – «Loucamente apaixonado» às 21.15 (6 anos)
ALMADA – Academia – «As Jóias da Grã-Duquesa» às 21.15 (13 anos)
AMORA – CRUZ DE PAU-Lord – «O Buraco da agulha» às 21.30 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «A Fúria do Guerreiro» às 21.15 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine Estúdio Flores – «A melhor casa de prazer no Texas» às 21.30 (13 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «A Casa do cemitério» às 21.15 (18 anos)

Porto

BEBÉ – «Excalibur», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «Uma Louca História do Mundo», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Encontros Imediatos do 3.º Grau», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Noites de paixão» 21.30 (16 anos)
COLISEU – «A Fúria do Herói», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Tess», às 21.00 (13 anos)
ÁGUIA – «Os Dois Magos da Bola», às 21.30 (6 anos)
PEDRO CEM – «O Pequeno Lord», às 21.30 (12 anos)
RAIONE – Espiões por conta própria» 21.30 (16 anos)
TERÇO – «O Imperador dos bárbaros» 21.30 (13 anos)
BATALHA – «As Atracções do Perigo» às 21.30 (12 anos)
CHARLOT – «Milagre de Amor» às 21.30 (12 anos)
CHAPLIN – «Turno da noite» 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)
JÚLIO DINIS – «Uma Criada das Boas» às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Os Comandos da Noite», às 21.30 (16 anos)
LUMIÈRE-L – «Guerra do Miradum», às 21.45 (12 anos)
ESTÚDIO – «Os Bons e os Maus» às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «A Educação de Rita», às 21.45 (12 anos)

farmácias

Lisboa
PERMANENTE

ALFAMA – Pereira Suc. – Rua Paraíso 98-100 (Tel. 863242); **ALTO SANTO AMARO – Santo Amaro** – Rua Filinto Elísio 29 AB (Tel. 637070); **ARCO CEGO-ESTEFÂNIA – Palma** – Av. Duque D'Ávila 25-31 (Tel. 547088); **AV. Roma – Avis** – Av. Roma 56 BC (Tel. 895370); **CAMPOLIDE-SETE RIOS – Nova** – Rua Campolide 297 C (Tel. 666971); **INFANTE SANTO – Andrade Ribeiro** – Av Infante Santo 66B (Tel.6878175); **LUMIAR – Petuleia** – Alm. Linhas de Torres 262B (Tel. 790332); **LUZ-Fr. MENINOS DA LUZ – Geny** – Rua Cons. José Silvestre Ribeiro 12A ao 218 da Estrada da Luz (Tel. 780342); **OLIVAIS SUL – Fernandes Borges** – Rua D. Aleixo Corte Real Lt 388 cruz. com a Rua Cidade Bolama (Tel. 311091); **PENHA FRANÇA – Higiénica** – Rua Heliodoro Salgado 20A (Tel. 844361); **PICHELEIRA – Luzmar** – Rua João Nascimento Costa 16 (Tel. 880703); **TIVOLI – Morais Sarmento** – Rua Santa Marta 16-A-B (Tel. 546490); **ODIVELAS – Gonçalves** – Rua dr. Egas Moniz 30-B (Tel. 915662); **PONTINHA – Leitão Ribeiro** – Rua A do Falcão 3A (Tel. 993912).

REFORÇO

ALAM. D. AFONSO HENRIQUES – Paes – Rua Abade Faria 22A (Tel. 883965); **ALVALADE – Brisalia** – Av. Rio Janeiro 66-66A (Tel. 882368); **AVENIDAS NOVAS – Fátima** – Av. 5 de Outubro 147A (Tel. 763107); **BAIRRO AZUL – Sirius** – Rua Fialho de Almeida 38A (Tel. 544000); **BAIXA – Barral** – Rua Augusta 225 (Tel. 361534); **BELÉM – Bom Sucesso** – Rua Bartolomeu Dias 63A (Tel. 611454); **CALHARIZ-BENFICA – Rebocho** – Rua Tenente Coronel Ribeiro Reis 12-B (Tel. 743871); **CAMPO D'OURIQUE – Pinheiro** – Rua Campo de Ourique 135 (Tel. 686640); **CHELAS-COLÉGIO VALSASSINA – Serra** – Rua Luís Cristino da Silva Lt 221 Loja 133 Zona 2 Chelas (Tel 853720); **RATO – São Mamede** – Rua Escola Politécnica 82B (Tel. 660280); **SANTOS – Fontoura Carvalho** – Rua Santos-o-Velho 12 (Tel 662075); **BRANDOA-AMADORA – Tavares Matos** – Rua 8 Lt. 308 (Tel 993220); **BURACA-AMADORA – Vaz Martins** – Rua António Ferro 6-A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO – Nova** – Rua Açores 11A (Tel. 910305); **PRIOR VELHO – Matos** – Tv Prioras (Tel. 2519939).

Linha de Sintra

AMADORA – Igreja: P. Igreja, 22-A (T 937740) Permanente; **Flama:** R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485) Até às 22 h.; **DAMAIA – Confiança:** R. Bartolomeu Dias, Lote D (T. 9710231) Até às 22 h.; **QUELUZ – Queluz:** Av Miguel Bombarda, 123-A (T 951841) Até às 22 h.; **CAMARATE – Mendonça:** Apelação, até às 19 h.; **CACÉM – Rodrigues Garcia:** Av. Bons Amigos, Lote 5-D (T. 9243693) Per., **MEM MARTINS – Miranda Garcia.** Est Mem Martins, 173 (T. 9214103) Perm.; **MERCÊS – Claro Russo:** R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22 horas; **RINCHOA – Cargaleiro Lourenço:** Caiç. Rinchoa, 38 (T. 926006) Até às 22h.; **SINTRA – Marrazes:** Estefânia (T 9230058) Perm.; **COLARES – Abreja:** (T. 9290088).

MOSCAVIDE – Santa Bárbara: R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918) Até às 22h.; **SACAVÉM – Lourenço:** Av Almirante Ries, 31 (T. 2518151) Perm.; **LOURES – Saraiva:** Av. República, 86 (T. 2530027) Até às 22 h.

Linha de Cascais

ALGÉS – Miramar: R. Ernesto Silva, 83 (T 2112048) Perm.; **LINDA-A-VELHA – Moderna.** Av. 25 Abril, 30-C (T 2191235) Até às 19 h.; **TIRES – Guimarães:** L. Duartes Lote A r/c (T 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho:** B.º Padre P Correia, 4-B (T 2690363) Ate às 22 horas, **PORTO SALVO – Ferreira Bastos:** R D Firmino Rebl.º (T. 2421015) Até às 22 ; **CARCAVELOS – Central:** R 5 de Outubro, 25 (T 2470037) Perm., **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira:** Av Sabóia, 29-B (T. 260085) Até às 22 horas. **MALVEIRA DA SERRA – Luz** Est. Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS – Trindade Brás:** R. Costa Pinto, 184 (T 2432034) Perm.; **OEIRAS – Godinho:** R Cândido Reis, 98 (T. 2430090) Ate às 22 h ; **PAREDE – Brandão:** Av. República, 77-C (T 2471054) Perm ; **SASSOEIROS – Amaral:** Quinta das Encostas (T 2461312) Ate às 22 horas; **BIRRE – Imani:** Até às 22 horas, **MADORNA – Madeira:** R. A (T. 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes.** Viv. M.º Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Suíça:** Cruzeiro (T. 260087) Até às 22 h.; **CASCAIS – Cascais:** R. Conde Monte Real-B.º Caxias (T. 2822407) Perm.

Outra banda

ALMADA – Silva Júnior: Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030) Até às 22 h., **COVA PIEDADE – Rainha Santa:** R. Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2394182) Perm.; **COSTA CAPARICA – Higiénica:** Av República, 23 (T 2400020) Até às 19 h.; **LARANJEIRO – Oliveira Sérgio:** R. Álamos, 2-A (T. 2296464) Até às 22h.; **SESIMBRA – Leão** :Av. Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO – J. Consolado.** Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (T. 2043126) Até às 19 h.; **BARREIRO – Higiénica:** R. D Manuel I, 178 (T.2073017) Perm., **BAIXA DA BANHEIRA – Teixeira.** B.º Moçambique, 84-B (T. 2040946) Até às 19 h.; **CORROIOS – Abreu Cardoso:** B.º Cid. Setúbal, 1-B (T. 2291192) Até às 19 h.; **AMORA – Matos Lopes:** R. 1.º Maio 401 (T. 2216355) Até às 22 h.; **SEIXAL – Godinho:** L. Igreja, 51 (T. 2213580) Até às 22 h.; **MONTIJO – Giraldes.** R Almirante Reis, 45 (T. 2310008) Até às 22 h., **MOITA – Silva Rocha:** P República, 16 (T 239029) Até às 19 h ; **ALHOS VEDROS – Gusmão:** R. Cândido Reis, 30 (T. 204020) Até às 19 h., **ALCOCHETE – Gameiro** L. Ant.º Santos Jorge 15 (t 234100) Até às 19 h

PORTO

Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22 h.

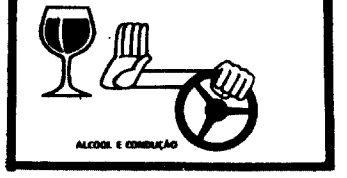
FONTE DA MOURA – Rua de Tânger, 1463; **SERPA PINTO** – Rua de Serpa Pinto, 645, **ANTAS** – Avenida Fernão Magalhaes, 1076; **SANIL** – Rua do Paraíso 214, **SARABANDO** – Largo dos Loios, 36.

De dia e toda a noite

GARANTIA – Rua Fernandes Tomás 696; **POMBEIRO** – Campo Mártires da Pátria, 152; **GUERRA** – Rua Costa Cabral, 43; **INVICTA** – Rua do Bonfim, 330; **ALVES DA Silva** – Av da Boavista, 1016.

Coimbra

CRUZ VIEGAS – Rua do Brasil, 154 Tel. 74821; **MIRANDA** – Praça do Comércio, 41 Tel. 23261



teatros

Lisboa

VARIEDADES – «Eu Desço na Próxima e Você?» às 21.45 (12 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAI-MAR
06.14 **03,30 m** 11.33 **01,40 m**
18.30 **03,60 m**
DIA 19
06.57 **03.20 m** 00.12 **01.40 m**
19.14 **03.40 m** 12.19 **01.60 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	20°
BRAGANÇA	15°
VILA REAL	18°
PORTO	20°
COIMBRA	20°
CABO CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	17°
ÉVORA	17°
BEJA	16°
FARO	18°
SAGRES	
PONTA DELGADA	18°
FUNCHAL	18°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros e trovoadas, em especial nas regiões do interior. Neblina ou nevoeiro, durante a madrugada e princípio da manhã. Em especial no litoral oeste.

Qual Europa?

Um antigo ministro socialista, inspirador e porta-voz de uma das sensibilidades do PS, em artigo publicado no «Diário de Notícias» do passado domingo, sobre a Europa, tecia considerações oportunas e perguntava ou sugeria a pergunta: Qual Europa?

Que os socialistas europeus tinham desejado uma «Europa dos trabalhadores» e não a dos grandes empresários do comércio e da indústria, recordava Francisco Marcelo Curto. E recordando-o, propunha-nos uma atitude reticente perante essa Europa à porta da qual, na posição de peticionários, nos encontramos vendo sempre adiada a negociação decisiva e a integração tida por inevitável.

Condição da Europa dos trabalhadores parece ser a independência política da Europa, a sua capacidade económica concorrencial a defesa económica comunitária, a vontade de autodefesa militar. E não será de estranhar que a evolução política, com a consolidação da esquerda socialista e comunista, com o acesso ao novo Parlamento Europeu dos partidos ecologistas, com a presença de uma extrema-direita, venha a impor uma nova orientação da política europeia.

Em Itália, o Partido Comunista ultrapassou — diz-se que para o resultado terá contribuído a reacção emocional despertada pela morte do «europeu» Enrico Berlinguer — os votantes na Democracia-Cristã (32,9 por cento dos votos, contra 31,2) por cento. Resultado supreendente e contrário à votação obtida em França, pelo Partido Comunista que se situa nos 20 por cento do eleitorado.

Mas, apesar da subida da direita francesa, no panorama geral das eleições para o Parlamento Europeu nota-se a descida dos conservadores britânicos e dos partidos que se reclamam do cristianismo democrático ou social.

Vitória dos partidários da «Europa dos trabalhadores»? Não, por certo. Mas uma consolidação dos socialistas, uma subida comunista, uma voz conquistada pelos ecologistas que permite supor que novamente, a questão da independência — em relação aos «blocos» — da Europa poderá constituir um tema de reflexão e de discussão comunitária.

Segundo os cálculos dos observadores a maioria correspondente aos partidos do Centro e da Direira será, no Parlamento Europeu, de 224 em 434. É uma maioria escassa. E não há razão para a supor coerente. A Europa está em movimento e em crise. Só vencerá a própria crise se criar um relacionamento autónomo com o restante mundo.

«DL»

Se for verdade, se não houver um volte-face...

Dois meses depois de Braga vão rolar cabeças no PSD

Tem razão quem afirma que a vingança *«é um prâto que se come frio»*. Dois meses depois do Congresso do PSD, em Braga, a *«nomenklatura»* do partido parece estar decidida a concretizar aquilo que esteve tentada a fazer antes da reunião magna dos sociais-democratas — cortar a cabeça a Telmo Moreno e Horácio de Carvalho, respectivamente governadores civis de Bragança e Faro.

Foi sexta-feira passada que a notícia rebentou nos corredores de S. Bento — «Telmo Moreno e Horácio de Carvalho vão ao ar!», ouvia-se da boca de deputados sociais-democratas.

A parte isso, mais nada. Nem o nome do autor da *sentença*, nem do quadro (local) onde teria sido pronunciada. Nos corredores da Assembleia da Republica apenas se captavam informações sobre os aparentes motivos da sentença e sobre «uma história que não é de agora». Não impede que só isso bastasse para pôr em polvorosa dois extremos do País — Bragança e Faro. Uma vez mais, os extremos tocam-se...

«Indesejáveis»...

Telmo Moreno e Horácio de Carvalho, ambos militantes do PSD, desde há muito que tinham a *cabeça a prémio*. Eram apoiantes declarados da linha Balsemão/Mota Amaral e, por isso mesmo, considerados como *indesejáveis*.

De acordo com informações fidedignas recolhidas pelo «DL» antes do Congresso de Braga, Eugénio Nobre e Calvão da Silva tudo terão feito na altura para afastar dos seus cargos os dois opositores à linha oficial do PSD.

O facto de a Imprensa se ter referido a essa tentativa de saneamento e, simultaneamente, o desejo de Mota Pinto em não chegar ao Congresso com um ambiente demasiado explosivo, fizeram com que os propósitos aparentes de Calvão da Silva e Eugénio Nobre não se chegassem a concretizar.

Posteriormente, pensou-se que a tentativa de saneamento de pelo menos um dos dois governadores civis — o de Faro — tinha sido relegada para os confins de uma gaveta qualquer. Ilação credível, tanto mais que o presidente do PSD algarvio, José Vitorino, personalidade próxima do governador civil de Faro, tudo fazia para evitar o confronto com os actuais dirigentes do PSD. José Vitorino chegou ao ponto — lembre-se — de defender na Assembleia da República um Governo em que visivelmente já não acredita, durante a moção de confiança que o executivo ali recentemente apresentou.

Faro reage

Apesar dos esforços de José Vitorino e da forma «competente, esforçada e solidária como Horácio de Carvalho tem representado o Governo e defendido os interesses do Algarve», de acordo com o teor de um comunicado da Comissão Política Distrital do PSD/Faro ontem divulgado, o governador civil de Faro parece estar em vésperas de ser saneado.

O saneamento de Horácio de Carvalho, que não é pedido pelo PS, segundo o «DL» apurou, é desejado por aquilo a que a Comissão Política Distrital de Faro dá o nome de «grupo de pressão minoritário no PSD».

No seu comunicado a Distrital do PSD/Faro afirma que «a conduta utilizada por tais militantes é injustificada e demonstra gula pelo poder».

Mais adiante, lê-se no comunicado que «»os lugares públicos não podem estar em saldo ou em leilão para servir clientelas».

...Bragança também

No que toca ao caso de Telmo Moreno, a expectativa é grande em Bragança. Segundo um dirigente da distrital do PSD daquela cidade afirmou esta manhã ao DL, a notícia do saneameto do governador civil de Bragança «está a causar profundo mal-estar». Segundo ele, «a concretizar-se o afastamento de Telmo Moreno, medida que provará a crescente ausência de transparência e democraticidade interna dentro do Partido a direcção do PSD pode entregar o distrito ao CDS».

Na base da afirmação a «certeza» de que «muitos autarcas e militantes se afastarão de um Partido, que não sabe respeitar a capacidade e a insenção, não sabe respeitar o sentimento das populações».

Segundo a nossa fonte, que nos revelou que a Comissão Política da Distrital de Bragança vai reunir esta tarde para examinar a problemática do governador civil, a actual direcção do PSDD esta em vias, a concretizar-se o saneamento de Telmo Moreno, de transformar Bragança num «barril de pólvora».

Manuel Anta

«JUÍZES QUE ABSOLVEM PIDES! A ESTRANHA COMPOSIÇÃO DO T.M.T. DE COIMBRA»

Com este mesmo título, publicou o «Diário de Lisboa», em 21 de Fevereiro de 1977, uma notícia na qual exprimia o descontentamento pela composição e comportamento dos juízes que constituiam o Tribunal Militar Territorial de Coimbra. No início desse artigo referia-se que esses factos eram «motivo de fortes preocupações de antifascistas e personalidades democráticas desta cidade, que se têm manifestado escandalizadas com as sentenças ultimamente aplicadas aos torcionários da ex-PIDE/DGS» e chamava-se a atenção para as personalidades que compunham o Tribunal, e que, na opinião do autor do artigo, não eram as mais indicadas,pelo seu perfil político.

Entre outros, era referido o coronel João Dias dos Santos, que, considerando ofensivos os termos então empregados, processou judicialmente o «Diário de Lisboa», processo que foi mandado arquivar por despacho do juiz do 5.º Tribunal Correccional de Lisboa. Deste despacho recorreu aquele oficial, tendo sido, porém, negado provimento ao recurso por este ter sido interposto extemporaneamente, motivo pelo qual o coronel Dias dos Santos decidiu utilizar o processo cível.

Na acção cível crê-se estarem provadas todas as alegações do nosso jornal, figurando também no mesmo vários testemunhos fazendo prova de que o coronel Dias dos Santos é, e sempre foi, uma pessoa idónea e com integridade profissional e pessoal, nada havendo que ponha em causa a sua honorabilidade. Assim, e, porque este processo se arrasta há já longos anos, sem vantagem nem interesse para nenhuma das partes, o «Diário de Lisboa» declara, para lhe pôr fim, que a referência àquele oficial foi feita única e exclusivamente por virtude do exercício das suas funções naquele Tribunal, não havendo qualquer intenção de o ofender como cidadão e como militar.

O «Diário de Lisboa», no caso concreto, moveu-se na mesma linha de orientação que o havia levado a criticar duramente, por exemplo, o comportamento da Comissão de Extinção da PIDE/DGS, tendo em vista, com os diferentes artigos, alertar a opinião publica para uma situação que os autores e a sua área política lamentavam, procurando alertar o poder político e legislativo, não havendo em qualquer caso intenção de ofender pessoas, apenas mencionando nomes por virtude do exercício das suas funções.

Fica assim esclarecida a posição do «Diário de Lisboa» em relação ao coronel João Dias dos Santos.

Temporais de ontem destroem culturas de algumas regiões

As áreas de Viseu e Coimbra foram ontem à tarde, subitamente, fustigadas por fortes tempestades, chuva e queda de granizo que provocaram danos em habitações (em Coimbra) e prejuízos, ainda por calcular em toda a sua extensão, na vila de Nelas, distrito de Viseu.

Em Lisboa, Porto e Faro nada aconteceu de especial salvo a chuva que, também inopinadamente, desabou sobre a capital e periferia, mas sem causar nem alarme nem provocar prejuízos. Apesar do tempo seco que se tem feito sentir nos últimos dias em Lisboa, isso não contribuiu, como por vezes acontece, para que a precipitação inesperada entupisse as sarjetas e os algerozes rebentassem. A actividade dos BSB foi, ontem, praticamente nula, não havendo qualquer chamada relacionada com inundações em casas, apurou esta manhã o «DL».

No distrito de Viseu, e concretamente em Nelas, onde os agricultores participavam, ao fim da manhã de ontem, na inauguração da Caixa de Crédito Agrícola, a alegria de tal abertura transformou-se depressa em desânimo. Pouco passava das 14 horas quando, subitamente, o granito começou a cair na vila. Mas não só na vila: também nas povoações à sua volta. Vinte minutos bastaram para que a tempestade de granizo fizesse estragos avultados, soube esta manhã o «DL».

Em Coimbra, a forte trovoada e as chuvas que se abateram sobre a cidade provocaram também prejuízos, sobretudo em habitações. Uma delas ficou destelhada e o beiral de uma outra foi destruído por um raio, rebentando parte da sua instalação eléctrica.

Ainda em Coimbra: deflagrou um incêndio, devido a uma fuga de gás provocada pela queda de um raio, no Centro de Recrutamento, serviço que faz parte da Região Militar do Centro. Só não se registaram prejuízos mais avultados porque os bombeiros intervieram com prontidão.

Tempo melhora

Entretanto, não se prevê que voltem a verificar-se nem tempestades nem precipitação de chuva como ontem, pelo menos nos próximos dias. O «fenómeno» ficou a dever-se a uma depressão em altitude, localizada na Península Ibérica, informaram-nos do INMG. O tempo melhorará até quarta-feira, embora o céu possa aparecer algo nublado, para passar a manter-se praticamente limpo já no próximo fim-se-semana.

Óleos aumentam

Entram hoje em vigor os novos preços dos óleos alimentares com um aumento médio, relativamente à última tabela (fixada em 27 de Fevereiro) de 43 por cento. Isto significa que, em cerca de três meses, os óleos alimentares de proveniência vegetal mais consumidos pela população aumentaram de preço entre 66 e 69 escudos.

Também os sabões sofrem a partir de hoje um novo encarecimento, embora em percentagem inferior: 20,9 por cento, relativamente à tabela que estava em vigor desde 19 de Março.

Estes aumentos resultam da aplicação de uma portaria governamental, saída há uns dois meses, que fez subir generalizadamente o preço das oleaginosas e outras matérias-primas. Como consequência directa, subiram na altura os preços, nomeadamente, da margarina e do açúcar. Agora é a vez dos óleos alimentares, na percentagem de 43 por cento e dos saboes (20,9).

O óleo Fula, um dos mais populares e obtido à base de amendoim, passa de 152$50 para 219$00, o mesmo acontecendo com o óleo de girassol. Quanto ao óleo de milho, que custava 165$50, desde Março, sobre ainda mais: 69$50. Passa a custar, ao consumidor, 235$00.

Os sabões Clarim e Migo que em 19 de Março custavam 44$00 e 27$70 – as barras de 440 e 250 gramas – sobem para 53$00 e 33$50, respectivamente, as barras maiores e menores.

Levantavam cheques roubados

A Polícia Judiciária de Lisboa revelou esta manhã ter detido, na passada sexta-feira, numa agência bancária no Marquês de Pombal, em Lisboa, um advógado e uma médica que ali pretendiam levantar um cheque roubado (e falsificado) de três mil contos.

O casal é ainda acusado de dias antes, no mesmo local, ter conseguido levantar um cheque de cinco mil contos, igualmente furtado e falsificado.

Desses cinco mil contos, a PJ ainda conseguiu recuperar 3120 contos e um automóvel «Fiat», «novinho em falha», adquirido pelo casal com o dinheiro levantado

O SUPLEMENTO DAS SEGUNDAS-FEIRAS

sete ponto sete

PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

Destaque:
LAURIE
ANDERSON

A Paz depois dos Pershing

COMO na Europa, também em Portugal aconteceram, alguns meses atrás, movimentações pacifistas que podemos considerar de vulto. Coincidiam essas movimentações (festivais, conferências, festas, debates, marchas, vigílias, actividades artísticas...) com o período pré-instalação dos mísseis americanos «Pershing-II» e «Cruisse» na Europa. Hoje, vivemos já a era «Pershing-II» (avançaram mesmo para solo europeu essas máquinas de fogo) e o movimento pacifista onde está?

Tínhamos o direito de pensar que, quanto pior fosse a situação do ponto de vista dos desarmamentistas-pacifistas-colaboracionistas (como nos queiram chamar!), tanto maior era a necessidade de mobilização e tanto maior seria essa mesma mobilização. A luta agora já não seria apenas «contra a instalação», mas «pela retirada». Na verdade, todos verificamos que não é isso que de modo algum se passa. O movimento pacifista – no caso, o português – está de férias! Porquê, e que contributos trará a resposta a uma análise da composição

Porfírio Silva
Membro da Comissão Nacional da Juventude Socialista

desses movimentos (para além do primarismo de alguns que diriam, se não estivessem a respirar de alívio «foi Moscovo que mandou parar»)?

Tendências pacifistas portuguesas

Interessa a este esforço de compreensão da actual desactivação das movimentações contra o armamento nuclear. fazer uma decomposição, ainda que pouco profunda, do pacifismo português. Diremos que é possível encontrar no pacifismo nosso, três tendências fundamentais: 1 – Uma tendência desarmamentista táctica. 2 – Uma tendência desarmamentista estratégica ou pacifista táctica. 3 – Uma tendência pacifista social-alternativa.

A tendência desarmamentista táctica institui como seu principal objectivo, quer ao nível da propaganda quer ao nível do imaginário afectivo-ideológico, o combate aos novos mísseis norte-americanos. É tendencialmente hegemonizada pelos comunistas – se calhar até mais por uma certa ideia de bondade original da União Soviética do que pelos comunistas enquanto organização. Tem o seu santuário na península de Tróia e navega ao vento do Festival «Dêem uma oportunidade à Paz». Tivemos oportunidade de constatar, em algumas ocasiões de debate, que irritava especialmente muitos aderentes desta maneira de ver as coisas a recusa do questionamento da Paz apenas a partir dos «Pershing» e dos «Cruisse»: muitas vezes nos responderam que era necessário partir daí e que não fazia sentido outra coisa. Entenda-se: a partir daí seria mais difícil estarmos de acordo. Esta tendência desarmamentista táctica julgava ter vocação para ser maioritária no «pacifismo» português.

A tendência desarmamentista estratégica ou pa-

Continua na pág. 2

CRO CO DILO

MEIO mundo chorou Berlinguer, mas mais de metade desse meio mundo chorou-o com lágrimas de crocodilo. Só faltou que «Paris-Match» dedicasse um caderno a cores à sua ilha, ao seu automóvel, à educação religiosa dos seus filhos, ao seu olhar nostálgico e à sua timidez. Tal não aconteceu porque para a «Paris-Match», como para a maioria das pessoas, Berlinguer não era exactamente a princesa Carolina do Mónaco.

Berlinguer morre e a imagem que dele dá a Imprensa ocidental está preparada há meia dúzia de anos: é a de um doce aristocrata tornado, por capricho da inteligência, secretário-geral do maior partido comunista europeu. Aristocrata, ele preservava a melhor imagem do político, tanto mais que embora apaixonado pelo aggiornamento da Igreja de João XXIII, difícilmente abandonaria o seu fato de flanela cinzenta, e nunca arregaçaria senão até ao cotovelo as mangas da sua camisa branca. Secretário-geral,ele operara o suave milagre: cortara o cabo com que Moscovo rebocava os partidos irmãos e fumara o cachimbo da paz com a democracia cristã. Nacional e internacional, a dupla ruptura transformava Berlinguer numa espécie de «santo» no mercado das significações ocidentais: «compromisso histórico» e «eurocomunismo» tornavam-no aliado objectivo do poder burguês, apresentados como as duas faces da mesma moeda tolerante, ajuizada. negociadora e reformista. Derrotados e ultrapassados ambos pela emergência do poder dos partidos da Internacional Socialista no sul da Europa, Berlinguer passava a lenda viva e as suas ideias, incluindo obviamente as sucessivas condenações da intervenção soviética na Checoslováquia e no Afeganistão, e a denúncia do desenlace polaco de 13 de Dezembro, seriam postas em redoma, para poderem ser recordadas e incensadas quando necessário.

Fala-se menos das mudanças estruturais no PCI e da «real-politik» que obrigou os seus adversários no campo comunista a nunca quebrar a vontade de diálogo com ele: Berlinguer contava voltar em breve a Moscovo, apesar da Tass ter, no passado recente, classificado declarações suas de «monstruosas». E o Partido Comunista italiano abandonou profundamente a unanimidade e a rigidez hierárquica nas tomadas de decisão — e isto exactamente quando a sua

Continua na pág. 2

MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

CRO CO DILO

Continuação da pág. 1

credibilidade ultrapassava 30 por cento do eleitorado do país.

Que Berlinguer se tivesse tornado apenas numa espécie de «renegado», e tudo seria muito mais fácil de contar às juventudes dos partidos comunistas. Mas não: ele declarava que a fonte inspiradora da revolução de Outubro tinha secado, afastava-se do leninismo, promovia a renovação dos métodos de trabalho e dos modelos de organização do seu partido...e permanecia à cabeça do maior partido comunista europeu, a tal ponto que, depois da sua morte, a direcção política passa para as mãos de um seu incondicional, e que ninguém ousa prever para o próximo congresso uma mudançça significativa dos caminhos por que ele optara. Por outro lado, foi impossível até hoje ao PCUS caucionar uma qualquer cisão que repetisse, no PCI, o recente «caso Gallego» do PCE.

De facto, a incomodidade fundamental do personagem reside , a Leste como a Oeste, no facto de ele ter demonstrado a viabilidade de um modelo autónomo para muitos comunistas na Europa. «Eurocomunismo» e «compromisso histórico» são sem dúvida figuras importantes, que marcaram anos de ruptura e de alteração decisiva de estratégia. mas, face à prevalência da vontade de autonomia e à convicção de que os comunistas podem **criar** o seu próprio caminho, **inventando-o** e adaptando-se permanentemente à mudança do mundo que visam transformar, «eurocomunismo» e «compromisso histórico» são também, apenas, **circunstâncias.** E como circunstâncias, não constituem o legado principal de Berlinguer.

Mais importante será sem dúvida o facto de um dirigente comunista europeu ter demonstrado aos comunistas de todo o mundo que o marxismo e a história do movimento operário não são apenas «invocações solenes e legitimadoras» que servem sobretudo para impôr um modelo dominante de partido político e o itinerário aconselhado para a conquista do poder político.

Por isto, e independentemente das lágrimas da semana passada, nenhum dos seus adversários lhe perdoará.

João Mendes

L L L X O E S

Continuação da pág. 1

A Paz depois dos Pershing

cifista táctica seria mais facilmente designável por pacifismo ecologista e encontra o seu mais interessante representante na Associação Ecologista Portuguesa – Amigos da Terra. É claramente distinta a sua forma de estar no movimento, embora acompanhe também algumas iniciativas de tendência anterior. Recusa a ideia simplista do desarmamentismo e distingue-a do que considera o verdadeiro pacifismo. Integra o pacifismo nas temáticas tradicionais do ecologismo, procura distanciar-se igualmente das duas superpotências e elabora uma justificação global e coerente para a sua opção (o que, entre outras coisas, a distingue dos desarmamentistas tácticos). É de vocação claramente minoritária – nos aspectos quantitativos, que não nos qualitativos – no seio do pacifismo português.

A tendência pacifista social-alternativa, encontra eco especialmente em algumas franjas da área do socialismo não-comunista. Assume expressão organizativa particular na actividade da Juventude Socialista, então à margem de um PS (quase) armamentista. Opera uma ruptura clara (desde o Festival da Paz) com a tendência hegemonizada pelo mito da bondade soviética e insiste numa recusa sistemática da redução da questão da Paz à questão dos mísseis americanos em fase de pré-instalação. Dirige um ataque radical e sempre simultâneo aos Estados Unidos e à União Soviética por via da crítica aos seus sistemas imperialistas – e considera que a corrida armamentista consiste «numa exportação dos elementos mais perversos de cada um dos sistemas: o capitalismo estado-unidense,... e o comunismo soviético». (1)

Integra as lições do pacifismo nos seus esforços de estruturar uma alternativa socialista de sociedade (que seja, inclusive, uma alternativa à social-democracia, das orientações actuais da maioria dos partidos socialistas), fazendo-as funcionar quer sobre as convicções que já possuía acerca da transformação social, quer sobre a necessidade de os repensar. Assim, o pacifismo aparece como questão simultaneamente decorrente de uma concepção de socialismo alternativo e contribuinte para essa concepção. Por isso recusava liminarmente isolar, por que forma fosse, a questão dos «Pershing» e dos «Cruisse», embora tivesse posição clara contra a instalação das novas armas na Europa e contra a presença dos «SS-20» ou seu reforço (tal como hoje se opõe às novas iniciativas armamentistas dos soviéticos).

Parece-nos que haveria uma aproximação tendencial entre os dois últimos grupos referidos no seio do movimento de paz em Portugal, que em nada seria prejudicado pelo crescente separar de águas entre qualquer deles e o «pacifismo» comunista.

O sono da táctica

Os americanos não nos convenceram, os soviéticos, também não, mas a verdade é que os «pershing» estão cá e os «SS-20» igualmente. Tal e qual como estava nos planos dos «grandes». E nós, pacifistas, por cá estamos também à espera, como os mísseis. É justo perguntar: onde se escondeu o movimento pacifista em Portugal? Porque já não o vemos? Inclinamo-nos para a seguinte resposta: o movimento pacifista em Portugal caiu por carência de objecto.

Ou seja: dando a tendência desarmamentista hegemonizada pelos comunistas de si própria a ideia de tendência maioritária, e tendo-se desactivado – pelos menos na intervenção pública e por razões diversas – os pólos aglutinadores das duas outras formas de sentir a Paz, o pacifismo português viu-se na contigência de continuar a lutar contra a instalação dos já instalados «Pershing». Teve o bom-senso de se calar, e por isso dizemos que o movimento de Paz em Portugal desaparece por carência de objecto.

(Em nosso entender, para que isto assim não fosse, impunha-se o não abandono do trabalho pacifista por parte dos socialistas; a menos que as franjas armamentistas do PS tenham conquistado todo o terreno)...

Surge assim, então, a hora de fazer a verificação de alguns dos vectores do debate que travámos intensamente, nomeadamente em finais do ano transacto, no seio do movimento pacifista. E assim está relançada a questão em torno dos seus objectivos. Com mais força hoje sustentamos – como sustentámos então – que não tem saída o caminho de criticarmos as armas sem criticarmos os sistemas que lhes dão sentido e coerência (2). Mais claro todos podem ver hoje que o pacifismo não subsiste se não for radical e social-alternativo.

Apontando como objectivo central a recusa da instalação dos «Pershing-II» e dos «Cruisse», matou-se o movimento, tornando-o dependente dessas armas. As armas estão instaladas, o movimento declina: a sua força vinha-lhe do seu objecto e não de si mesmo. A paz – assim entendida – não continha em si mesma o germe da continuação do movimento. A orientação que os comuistas procuraram imprimir ao pacifismo entre nós redundou numa pesada factura para a causa da paz – a aparente senilidade precoce.

Mais claro podemos ver hoje quanto era vital para o pacifismo despi-lo dos seus condicionalismos conjunturalistas e impregná-lo das tarefas da sociedade verdadeiramente alternativa, aos níveis da comunidade nacional e da comunidade internacional. Torna-se hoje mais fácil perceber que o pacifismo, não se relacionando com a investigação ideológica e ética da transformação social, se condenava a si próprio à esterilidade. Quase conseguiu isso o pseudo-pacifismo comunista, que hoje dorme o sono táctico.

Assim, quase se deu a vitória aos «Pershing». Mas isso ainda não aconteceu.

O empate «Pershing-Paz

Os «Pershing» estão cá, mas ainda não obtiveram a vitória. Não obtiveram a vitória fatal que consistiria em nos persuadirem (3). Mas, graças à debilidade do pacifismo (à portuguesa, nomeadamente), que acima procurámos mostrar, e não por obra dos ideólogos armamentistas ou das sociedades – sistemas que escolheram para símbolo a tecnologia da força. Na verdade, os desarmamentistas não tinham alternativa, mas os armamentistas nem a têm nem o são. As sociedades ocidental e de leste encontram-se no mesmo patamar que as sementes do alternativo, mas isso é apenas o conjuntural. Esse encontro tem, para cada uma das partes, razões diversas: significa apenas o ponto de intersecção da linha decadente das sociedades dominadas com a linha nascente da alternativa radical de que o pacifismo e vector.

Não temoos o prazer das sociedades que somos.

Alguns estudos antropológicos pretendem ter mostrado que algumas sociedades que – para nossa justificação – convencionámos chamar primitivas, fazem a guerra como exercício da sua própria identidade, ou seja, na guerra há a vantagem de existir inimigo. Inimigo «de nós», pelo qual nos afirmamos e nos melhor descobrimos. O «outro» é condição do «nós» e o exercício do outro – a guerra – é instrumento do exercício de nós próprios (4).

Também nós, por isso, toleramos ainda a ideia da guerra, e é nesse sentido que somos ainda pró-americanos e/ou pró-soviéticos. Porque, se não temos o prazer das sociedades que somos (ou seja: não alcançamos o prazer da identidade autónoma e actuante), procuramos ao menos a identidade-antioutro. E aí nasce todo o discurso da agressividade internacional, do Ocidente contra o Leste e do Leste contra o Ocidente. De nada vale já, a uns a propriedade privada e a outros o marxismo-leninismo.

A fraqueza das nossas sociedades (a que alguns chamam crise, como quem crê que se trata somente de um interregno do prazer, esse sim fundamental) requere a guerra. daí que a vitória do pacifismo não se alcance senão pela capacidade que possa ter para ultrapassar essa fraqueza – método a que chamámos ser alternativa. Até lá, o movimento da paz não deixará de ser um percurso em círculo, não sabendo encontrar caminho para si muito longe de si mesmo – coisa que «a crise» suporta muito bem, como se vê.

Mas, então, nada está ainda dito sobre a Paz. Sobre aquela Paz de que o nosso pacifismo ainda não viu o rosto.

NOTAS:

(1) in «Declaração para a Paz», divulgada pela JS em Junho/83.

(2) «Uma acção verdadeiramente pacifista não centra os seus esforços apenas no botão que pode accionar a guerra; o que é preciso é desactivar o dedo que se prepara para carregar no botão».
(Perfírio Silva, «A JS, os Comunistas e o Pacifismo» "Diário de Lisboa" de 25.Nov.83)

(3) À l'Ouest le pacifisme a perdu une bataille, mais le consensus stratégique n'a pas gagné la guerre». (Pierre Hassner, «De la rhétorique à la politique: petit catéchisme pacifique antitotalitaire et européen», in «Intervention», n.° 8, Março-Abril/1984)

(4) Ver Pierre Clastres, «Guerra, Religião e Poder» (Edições 70) e confrontar (num percurso menos ortodoxo para este ponto da discussão) José Fernandes Fafe, «Reflexões sobre a crise da Identidade Nacional» («Prelo», n.° 2, Janeiro-Março/84).

DESTAQUES

LAURIE ANDERSON

«Boa noite, fala o comandante. Vamos ter um desastre ao aterrar. Por favor apaguem os cigarros. Levantem as vossas mesas e tramquem-nas na sua posição. É o comandante que vos diz: descansem a cabeça nos joelhos... Emergência: é este o momento. E esta é a gravação desse momento».

Salvo uma ou outra passagem na rádio, uma ou outra aparição nas mãos de um jockey nocturno, Laurie Anderson não é conhecida em Portugal. A sua música parece saída da Factory de Andy Warhol: voz, efeitos de voz, repetições, violino, palmas. Há iminências de desastre nos seus textos, para além do de avião: «Sinto-me num edifício em chamas, e por isso tenho de ir embora».

O que Laurie Anderson tem de novo é o seguinte: o desamparo já não faz líricos. A sua perplexidade é a fria perplexidade da «Pop», o seu rancor é a lucidez de Fassbinder. A sua geração já não faz estrada. As suas queixas são discursos descritivos. Os seus contos morais são enumerações de atitudes e de acontecimentos: Séries de atitudes, séries de acontecimentos. O drama só existe dissolvido no quotidiano. É rápido de mais para ser memorizado, não chega a ter tempo para se exprimir como tal.

O álbum chama-se «Big Science». Foi gravado e impresso em Nova Iorque. Todos os textos e músicas são dela.

Ela gostaria de falar com alguém, espera uma chamada telefónica: «Oh Superman, oh juiz, oh mãe e pai... Olá! De momento não estou em casa, mas se quiserem deixar-me uma mensagem comecem a falar quando ouvirem o sinal. (...)

«Está? Sou a tua mãe. Está lá? Contas voltar para casa? Está? Não há ninguém em casa? Bom, tu não me conheces, mas conheço-te eu»...

São familiares e ao mesmo tempo feridas de profunda estranheza, as vozes e personagens de «Big Science»:

«Exemplos de vozes paranormais na gravação. Que são vozes paranormais na gravação? São vozes de origem desconhecida. O vosso som. Ora percebo as línguas, ora não as percebo. Só oiço o vosso som».

Quanto mais familiares, mais estranhas: o quotidiano **normal** transborda de desconhecido.

«Consigo ver o futuro e o seu lugar — é num sítio a 70 milhas daqui, onde há mais luz».

Todos os ritmos de Laurie Anderson são muito apoiados e repetitivos, como em musicoterapia. Dir-se-ia, por vezes, que são melodias para ajudar a ensinar a tabuada, para levar um autista a bater palmas ou para celebrar, com crianças, um aniversário onde ninguém sorrisse. A voz e o violino são os seus instrumentos dilectos. Mas não faz solos a não ser para marcar qualquer vazia solenidade.

Tudo se passa como se o que estivesse em causa fosse a possibilidade de transmitir alertas e anúncios de desgraça, ou de liberdade, embora já ninguém os queira ouvir. Como se nos zangássemos sem nunca erguer a voz, ou não quiséssemos testemunhar uma paixão senão falando sempre de outra coisa, mudando sempre de assunto.

Flagrante delito? Antes flagrante delírio: Laurie Anderson e a sua música estão um para o outro como o psiquiatra e o «seu» louco: enleados, distraídos, produzindo sentido que, ocasionalmente, se transforma em comunicação. Por detrás da sua música há uma luz crua e um metrónomo, no centro de um cenário cosmopolita e indiferente. As ruas são atravessadas por maus filhos, crianças terríveis que não têm medo dos seus pesadelos, não gritam por terem sido abandonados e no entanto gostam de falar como outrem, interpelam transeuntes que se assustam só de os ver.

Esta música pode também dançar-se. Experimente fazê-lo em casa, sozinho, diante de um espelho de corpo inteiro. Deixe-se levar por ela até sentir vontade de telefonar a amigos... para a dançar com eles.

Clip

● Após oito anos de vida, e 10 discos, entre LPs e singles, os Trovante apostam forte neste início de Verão de 1984. Na quarta e quinta-feira próximas, a partir das 22 horas, eles tocam (a sós) no Coliseu dos Recreios de Lisboa. Músicas do seu novo L.P. «84» prometem ser o prato forte dos concertos, para os quais estão já anunciadas algumas surpresas. O preço dos bilhetes varia entre os 400 e os 600 escudos e quase que lhe garantimos que não dará o dinheiro por mal empregue. Se esteve o ano passado na Aula Magna da Reitoria, sabe-o tão bem como nós, se não esteve não perca outra oportunidade de ouvir e ver os Trovante ao vivo. Quinta-feira, a música não acontece só no Coliseu. Ás 16 horas, no Museu de Arte Moderna tem lugar um concerto de Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, dirigido por Jorge Peixinho.

● Se a nossa primeira sugestão para 4.ª feira não o convenceu, agarre-se à que se segue: às 22 e 15, na RTP-1, o filme do Cinema Lumiar dá pelo nome de «Esplendor na Relva» e tem a realizá-lo Elia Kazan. A interpretação está a cargo de Natalie Wood e Warren Beaty. Um filme que, melhor do que ninguém, nos confirma que existem pedaços de nós irremediavelmente perdidos no (pelo tempo). Também na quarta-feira, desta vez na Cinemateca duas das grandes «fitas» de Hitchcock. Às 21 e 30, «Os Trinta e Nove Degraus» e «A Desaparecida». Os filmes são passados de novo na sexta-feira, pelas 18 e 30. No AR.CO prossegue o ciclo de cinema soviético, com dois filmes de Mikhail Room: «Lenine em Outubro» e «Lenine em 1918». Na quinta-feira, às 21 e 45.

● Amanhã, na Nova Opinião, o fim da tarde é dedicado a «Conversar Lisboa». Entre os animadores previstos contam-se os arquitectos Nuno Teotónio Pereira, José Manuel Fernandes e o historiador José Sarmento de Matos.

● Tem ainda uma semana para passar pela Gulbenkian e apreciar «A Arte do Século XX num Museu Holandês». O museu em causa é o de Eidhoven e a exposição que encerra no próximo domingo é, sem dúvida, o acontecimento do ano neste âmbito. Se gosta de carruagens, então vá até Vila Viçosa, onde, nas cocheiras do Paço Ducal, pode ver 70 veículos dos séculos XVIII, XIX e XX.

● Boa-Noite Lua Nova, o espectáculo de Clara Pinto Correia e Rosa Simões, que esteve em cena no Café-Teatro da Comuna, mudou-se para o Ocarina, no Bairro Alto. Mais um pretexto para visitar o restaurante?

A nossa esi

ONDE paira a Lisboa ribeirinha, do Terreiro do Paço a Belém, atarefada na sua faina marítima? «*...Toda a vida marítima! Tudo na vida marítima/ Insinua-se no meu sangue essa sedução fina/ E cismo indeterminadamente as viagens*» (Ode Marítima). Ou o fascínio do cais que Álvaro de Campos sentia. Do imenso cais para onde a cidade se debruça. Paquetes que entram e saem, gente que chega e parte. Itinerários que se cumprem, comandantes de navios, vagamente parentes dos personagens de Joseph Konrad ou de Jack London, cheios de mundo e de histórias de mares. O movimento dos rebocadores, o ruído dos guindastes, as vozes dos estivadores — tudo isso, Ritual que impressiona.

Onde paira a «*alma eterna*» dos navegadores? Navegamos muito menos e a poesia parece ter abandonado o cais. «*Já não é bonita nem acolhedora a zona ribeirinha. As gares tornaram-se gélidas naquele enorme abandono e vendem produtos esteriotipados, imitações de artesanato, que alguns turistas de cruzeiro compram*». Diz um funcionário da Gardland, uma das várias agências de navegação que se implantaram, no Cais do Sodré, no século passado.

Que fazem? Para que servem? Eis a resposta: «*Angariamos cargas e prestamos assistência aos navios. Ir aos barcos, ainda que seja numa visita rápida, é sempre interessante. Estabelece-se uma intimidade quase súbita entre o marinheiro que desembarca e o agente da sua companhia que o espera dos portos. Nós fazemos o que se chama libertar o navio. Somos uma espécie de ponte com a terra*».

Fim de tarde no American Bar. Abstraídos do bulício do Cais do Sodré, «*sheep chandlers*» conversam sobre importações e exportações, cargas que passam pelo terminal de contentores, fretes que agarraram ou perderam em proveito da concorrência. Isto sob uma luz difusa e num ambiente que lembra o dos *pubes* ingleses. «*Esta casa vive de uma clientela muito especial, normalmente ligada ao ramo marítimo. Muitos negócios são tratados aqui ou pelo menos discutidos aqui. Quanto à sua concretização já não sei nada... Pelo que os clientes me dizem o negócio não corre mal, embora esteja sujeito a altos e baixos*» (João, empregado do American Bar).

Opulência

Quinze anos naquele posto facultam-lhe um certo conhecimento do universo das agências de navegação. Contudo, como convem a um *barman* inserido num meio fechado e restrito, comporta-se de uma forma reservada. Desenvolvem-se, mais do que a simples fruição da convivência, autênticas, operações de «espionagem». Pagam-se copos na esperança de que com o calor do álcool algum colega de outra agência se descaia. Há, no entanto, que manter o segredo bem guardado não vá o diabo tecê-las...

No *British*, não obstante uma maior miscelânia de gente, sucede o mesmo. É outro bar onde se pratica a coscuvilhice marítima, tal como no *English*, que, entretanto, desapareceu como muitas outras coisas relacionadas com a vida do mar e que imprimiam ao Cais do Sodré características muito peculiares. Restam ainda, uma ou outra loja de apetrechos de marinharia, o quarteirão do sexo pago, as agências... e pouco mais.

Onde paira a Ribeira Nova descrita por José Sousa Gomes num livro publicado, em 1937 pelos «*Amigos de Lisboa*»? Quem nos dá notícias dos fragateiros, dos transportadores de carvão, dos carroceiros... e das varinas de Almada Negreiros com pernas grossas e ancas a menear? «*Para além da doca, por toda a muralha se avistam barcos, traineiras, vapores, de um lado a paisagem ribeirinha, que é um encanto, do outro lado a confusão inestética das instalações mercantis para descarga do peixe, armazéns de lota, mercados, linhas férreas, vagões, hangares...*»

Lisboa ribeirinha era, efectivamente, um festival de cor. Colorido em desmesura, sobretudo junto ao Tejo que se abre defronte. Todas as cores da paleta se viam nas fragatas, nos vestuários das varinas, nas frutas do mercado abastecedor. O verde e o castanho da terra, o amarelo pálido, o violeta das ametistas, o vermelho sangue-de-boi, o ocre do açafrão — ou o arco-íris completo. E ei-la, agora, bastante mais monótona, a fugir para a uniformidade, insistindo talvez, em demasia, no laranja. Não são laranjas ou autocarros e os cacilheiros?

Onde paira a Lisboa narrada por Tirso de Molina na peça «*O Sedutor de Sevilha?*» Foi ele que me levou a conjecturar a cidade dos tempos remotos, conjecturas que a desenham deslumbrante e rica. «*...O Tejo antes de perder o seu curso e o belo nome forma entre duas serras um porto onde estão barcos, naus e caravelas de todo o mundo. Há tantas caravelas e setias no porto de Lisboa que, visto de terra, mais parece uma cidade em que Neptuno seja rei...*»

Para além dos sinais evidentes de grandeza o que fascinou o escritor espanhol foi uma certa feição oriental que Lisboa exibia. Algo de exótico que encantava quem vinha de outras cidades com aspecto mais austero, mais monástico. «*O mais espantoso é que todas as tardes chegam às suas margens mil barcos carregados das mais diversas mercadorias... Mas para que me canso? É como querer contar as estrelas, narrar-te as maravilhas de cidade tão opulenta.*»

Na Rua dos Bacalhoeiros ainda se respira um pouco desse oriental ar, ainda se sente o cheiro das especiarias. Bem sei que os condimentos da Índia já não abundam, não se encontram a granel como outrora, mas um perceptível odor a pimentão, a tripas secas, a salmoira proveniente das casas de víveres, na maioria centenárias que persistem (teimosas) na venda de tais produtos.

Adiante, na Rua do Arsenal, existem ainda as mercearias de peixe seco. Ainda... mas nota-se já a tendência para serem substituídas por minimercados e «snacks» destituídos de carácter.

«*Todos os marinheiros invisíveis a bordo dos navios no horizonte / Todos os marinheiros visíveis no tempo dos velhos navios / Da época lenta e veleira das navegações peregrinas. Da época de madeira e lona das viagens que duravam meses*» (Álvaro de Campos). Nos últimos vinte anos deu-se um decréscimo do movimento de navios de passageiros no porto de Lisboa. E os que vêm navegam em regime de cruzeiro. Muitos de nacionalidade soviética visto que são os que oferecem preços mais tentadores. Mas na altura em que João da Fonseca Dinis entrou para a Gardland, em 1927, verificava-se um corropio de barcos na barra. Eram os navios holandeses que faziam serviço para a Indonésia, eram os ingleses da *Booth Line* com destino ao Brasil e Argentina e que recolhiam, em Lisboa, emigrante à busca de fortuna naquelas terras.

Esplendor

Anos vinte — a loucura das viagens. «*Eu sabia de cor o nome dos navios. Nessa altura atendíamos os passageiros numas instalações muito primitivas pois que as gares de Alcântara e do Cais da Rocha só foram construídas nos anos quarenta. Testemunham o esplendor marítimo desse período os cartazes de propaganda que as companhias de navegação costumavam editar. Como um relativo ao «Hilary» que anunciava, num arranjo gráfico realista, «óptimas acomodações». Exemplar lindíssimo que vai figurar numa exposição, organizada pela Junta de Emigração.*

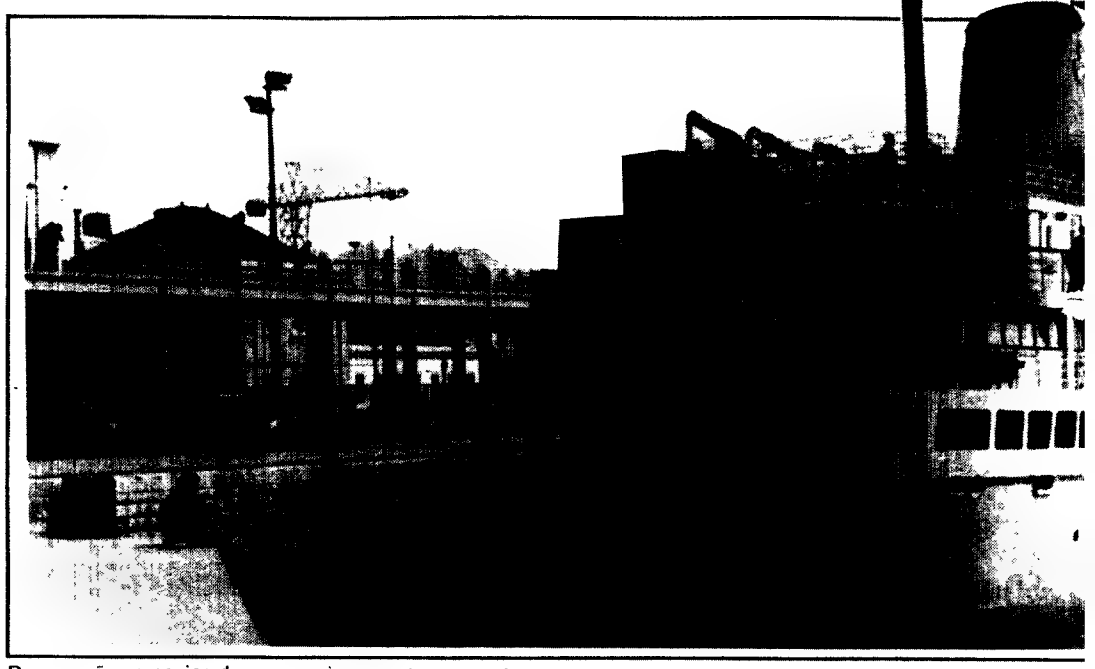
Mas o «Hilary» não era um navio qualquer. Era um monumento de guerra. «*Ao que consta teve um papel importante no desembarque da Normandia. Nele esteve alojado um dos núcleos do comando que dirigiu as operações*». João da Fonseca Dinis pesquisa, na memória, factos, episódios, rostos, parcelas da sua vivência nos primeiros meses do início da guerra. «*Lembro-me da discussão que tive com um tipo que fora presidente do Chile. Era um homenzinho baixo, com um olhar bovino e extremamente antipático. Estava hospedado no hotel Aviz e queria, à viva força, que o reembolsássemos do dinheiro da passagem que tinha comprado em França. Ora, os franceses não deixavam sair o dinheiro... e se ele viera parar a Lisboa era por culpa da guerra.*»

Chama à conversa o acidente ocorrido, em 1957, com o navio «Hildebrand», propriedade da Booth Line, nos rochedos do Guincho. «*Encalhou, em Oitavos, devido ao nevoeiro intenso que fazia. O comandante era o senhor T.E. Williams... Vinha de Liverpool com passageiros e, após uma escala, em Lisboa seguia para a Madeira, Barbados e Trinidad. Perdeu-se mas não se registaram desastres pessoais.*»

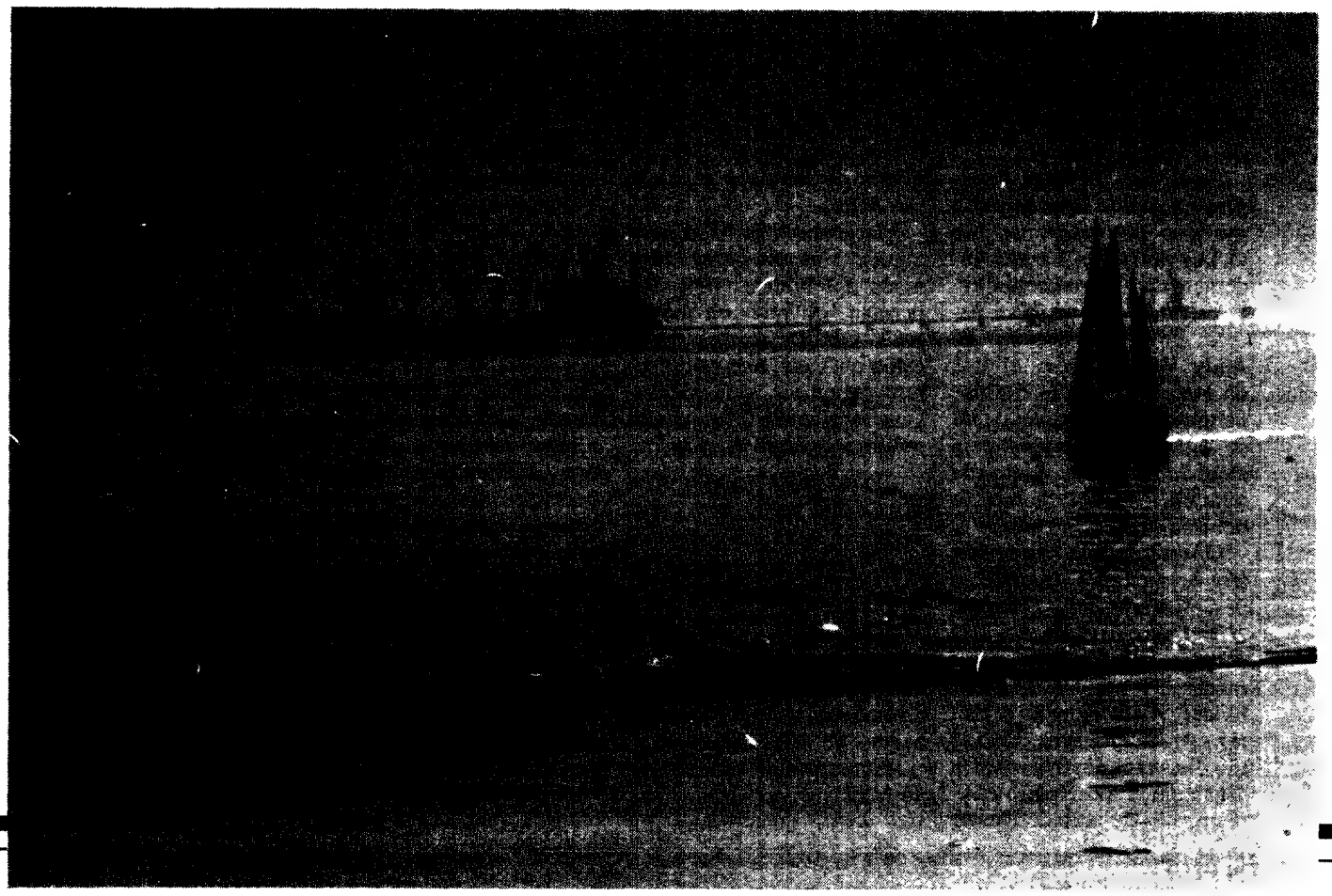
Evoquemos com orgulho (agora) a Gesta dos Descobrimentos. A *Sala do Risco* onde se traçavam os planos de saída das caravelas, esse navio maneirinho e levíssimo, como casca de noz, que inventámos e sem o qual talvez não fosse possível alcançarmos a glória marítima que nos cobriu durante séculos. «*...Portugueses atirados de Sagres / Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar o impossível / Homens que ergueram padrões, deste nomes a cabos / Que trouxeste oiro, missangas, madeiras cheirosas, setas...*» (Álvaro de Campos).

A Casa das Índias, o entreposto comercial, ou a nossa vocação aventureira não totalmente desprovida de interesse mercantil. Foi este o objectivo, mais do que a dilatação da fé, que nos lançou pelos mares dentro. Aquilo que no fundo o cognome de D. Manuel I «*Rei de Portugal e dos Algarves, senhor do Comércio e da Navegação*» resume. Se a índole portuguesa está, em parte, traduzida nos Painéis de S. Vicente, essas maravilhosas pinturas, Portugal inteiro acha-se entre a Casa dos Bicos e o Cais do Sodré. Ali deve ser procurada a nossa essencialidade...

Detem-nos no período doentio — o da guerra colonial — com alguma vergonha. Esperemos que o tempo, a chuva e o sol, se encarregue de limpar as nódoas que mancham o empedrado do cais. Com a mensagem do *Cais* já desvanecida, «*...Ah, todo o cais é uma saudade de pedra*!...», assistimos ao luto e à tristeza. Esta premonição de Álvaro de Campos cumpriu-se nos anos sessenta. Saudade de pedra, com efeito — de pedra tumular. Presenciámos o desgosto de um Portugal que chorava os seus mortos e mutilados, que via a juventude partir, sem vontade, para missões guerreiras.



Poucos são os navios de passageiros que tocam as águas do porto de Lisboa



Fotos Adelino Gonçalves

trada larga

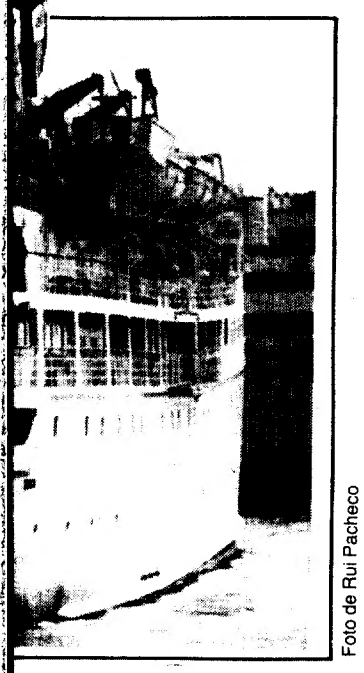


Foto de Rui Pacheco

Acabou-se o pesadelo. Esfalfadas as gentes e os navios inaugurámos uma nova era, agitada de emoções, onde o frémito revolucionário se imiscuiu por algum tempo...

Onde paira, agora, a nossa vocação marítima? O comércio? «*E a grande cidade agora cheia de sol/E a hora real e nua como um cais já sem navios...*» (Álvaro de Campos). Temos

Lourdes Féria

navios, de facto, mas que foram envelhecendo. Uma Marinha Mercante decadente, uma frota marítima que pede renovação. Urge, portanto, que sejam tomadas medidas revificadoras para que o nosso destino marítimo se cumpra e se prolongue. «*Mais de 90% do comércio externo português é feito por mar, todavia apenas cerca de seis por cento está a ser feito por navios nacionais.*» (Ruben Rolo, da Federação dos Sindicatos do Mar). Têm sido feitos estudos sobre o sector da Marinha Mercante com vista à indetificar as causas que provocaram o seu desprestígio, incluindo neles propostas viáveis de desenvolvimento. «*Sucede que há mais navios do que cargas num negócio como o da Marinha Mercante que é de capital intensivo...*» As culpas, segundo Ruben Rolo, devem ser atribuídas aos governos, especialmente da AD, que deixaram degradar o sector em questão. O nome de Silva Domingues surge aqui, no papel de coveiro. Um dos culpados do estado a que a Marinha Mercante chegou. «*Temos uma frota desactualizada com uma idade média de vinte anos... o que é demasiado para um navio. Entre 65 e 75, o comércio marítimo mundial cresceu perto de seis por cento ao ano e de 75 a 82 o ritmo diminui para um por cento, segundo dados da OCDE. Embora o comércio mundial tenha tendência para crescer a recessão acontece mais no campo do transporte de petróleo.*»

Concorrência

A partir da subida ao poder dos governos AD foram vendidos, amarrados e perdidos 38 navios, num total de 611 mil toneladas de porte, o que significa, no âmbito laboral, o afastamento de 1539 trabalhadores. No entanto, nada se fez para equilibrar esse desaparecimento de barcos. «*Contra os 38 abatidos foram adquiridos apenas sete, cinco dos quais em segunda mão e com uma idade já avançada*». Como é óbvio uma frota, nestas condições, carece de possibilidades de concorrência.

Que safa? Que solução? Com uma frota obsoleta e sem hipóteses de comprar navios novos, por força da actual política de crédito, vamos recorrendo ao afretamento, o que sai também assustadoramente dispendioso. «*...Só os afretamentos a tempo custarão ao País mais de 15 mil contos por dia. Há ainda a registar que a balança de fretes deu cerca de 100 milhões de contos de prejuízo entre 76 e 81*». Por outro lado, queixam-se os trabalhadores da Marinha Mercante de que os seus salários são dos mais baixos da Europa...

Em Julho de 1983, tínhamos uma frota constituída por 83 navios com uma capacidade ligeiramente superior aos dois milhões de metros cúbicos; havia 18 armadores, dez deles somente com um navio. Entre os restantes oito incluem-se três empresas públicas: a Companhia Nacional de Navegação, a Companhia Transportadora Marítima e a Soponata que representam 70% do total de navios. Todos eles registam, nos seus livros, avultados prejuízos. «*Na altura da sua nacionalização fez-se um diagnóstico e apresentaram-se medidas que visavam o seu equilíbrio económico-financeiro. Ainda houve despachos governamentais nesse sentido... mas tudo ficou no papel.*»

Durante a campanha eleitoral da AD, em 1980, anunciaram-se medidas de apoio à renovação da frota, só que não correspondiam a nenhuma vontade política. Eram mera propaganda eleitoral. «*colocam-se nas empresas gestores, de acordo com os jogos políticos e partidários. Gente que ignora, por completo, os problemas do sector e que se limita a fazer disparates atrás uns dos outros.*» Ruben Rolo refere ainda a asfixia, que classifica de «*deliberada*» da CTM, empresa com um serviço regular para as Ilhas e linhas regulares no tráfego internacional.

Diz *deliberada* porque os tais gestores «políticos» beneficiaram nitidamente os afretadores, sem navios próprios, que funcionam no nosso país como testas-de-ferro de patrões estrangeiros. Autorizaram a compra de empresas privadas pelos armadores estrangeiros, caso de *Dreyfus* que, neste momento, é dona da Continental de Navegaçãoe da Scheder que detém a Vieira e Silveira. «*As empresas estrangeiras têm vindo a montar as suas agências porque isto tornou-se, para elas, uma mina... Por exemplo, a Dreyfus concorreu ao transporte de carvão (da Grã-Bretanha e Canadá) para Portugal e ganhou. Ora, prevê-se uma compra de carvão na ordem dos quatro milhões de toneladas... a maior fatia do bolo vai para as empresas estrangeiras...*»

Mas não podiam só concorrer companhias portuguesas?

— *Com certeza... mas a verdade é que a Dreyfus pediu á Companhia Nacional de Navegação para apresentar uma proposta em nome. Teoricamente disputaram o concurso só companhias portuguesas...*» Outras causas, outros erros propositados ou não, são enumerados por Ruben Rolo. Eis alguns, de palmatória: reparam-se navios através de empreiteiros em prejuízo dum departamento técnico oficial, abastecem-se em fornecedores que vendem mais caro do que os supermercados... e ninguém foi capaz de deitar a mão ao parque de contentores, a fim de emendar a sua gestão, que teve prejuízos de 350 mil contos no ano de 1981.

E acrescente-se ao panorama lastimoso o que se anda a fazer com o navio Funchal. Enquanto as empresas privadas nacionais e estrangeiras, á custa dele, auferem lucros, a CTM vê-se a braços com prejuízos cada vez maiores. E o mais grave... bem, Rubem Rolo que o diga:

«*Já não basta a entrega do nosso comércio, (o transporte), aos armadoes estrangeiros, através de afretamentos, do abate de navios, da perda de tráfegos, ainda se admitíu a hipótese de cá se instalarem as aludidas empresas e juntarem ás suas tripulações, coreanas e filipinas, as portuguesas. Ou seja: ainda se lhes fornecia mão-de-obra barata.*»

Incompetência

Porque luta a Federação dos Sindicatos da Marinha Mercante? Entre outras coisas pela conquista de 40% de transportes para os navios nacionais contra os seis hoje praticados. O que exigia um arejamento do sector empresarial do Estado e o apetrechamento da frota. «*Mas com o PS no Governo, há quase um ano, continuam os mesmos conselhos de gerência postos pela AD... os mesmos incompetentes e corruptos.*»

No quadro de dificuldades, com que se debate a Marinha Mercante, há que assinalar as mazelas que a ela se colaram já no tempo do salazarismo. Houve uma partilha de poder com os países industrializados, em que lhes foi oferecido o transporte para as colónias e Portugal; e a nós cabíamo-nos apenas as colónias nessa desigual divisão. Daí que, Ruben Rolo garanta não termos quadros técnicos com possibilidades de competir a nível internacional. Com aquilo a que se chama um conhecimento de *Shipping* suficiente...

Enfim! A nossa Marinha Mercante está praticamente nas «lonas». Petroleiros desadaptados, granaleiros idem... e com um único navio de passageiros a operar que é o Funchal. «*Podíamos ter mais navios em exploração turística. Aliás um dos anos de maior movimento no porto de Lisboa, quanto a passageiros, foi 1968. Os números apontam para 423 207. É bastante se compararmos com o ano de 1981 em que desembarcaram no porto de Lisboa 2601, havendo contudo um movimento de trânsito de 73 093. Nesta altura o tráfego de passageiros atinge o nível do tempo da guerra.*

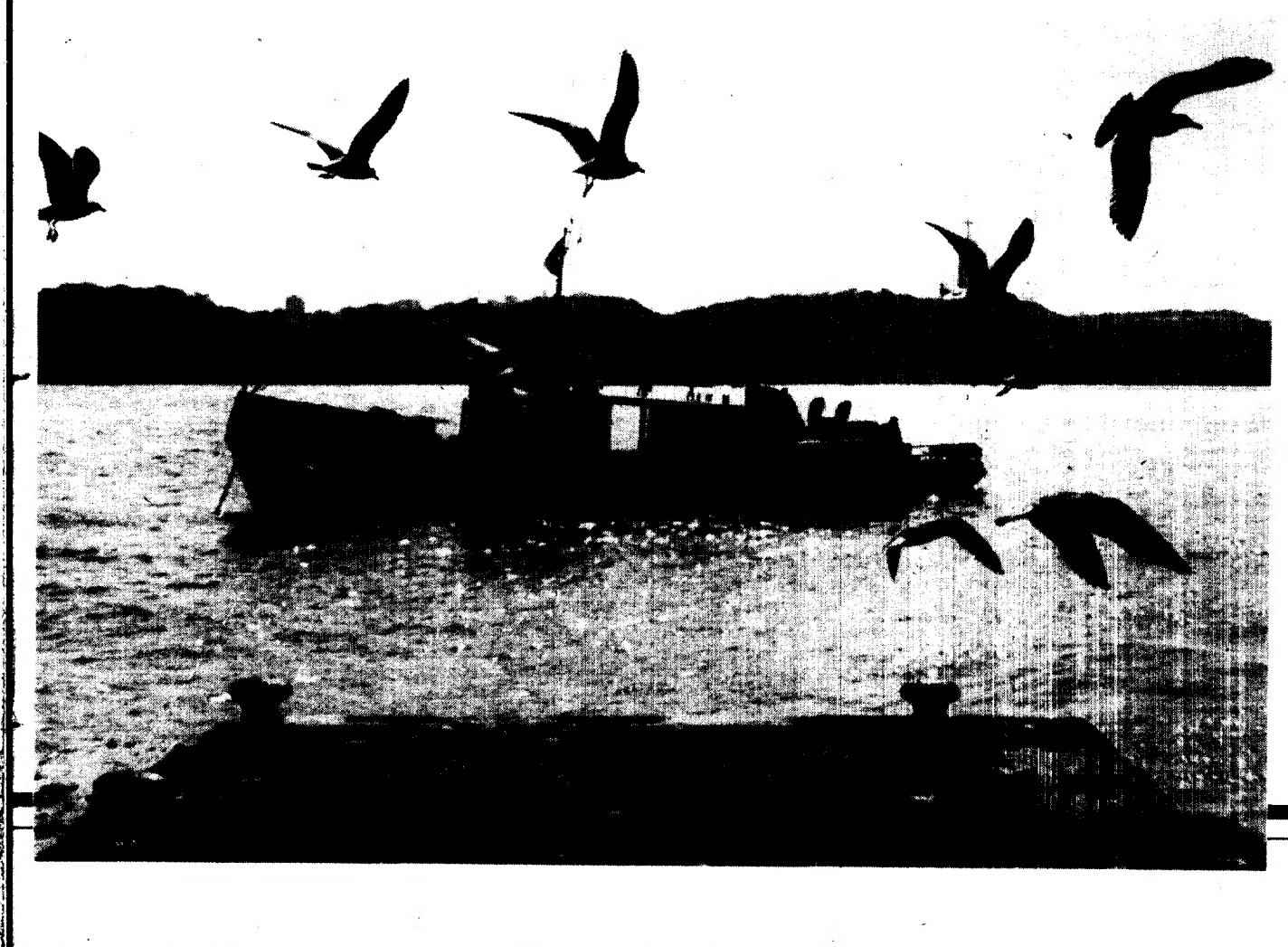
Mais um pormenor a ter em conta nesta *miséria* de frota que temos. Trata-se do vector militar. A projecção de uma força militar fora do meio terreste exige hoje um numeroso e diversificado trem naval de suporte. Se, por acaso, tivéssemos que enfrentar uma guerra, como seria? «*Seriam necessários três paquetes, no mínimo, para apoio logístico, quatro ou cinco porta contentores, oito a dez navios-tanques alguns deles com capacidade para reabastecimento de outros no mar, rebocadores, arrastões de pesca, petroleiros, etc...*» Isto, aliás, consta de um memorando do Estado-Maior da Armada. Recapitulando: falámos da nossa vocação marítima, actualmente frustrada, da desanimação da Ribeira Nova a gares, do porto de Lisboa que começa em Vila Franca de Xira e termina em S. José de Ribamar, a seguir á Torre de Belém. Finalmente impõem-se algumas considerações sobe o rio Tejo — a janela da cidade. Mas, antes, há que informar os leitores sobre o tráfego do porto de Lisboa, numa curva acentuadamente baixa. O total de carga transportada por via marítima, em 1982, foi de 12,94 milhões de toneladas, ou seja, menos quatro por cento do que no ano anterior. No respeitante ao tráfego de importação e exportação, de acordo com as estatísticas, registam-se menos 6,1 pro cento.

Em termos de navios, podemos revelar que acostaram no porto de Lisboa, ao longo do último ano, 5247. Desses navios,a apenas 1895 traziam a bandeira nacional hasteada, o que traduz um decréscimo de 448 unidades em relação ao ano passado. quanto ao tráfego de passageiros, a sua evolução continua quase exclusivamente determinada pelas carreiras fluviais entre as margens do Tejo. Porque na navegação marítima a situação não é para júbilos: menos 18 823 passageiros em trânsito ou excursionistas. Perante dados tão pessimistas deduz-se que temos de nos lançar, com urgência, na reorganização do trabalho portuário e pensar, muito seriamente, na melhoria da prestação de serviços do velho porto de Lisboa.

E mais: no nosso País pagam-se taxas portuárias altíssimas.Um balúrdio de dinheiro para acostar umas horas nos portos portugueses. Quem lucra são os portos espanhóis visto que os navios estrangeiros cavam, a toda a mecha, para lá. Já agora só mais uma recriminação: não há direito que a beira-rio, esse espaço magnífico, continue tão mal aproveitado. Temos a sorte, os deuses concederam-nos o privilégio de possuirmos um rio assim, e nós não o usufruímos. Onde pairam as esplanadas, os ajardinamentos prometidos? Libertem de impecilhos a vista do Tejo. Restituam-nos o rio... ao menos o rio.

Lisboa reivindica-o.

Nós, portugueses, como afirma o *poeta*, na Ode Marítima, não resistimos «*ao chamamento confuso das águas*». Está-nos no sangue. ■



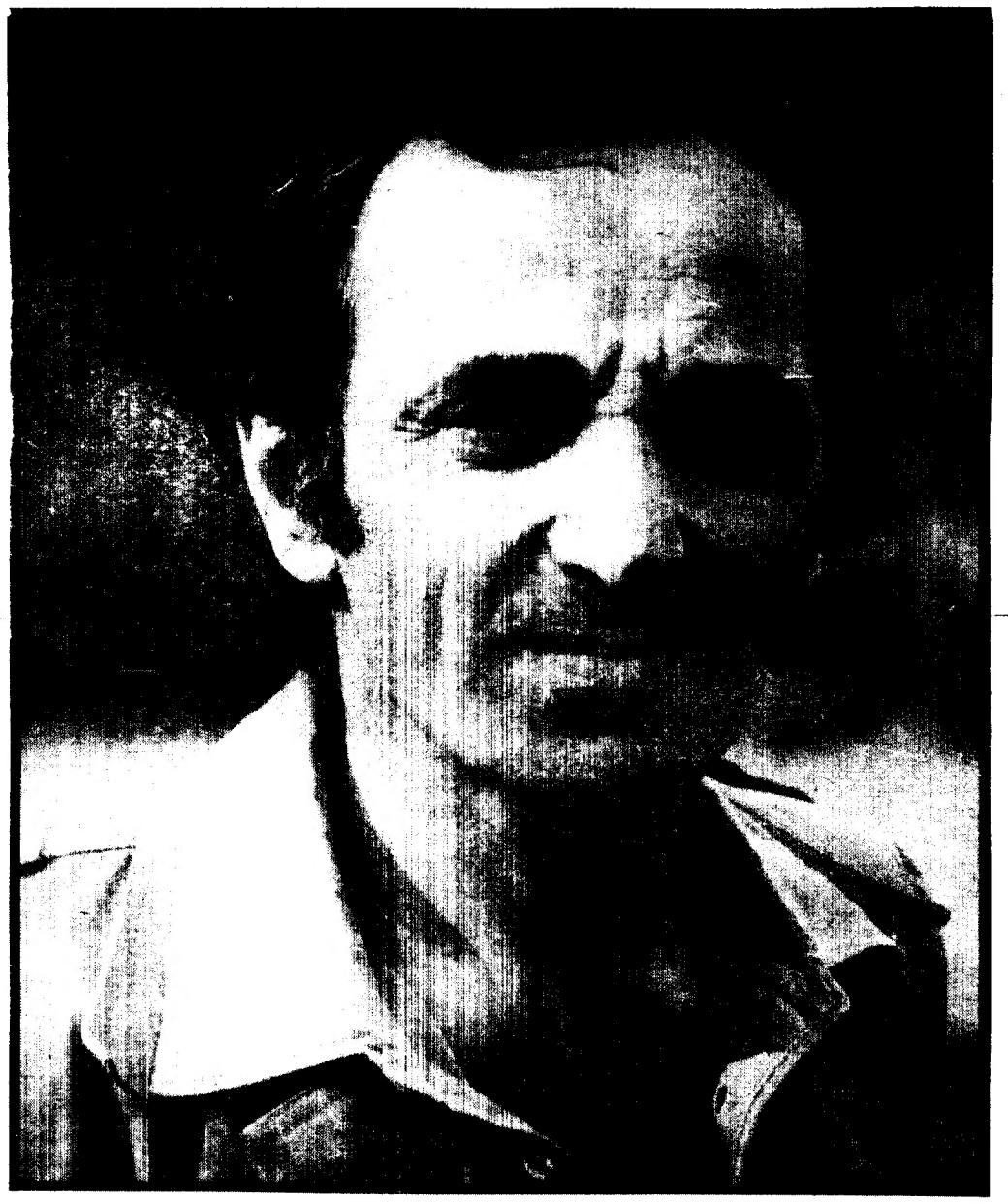
As fotos de Adelino Gonçalves

Duas das fotos que ilustram este artigo são da autoria de Adelino Gonçalves, um jovem amador da Beira-Baixa que está a destacar-se como fotógrafo em colaborações dispersas por diversos órgãos de Informação e que, ainda recentemente, ganhou o primeiro prémio de ilustração do suplemento «Jovem» do «Diário de Notícias».

Adelino Gonçalves tem 24 anos de idade, naseeu numa pequena aldeia beirã, Bogas de Meio (freguesia de Bogas de Cima-Fundão) e viveu a sua infância em S. Tomé e Príncipe. É um autodidacta da fotografia — sua verdadeira paixão — que tem praticado em paralelo com a profissão de ajudante de farmácia.

Ele participou em inúmeras exposições individuais e colectivas de fotografia até diversificar a sua colaboração na Imprensa, ultimamente muito voltada também para a reportagem do desporto automóvel.

Varenagh Aznaourian quer ser um "mediador" entre a Arménia e a Turquia



Ele só acredita em soluções «apolíticas»

Michel Castaing

Pela primeira vez, Charle Aznavour aceitou falar sobre o problema arménio. *«O meu assunto mais difícil»*, afirma o célebre cantor francês, e acreditamos nas suas palavras. De origem arménia — o seu verdadeiro nome é Varegagh Aznaourian — o autor de *Ils sont tombés*, a canção consagrada ao genocídio dos anos 1915 — 1922, sempre foi muito sensível a essa causa.

Em Paris, no dia que se seguiu àquele em que fez sessenta anos (nasceu a 22 de Maio de 1924), Charles Aznavour revela, durante a entrevista que nos concedeu, que ainda vai apoiar mais a Igreja e as escolas arménias por esse mundo.

Recusando alistar-se politicamente — tanto no plano interno francês como num dos movimentos arménios — o cantor-autor internacional teria vivamente desejado ser um «mediador» entre a Turquia, que respeita, e a Arménia, que ama. As circunstâncias não o quisram até agora.

Partidário da «união» no sentido forte da palavra, Charles Aznavour desejava ser um «aproximador». Parece ter envergadura e capacidades para isso. É um aspecto desconhecido da sua personalidade. A entrevista começa assim...

«O que é preciso dizer desde já é o seguinte: o povo turco não é um povo de imbecis. A Turquia provou que os seus dirigentes eram pessoas inteligentes. Não se pode dizer que não tenham sabido orientar-se nas últimas décadas.

— *Faz, naturalmente, uma diferença entre o Império otomano e a República turca?*

— Com certeza. Totalmente. É obrigatório fazer essa diferença. Como entre Hitler e a Alemanha, entre os nazis e a Alemanha. Como entre os colonos que mataram os índios para lhes roubar as terras e os americanos da actualidade. Não se pode incriminar todo um povo. Nunca é um povo que decide dizer sim ou não, são sempre os dirigentes.

— *Em 1980, desejou ser um mediador entre arménios e turcos. Em Janeiro deste ano dirigiu ao presidente do Tribunal de Relação daParis uma «carta de apoio» a quatro acusados arménios implicados numa acção terrorista.*(1) *Você não é conhecido como um homem político.*

— Ah, não, não sou um homem político. Estou empenhado numa única causa: a causa arménia. E ainda não de uma maneira revolucionária. Sou arménio de origem, nunca reneguei as minhas raízes, mas não vou instalar-me na Arménia. Não faço parte das pessoas que dizem: se o meu país mudar, ficar assim ou assado, regresso.

— *Você mesmo disse disse que isso era folclore.*

Não, disse que era o meu folclore, o que não é o mesmo. Por assim dizer, fiz do arménio a minha religião. Como não sou um homem terrivelmente religioso, preciso de uma religião. A minha, é a Arménia. E o meu país é a França. Sei que é difícil dizer: nunca irei viver para a Arménia e assegurar ao mesmo tempo que sou arménio. «Se não queres ir para a Arménia é porque não és arménio.» Não, sou francês. Mas tenho raízes que não posso cortar. Quanto mais o tempo passa mais profundas são essas raízes.

— *Considera-se como um francês da Arménia ou como um arménio de França?*

— *Como um francês muito simplesmente, mas de origem arménia. Não há outras qualificações possíveis.*

— *Voltemos às suas tomadas de posição.*

— Sim. Eu dizia de princípio: não posso deixar de sentir estima pelos turcos de hoje. Mas penso que eles estão a cometer um enorme erro histórico: negar o genocídio arménio. Não digo que seja o povo turco a negá-lo. O neto do «outro» talvez nem mesmo o saiba. Ele diz o que lhe mandam dizer. Ele conta aquilo que leu. Acho que seria tempo que todas estas coisas ruíssem. Ouça, há guerras por todo o lado: os irlandeses batem-se entre si, os árabes batem-se entre si, em Israel... Já é tempo de sermos maiores. Qual é o nosso tempo de vida na Terra? Que defendemos nós? Pretendemos defender o bem-estar e, finalmente, é o mal-estar que defendemos. Então, é a bomba. Pessoalmente sou contra a violência.

— *Nasceu em Paris, no Bairro Latino. Como tomou consciência do problema arménio?*

— Vou responder-lhe. Há duas maneiras de considerar a questão arménia. Primeiro naquilo que ela é desde o início: a recusa de reconhecer um facto histórico; a dificuldade de escrever a nossa própria história; os nossos escritores foram, a maior parte do tempo, impedidos de imprimir os seus livros. Havia pressões governamentais.

Continua a haver essas pressões. Em França não há tantas, desde a chegada do partido socialista ao poder. É verdade.

— *François Mitterrand foi o primeiro presidente francês a reconhecer oficialmente o genocídio arménio (2).*

— É incontestável. Mas para voltar à minha infância, à minha juventude, nós, a minha irmã e eu, tínhamos pais que não queriam «levantar ondas» no país que os acolhera. Chamavam-nos constantemente à atenção: cuidado, meus filhos, somos estrangeiros, fomos bem recebidos, não façamos barulho. Temos que nos conduzir bem. Foi assim que os nossos pais se alistaram como voluntários, que os nossos primos entraram na Resistência, que amigos muito próximos foram mortos pelos alemães, como Manouchian (3). Mas, para lhe dizer a verdade, não se falava muito em casa do problema arménio. Só o descobri através das lágrimas de uma mãe. A minha mãe chorava muitas vezes quando olhava para as fotografias da família. No entanto, nunca fomos criados no ódio. Isto é muito importante. E depois, a nação arménia francesa instalou-se. Tornou-se totalmente francesa. Não conheço arménios que tenham uma pronúncia, uma maneira de ser diferente. Se você for a Marselha, eles são marselheses, a Lyon, lionenses, etc.

— Não é justamente essa assimilação que a ASALA ou o MNA põem em causa (4)?

— Que idade têm as pessoas que os compõem? São decerto mais novos que eu. É preciso compreender que quando eu tinha doze, quinze ou dezoito anos, tinha que me assimilar. Precisava de um país.

— *Essas organizações contactaram-no?*

— Não sei quem veio uma vez ao Olympia. Contactaram-me dessa vez e eu disse-lhes: ouçam, meus filhos, toda a minha vida fiz o máximo pela nação arménia. Primeiro comecei a dizer que era arménio quando ninguém se atrevia a fazê-lo. Afirmei-o no palco e as pessoas reagiram assim: Ah, é arménio? Como Aznavour? Passei depois a raça arménia através do mundo, com o suor do meu rosto. Graças também aos talentos que queriam reconhecer-me. Instalei-a, à minha grande pedra arménia.

— *Com essa canção tão comevedora,* Ils sont tombés, *composta em 1976?*

— Muito antes disso. Durante a minha primeira passagem pelo Olympia, Bruno Coquatrix criou um programa internacional. Sydney Bechet e muitos outros. Se bem me lembro, o mimo Marceau era quem representava a França. Eu, era o arménio. Não me importei, cantava um canção francesa.

— *Não cantou em arménio?*

— Nunca na vida.

— *O que é que o determina, em suma, a querer ser um mediador?*

— Ser mediador significa pôr fim a qualquer coisa. Evocou a minha carta de apoio. Se amanhã quatro franceses tivessem uma problema na Austrália, eu faria exactamente a mesma coisa. É um caso de família. Se pudessem passar sem mim, era óptimo. Mas se, na verdade, precisam de mim numa linha bem definida, para uma espécie de enconro, estou pronto.

— *A que chama «encontro»?*

— Queria que tudo parasse. Que tudo de ambos os lados pusessem água no raki.

— *Em* Ils sont tombés, *você...*

— Não falo dos turcos.

— *É isso.*

— Não teria cometido o erro de falar dos turcos. Porque teríamos logo pensado na Turquia actual, assim como nos turcos que trabalham em França. Não posso acusar essas pessoas. O Império Otomano é que está em causa.

— *No entanto, a Turquia de hoje parece tomar o passado por sua conta, visto que protesta vigorosamente sempre que se fala do genocídio arménio...*

— Porque eu penso que a Turquia actual ainda é demasiado altiva, demasiado orgulhosa, demasiado «antiquada» para aceitar uma coisa que o mundo inteiro aceitou para outras raças. Que fizeram os alemães? O que é que os canadianos ainda hoje pagam — é uma coisa que não se sabe — aos índios do país? Etc.

— *Em certos meios arménios contesta-se a autencidade da sua armenidade. Que tem a dizer?*

— Que contestá-la convém a certas pessoas. Mas que venham dizer-mo na cara. Constou-me mesmo que alguém disse: ele começa a dizer que é arménio porque isso lhe traz vantagens. Ora basta abrir o programa do teatro de *Petit-Monde*, em 1933! e ler, para me designar — «o pequeno caucasiano» (5). Podem contar de mim o que quiserem, nao me importo nada. Sigo em frente. Fui sempre um bulldozer. Sem isso, teria sido alfaiate. Quantos cantores arménios fizeram uma grande carreira no mundo? Sou o único, sem modéstia. Ora é hoje muito difícil ser arménio, sobretudo para as pessoas da minha geração. É menos duro para os jovens: eles têm uma causa. Nós nem mesmo temos o direito de ter uma causa.

— *E crente?*

— Sim... sim... Respondo-lhe neste tom. Sou crente. Trago ao pescoço a cruz arménia. Não a uso por ser crente mas porque sou de origem arménia. Não é a mesma coisa.

— *Nas suas canções fala muitas vezes de Deus?*

— Sim, muitas. É uma personagem maravilhosa.

— *Em* Ils sont tombés *há duas referências a Deus.*

— Porque era um massacre religioso. Um genocídio religioso. É bom não esquecer isto. aqueles que aceitaram ser islamizados não foram exterminados. Só os gregorianos o foram. Os católicos de Ankara não foram, na sua maioria, inquietados. O Papa protegera-os. Totalmente os que eram de expressão turca. O povo, pelo menos, ouviu dizer isso.

— *Quando foi cantar a Erevan (capital da Arménia soviética), há vinte anos, em 1964, que acolhimento teve?*

— Sentiram-se transportados, e também um pouco incomodados com algumas das minhas palavras. Porque me disseram: o quê? Não canta em arménio? Eu disse: não, sou um cantor francês. Disse no palco algumas palavras em arménio. Não foi grande coisa. Fizeram-me jurar que, para a próxima vez cantaria em arménio. Mas eu não sei cantar em arménio.

— *Mas conhece a língua. Que arménio fala? O ocidental ou o oriental?*

— Um pouco dos dois. É uma mistura. O meu pai era arménio da Rússia e a minha mãe arménia da Turquia. Falo o arménio corrente. Talvez mais o arménio da Turquia porque neste domínio a mãe é quem influencia mais.

— *Quais são os seus projectos sobre o problema arménio?*

— Quando disse, em 1980, que gostaria de ser um mediador, creio que isso não agradou a ninguém. Então recuei. É preciso saber recuar, reconhecer as coisas. O objectivo fundamental é este: essa nação não deve desaparecer. É uma bela nação. Então, o que vou fazer é inclinar-me muito mais sobre o caso das escolas arménias. Pediram-me que fizesse um espectáculo em que os lugares fossem muito caros, para construir em França uma escola onde as crianças arménias pudessem praticar a sua

Continua na pág. 7

Aznavour e a sua família

Charles Aznavour explica pela primeira vez o seu envolvimento "apolítico" na causa arménia:

"É necessário que a Nação não desapareça"

Continuação da pág. 6

língua. Adoro as crianças. Vou ocupar-me disso. E depois vou ajudar a Igreja arménia, aqui e além. Já fiz um espectáculo para a de Nova Iorque. Pediram-me um para a de Nova Jersey. Há alguns anos um recital para as escolas arménias da Argentina. Vou ocupar-me disso.

— *Ao ouvi-lo, tem-se finalmente a impressão de que lamenta ter tomado posição sobre o problema arménio?*

— Oh, de modo algum. Se tivesse que voltar atrás, faria o mesmo. O que sobretudo lamento é não ser de grande utilidade. Temos que ver que há duas Arménias. A Arménia recuperável e a que existe. Há esse sonho intocável que flutua em territórios que já não são arménios, e há a Arménia real. É isto que eu tenho defendido. Dantes, principalmente depois da guerra, dizia-se: a Arménia não existe. Eu saltava: Sim, ela existe! A Arménia soviética. Respondiam-me: O que quer dizer isso de não ser livre? Já lá forem ver? A Arménia existe, aquelas pessoas têm uma Arménia. Fala-se lá o arménio. Há um governo arménio, mesmo que seja um governo satélite. Há algo de presente e de sólido.

— *Por que razão nunca tomou partido no ASALA e no MNA?*

— A partir do momento em que está dividido, é-me impossível escolher esta ou aquela causa. Tenho amigos arménios mas não frequento meios arménios. O que me incomoda é isso: a divisão. Dou-lhe um exemplo: quando os meus pais morreram foram enterrados por um padre gregoriano. Mas também mandei chamar um padre católico. Não o eliminei. Um dia, na Austrália, convidaram-me para uma festa de beneficência onde se encontrariam muitos arménios. Eu disse-lhes: vou desde que todas as tendências religiosas e políticas estejam representadas. O meu propósito é esse: a união.

— Quer, na verdade, juntar as pessoas?

— Creio que sim. Bastante. Sim, quero. As pessoas que me vêm ver não trazem bandeiras. De cor política, quero dizer. o que antes de mais me interessa é o homem, a pessoa humana.»

(1) No dia 31 de Janeiro de 1984, quatro arménios foram condenados a sete anos de reclusão criminal pelo Tribunal da Relação de Paris presidido por Guy Floch. No dia 24 de Setembro de 1981 tinham tomado alguns reféns no consulado da Túrquia, em Paris. Nessa altura um guarda turco foi morto e o consul geral adjunto gravemente ferido. Numa carta dirigida a Floch antes da abertura do processo, Charles Aznavour exprimira *«a esperança de uma boa solução para os jovens que tinham a desculpa da busca de indentidade e da incertezxa do desraizamento»*.

(2) Numa alocução pronunciada em Vienne (Isère), no dia 7 de Janeiro de 84 o chefe do Estado declarou à comunidade arménia: «Não é possível apagar o genocídio de que sofreram. É preciso que ele se increva na memória dos homens».

(3) Misseak Manouchian, chefe do movimento da resistência MOI (mão-de-obra emigrada), próxima do partido comunista e ligada aos FTP, foi, com vinte e dois companheiros do seu grupo, fuzilado pelos alemães no dia 21 de Fevereiro de 1944, no Mont Valérien. O processo, do grupo Manouchian seria colocado sob o signo de *Affiche rouge*, que denunciava os estrangeiros e que foi depois o título de um lendário poema de Aragon.

(4) O ASALA (Exército secreto arménio para a libertação da Arménia) compreende várias tendências, dos moderados aos extremistas, partidários de acções terroristas. O MNA (Movimento Nacional Arménio) procura uma solução para o problema arménio através de vias políticas.

(5) Charles Aznavour estreou-se no palco do Teatro do *Petit Mord* aos nove anos de idade, como «dançarino caucasiano». No mesmo ano (1933) representava no seu primeiro filme, *La guerre des gosses*, com Moulouji. Depois disso uns trinta filmes dos quais os mais conhecidos são *La tête contre les murs* (Grande prémio da interpretação francesa para 1959, da Académie du cinema), *le Passage du Rhin, Un taxi pour Tobrouk, Ne tirez pas sur le pianiste, la Metamorphose des cloportes, Paris au mois d'aout*, e, mais recentemente (1982) *les Fantomes du chapelier*.

A juventude arménia está «de pé»

Só entre nós

GUERRA DAS ESTRELAS

■ Uma estreia universal: enquanto os portugueses celebravam, no passado dia 10 de Junho, o que resta de um «Dia da Raça» morno e tresandando a anos 50, o Pentágono obtinha uma «estreia decisiva» na Guerra das Estrelas, interceptando com um míssil, foram da atmosfera e a 180 quilómetros da Terra, uma ogiva balística intercontinental. É o primeiro **teste** (que se conheça) que dá credibilidade técnica à doutrina de dissuasão expressa por Ronald Reagan no seu discurso de Março de 1983, sobre a extensão dos sistemas defensivos dos EUA aos raios laser e a sistemas como o agora experimentado. O êxito americano significa, ao mesmo tempo, um genuíno «salto no vazio» em relação às possibilidades de guerra entre as duas superpotências: um novo território — o espaço — passa a ser habitado por uma multidão de alvos militares, que multiplicam os objectivos do «jogo termonuclear total». No dia seguinte, Tchernenko convidava os EUA a negociar «imediatamente» a supressão das armas anti-satélite, garantindo que um acordo sobre esta matéria seria, ao contrário do que afirmam os americanos, «verificável e altamente crível».

JORNALISMO POLACO

■ Segundo informações publicadas no «En Ligne Directe», o boletim da Federação Internacional dos Jornalistas, cerca de 1300 jornalistas polacos perderam o seu trabalho desde o 13 de Dezembro de 1981, e os **media** oficiais lançaram uma campanha para ridicularizar e denegrir os profissionais que não colaboram com o regime, e que acabaram, na sua maioria, por encontrar ocupações como motorista de táxis, representante de comérciO, artesão, etc.

Quanto à Associação dos Jornalistas da República Popular da Polónia (SDPRL), criada pelo governo depois da suspensão e encerramento da anterior Associação profissional (SDP), passou de 4633 membros declarados no primeiro Congresso, em 1982, a 5600 membros em 1983: 2500 destes são antigos membros da SDP, e os outros são empregados da editora «PSW Prasa-Ksiazka-Ruch», funcionários do partido ou pessoal auxiliar da rádio e da televisão que não teriam sido aceites na SDP. O poder, segundo a mesma fonte, terá sentido a necessidade de recrutar novo pessoal para postos de redacção, e numerosos funcionários do partido terão sido formados para a realização de tarefas jornalísticas.

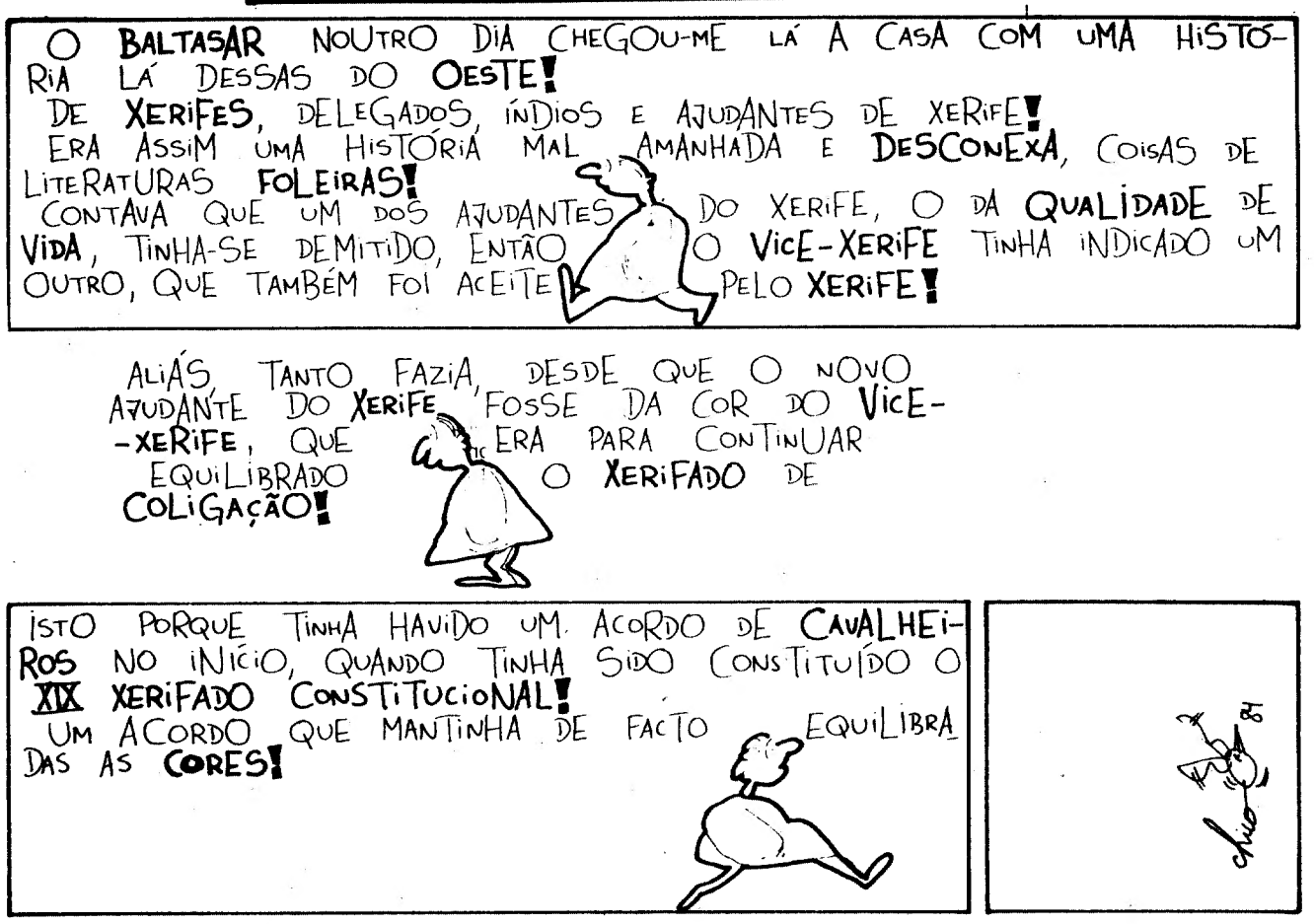
SEXTA COLUNA

■ A Associação dos Movimentos Nacionais Contra o Perigo Americano na Europa, com sede em Genebra, distribuiu pelo correio, com data de 25 de Maio, um documento classificado de **secreto** com origem no CIRL (Curreni Intelligence Reporting List), associado à CIA e a outros organismos de informações dos EUA, sobre as necessidades de informação americanas em relação a alguns países europeus em 1976. Nesse ano, o Departamento de Recursos Humanos do CIRL procurava «correspondentes» em Portugal e em outras partes da Europa. No que respeita ao nosso país, o CIRL pretendia informar-se sobre as «chances» da entrada na CEE, sobre as intenções de relação com a NATO, sobre os sucessos de Melo Antunes nas ex-colónias como ministro dos Negócios Estrangeiros, sobre a influência portuguesa na evolução política de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, sobre a assistência de Estado aos militares desmobilizados a seguir ao fim da guerra colonial, sobre a influência dos comunistas na burocracia industrial e de negócios, sobre o futuro da Madeira e dos Açores, sobre o dispositivo de integração dos retornados de África, sobre o tipo de relações entre os comunistas soviéticos e os comunistas portugueses, sobre o número de unidades militares da região de Lisboa decididamente leais ao governo constituído, sobre as mudanças que o general Eanes iria produzir nas regiões militares, etc., etc., O número de código do documento divulgado pela Associação de Genebra é Noform CG CIRL WE 76-012; as informações deveriam ser conduzidas para CIA Headquarters Building, Washington, DC 20505, Code 143, extension 5577.

COMPRA DE AUTOMÓVEIS

■ No seu último número, o boletim do BEUC (Organização Europeia das Uniões de Consumidores) dá os parabéns ao Parlamento Europeu, que está a tentar legalisar um regime de facilidades de importação pessoal de automóveis nos países da CEE. O Parlamento tem apoiado o trabalho de uma comissão encarregada de limitar a concorrência entre produtores, facilitando a cada cidadão a compra de automóveis em países estrangeiros, beneficiando das garantias e dos serviços pós-venda nacionais. Por outro lado, a comissão está a estabelecer o direito de cada cidadão a importar mediante um intermediário devidamente autorizado por escrito — e essa encomenda por escrito evitaria ao mesmo tempo a multiplicação dos regimes de importação paralela que hoje dominam na Europa, beneficiando da relativa flutuação das margens de lucro devidas aos revendedores, que se aproveitam das diferenças de regime e de preços de país para país. Mais do que nunca nesta matéria, o BEUC é convidado a intervir ajudando e informando a comissão do Parlamento Europeu. O mínimo que se pode dizer sobre esta iniciativa é que ela sublinha a distância (em anos-luz) a que Portugal e cada português se encontra da Europa e de cada europeu no respeitante a um direito que, no Ocidente, se transformou em **direito e liberdade fundamental**: o do acesso ao carro próprio. Sabem os leitores quanto arrecada o Estado na compra, por um cidadão português, de um automóvel para seu uso pessoal?

doces crónicas



A estrela que mata

A terra é sacudida em períodos regulares de vários milhões de anos por violentos impactos de cometas, que se precipitam sobre a sua superfície, provocando a extinção de espécies inteiras de organismos vivos.

Segundo uma teoria apresentada por investigadores norte-americanos, o responsável por esse periódico bombardeamento cósmico seria uma «estrela assassina», companheira do Sol dentro de um sistema de estrela dupla, que na sua passagem pelos confins do nosso sistema planetário, em cada 26 a 30 milhões de anos, solta cometas da sua órbita e os lança contra a terra.

Segundo esta teoria, a próxima chuva seria lançada dentro de uns 14 milhões de anos, em direcção ao interior do sistema solar.

Este modelo explicaria o desaparecimento súbito dos dinossauros há 65 milhões de anos, após um reinado indiscutível sobre todo o planeta durante 140 milhões de anos.

Uma espessa nuvem de poeira, consequência do impacto de um enorme corpo sideral, obscureceu então a luz solar sobre a terra, durante vários meses. O frio e a fome, dizem os cientistas, provocaram o desaparecimento dos enormes sáurios e de outras formas de vida terrestre.

As bases desta teoria foram fornecidas pelas investigações dos paleontólogos David M. Raup e John Sepkowski, de Chicago. Segundo elas, com certa regularidade e em cada 26 ou 30 milhões de anos, registou-se o desaparecimento maciço de formas de vida sobre o planeta, incluindo os dinossauros.

Estimulado por estas investigações, um grupo de cientistas da Universidade de Berkeley, Califórnia, atirou-se à tarefa de examinar a idade das crateras de origem não vulcânica, aparentemente provocadas pelo impacto de pesados corpos siderais sobre a terra.

O resultado foi a descoberta de um ciclo de 28 milhões de anos, dando lugar à suposição de que poderia haver uma estreita relação entre a formação das crateras e as catástrofes sofridas pela vida na Terra.

«As crateras sobre a terra estão indubitavelmente relacionadas com a extinção de formas de vida». afirmou à Imprensa o chefe do projecto, o físico Richard A. Muller, da Universidade de Berkeley. «É um facto o desaparecimento periódico de espécies inteiras, num processo cronologicamente idêntico com o impacto de pesados cometas» acrescentou.

Baseando-se nestas constatações, Muller, em colaboração com o físico Piet Hut, de Princeton, e o astrónomo Marc Davis, de Berkeley, começou a procurar um mecanismo astronómico que as explicasse, encontrando o modelo da chamada «estrela assassina», uma gémea do nosso sal de um sistema de estrela dupla.

A suposta estrela, uma anã vermelha, passaria em cada 28 milhões de anos em órbita elíptica pela denominada «Nuvem de Oort», um conglomerado de cometas situado nos bordos do sistema solar.

Assim chamada em honra do seu descobridor, o astrónomo holandês Jan Oort, a nuvem rodeia o Sol a uma distância até 100 mil unidades astronómicas (1UA=150 milhões de quilómetros).

Segundo a teoria, quando o suposto companheiro de rota do sol roça a nuvem de Oort, convulsiona completamente esse conjunto de cerca de 100 000 milhões de corpos celestes, o seu influxo gravitacional lançando alguns deles para o centro do sistema solar, potencialmente dirigidos em colisão para terra.

O nosso planeta constitui um alvo possível para uma dezena de impactos, segundo a teoria, «e um após o outro», conforme acrescentou o físico Muller.

Até agora, os cientistas não puderam encontrar a suposta «estrela assassina», apesar de, na sua opinião, não ser muito difícil situá-la, a uma suposta distância de uns 22 biliões de quilómetros.

Desde a extinção dos dinossauros, segundo os paleontólogos Raup e Sepkowski, teria ocorrido duas novas catástrofes que fizeram desaparecer entre 20 a 70 por cento da vida terrestre: uma há 37 milhões de anos e outra há uns 14 milhões, ambas coincidentes, aproximadamente, com a teoria do extermínio cíclico. De acordo com esta teoria, faltariam então somente mais 14 milhões de anos para que a perigosa gémea do Sol lance novamente a morte sobre a Terra. ■

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

sete sete
MENSAGENS PESSOAIS

Raquete Donnay/Discos Clássicos e Jazz

Raquete de ténis Donnay (c/capa e encordoamento c/mês de uso), 2 500$00. Discos clássicos (Wagner, Chopin, Ravel, etc.) e Jazz (Jan Garbarek, Jim Hall, etc.) de 400$00 a 700$00. Telef. 2766150 (19,30-20,30)

Compro «Roulotte»

2.ª mão, em conta, pequena, de preferência com avançado, geleira (a electricidade e gás) e habituais extras, em bom estado para deslocação e bem conservada. Agradeço que não responda se não satisfizer ao pedido. Telef. dias úteis Lisboa 540116 das 10.00 às 17.00 e depois das 20.00 Almada 2290934

Escola

«Abrimos inscrições na Escola A HORTA. Contamos com os teus filhos para este projecto pedagógico. Amplo espaço verde. Pedrouços, Telef. 616679».

Painéis

Pintam-se painéis decorativos (fotos ampliadas, por ex.) para casas comerciais e outras, montras, letras ER ER, desenhos. Preços baixos. Contactar: Rui, Tel. 784427.

«Abat-jours»

Vendo. Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil 182 traseiras. Fácil estacionamento. Telef. 881937 — 1700 Lisboa.

Decoradora

Faço e coloco todo o tipo de cortinados, reposteiros, sanefas, colchas etc. Com oficina própria, 30 anos de prática, Luísa de Abreu, T. 539776 Lisboa.

Renault 16 TL

Bom estado. Preço módico. Rua do Segeiro, 28, Évora. Tel 25517 ou Tel. 2421030 de Lisboa, este até às 14,30 ou após às 20 horas.

Máquina de Filmar

Máquina de filmar super 8-Elmo super 103 T e/estojo e demais acessórios. Tratar sábados e domingos Tel. 28810, ind. 033.

Serra eléctrica

Compro serra eléctrica rotativa (pequena) para cortar pedra, trabalhos de escultura. Rui Chaves, Tel. 784427.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.